

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO AMBIENTAIS IESA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**Goiandira: Um Lugar em Construção**

JOSÉ ANTÔNIO FREITAS DE PAULA

GOIÂNIA

2001

# **Goiandira: Um Lugar em Construção**

**JOSÉ ANTÔNIO FREITAS DE PAULA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof. Dr. Manoel Calaça.

**GOIÂNIA**

**2001**

# Goiandira: Um Lugar em Construção

JOSÉ ANTÔNIO FREITAS DE PAULA

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2001, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

## Banca Examinadora:

Nome

Instituição

Nome

Instituição

Nome

Instituição

## RESUMO

O estudo do lugar assume importância fundamental diante do processo de globalização, visto que o mesmo não anula a localidade, pelo contrário reafirma-a. Diante disso, é necessário revisitar o lugar com nova-ética e enfoque.

Este trabalho parte dessa premissa de um novo enfoque em relação ao lugar, colocando o “nativo” como sujeito no movimento de construção do espaço, no seu cotidiano no seu dia-a-dia e na sua relação de vizinhança. E, ao mesmo tempo, fazendo parte do contexto sócio-espacial maior, o que foi feito em relação a Goiandira.

## ABSTRACT

The study of a place assume a fundamental importance front the process of globalization, seen that the same don't annul the place, na the contrary. It only affirm him front this is necessary to revisit the place with a new optic and focus.

This work begins with the premis of a new focus in relation to the place, putting the "native" as a person, in the moviment of construction of your aun place, in his quatidian, in his day-by-day and in his relation within the neighborrod. And at the same time being part of the context social-spacial higher. this was want we made in relation to Goiandira.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa se tornou realizável pela participação direta e indireta de várias pessoas.

Agradeço, inicialmente, ao Profº Drº Manoel Calaça pela orientação firme e, acima de tudo, amiga. A você Calaça, se me permite, muito obrigado.

Ao atual Prefeito Joaquim Batista Tristão pela gentileza de ter me cedido as fotos do seu arquivo pessoal, tão essenciais à minha pesquisa.

Ao Ex-prefeito José Teixeira de Araújo pelas informações e também por ter me passado, do seu arquivo pessoal, as fotos para realização desse trabalho. Assim como também ao Ex-prefeito Rubens Abdala pela gentileza de repassar-me, do seu arquivo pessoal, documentos e fotos para esta pesquisa.

Ao Sr. Sebastião Jardim pelas informações e fotos que ele me pôs à disposição.

A Profª. Clara Moreira por ter colaborado com algumas obras de escritores da região, da sua coleção pessoal.

A Profª. Maria Alves de Souza pela colaboração com documentos de seu arquivo pessoal, que tão gentilmente me cedeu.

Ao João Luís pela incansável procura de fotos para o meu trabalho.

Ao Arlei Garcia Cardoso pela digitação do trabalho e organização das fotos.

“O lugar é onde estão os homens  
juntos, sentindo, vivendo,  
pensando, emocionando-se”.

(Santos. 1999:3).

"A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas da apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico, e revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho, e lazer enquanto situações vivida, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno".

(Carlos, 1996:26).



PARA:

Meu pai Geraldo Lopes de Paula e minha  
mãe Maria Freitas de Paula, pela educação,  
amor e carinho que sempre me deram.

## ÍNDICE GERAL

Resumo .....	iii
Abstract .....	iv
Agradecimentos .....	v
Índice geral .....	ix
Índice de fotos .....	xi
Índice de quadros.....	xii
Índice de figuras .....	xiii
Considerações iniciais .....	15
<b>Capítulo I</b> A gênese e a construção de Goiandira .....	22
1 - A origem de Goiandira .....	28
2 – Goiandira na divisão sócio espacial do trabalho .....	34
3 – O processo de emancipação de Goiandira .....	41
4 – Goiandira como porta de entrada das concepções de modernidade .....	45
5 – Goiandira na nova conjuntura sócio-espacial da década de 60 .....	52
<b>Capítulo II</b> Nos passos dos seus moradores a composição do lugar .....	58
1- No caminhar o desyendar das formas e funções .....	61
2 – As novas formas e funções na paisagem do cotidiano de Goiandira .....	70
3 – O lugar como produção da miséria .....	75
<b>Capítulo III</b> A Definição de Goiandira e a visão de seus moradores .....	83
1 – A transformação do lugar .....	87
2 – O lugar como negação do outro .....	92
3 – Goiandira como objeto de pesquisa de alguns pesquisadores locais .....	101
Considerações finais .....	107
Referências bibliográficas .....	142

## ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1 - Parede da estação de Goiandira, cujo nome esta conserva a Letra “Y”, demonstrando a originalidade da construção 1912.....	111
Foto 2 - Vista lateral da mesma estação .....	111
Foto 3 - Estação Ferroviária de Goiandira construída na década de 40.....	112
Foto 4 - Suntuosa casa de fazendeiro de Goiandira construída em 1919 .....	112
Foto 5 - Casa de um trabalhador mostrando o contraste entre a riqueza e a pobreza do lugar.....	48
Foto 6 – Fachada frontal da sede da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de Goiandira o primeiro Hospital Maternidade do Estado de Goiás .....	113
Foto 7 – Vista frontal do viaduto sobre a Estrada de Ferro de Goiandira por ocasião do aniversário da Mesma, em 06/05/66, onde mostra em primeiro plano, no centro do viaduto, autoridades políticas e pessoas comuns da época .....	114
Foto 8 – Desfile escolar sobre o viaduto e Goiandira durante a inauguração da 1º festa agropecuária do lugar, em agosto de 1968.....	115
Foto 9 – Banda colegial do Colégio Geraldo Ferreira Pires durante às comemorações do aniversário de Goiandira em 06/05/69 .....	116
Foto 10 – Desfile Militar sobre o viaduto, na época em que Goiandira sediava o Batalhão Ferroviário para construção do novo traçado da ferrovia em 06/05/76 .....	117
Foto 11 – Aterramento do corte da ferrovia onde está localizado o viaduto e mostra também os trabalhadores que realizavam esta tarefa, junho/88.....	118
Foto12 - Seqüência de Aterramento do corte da Estrada de Ferro onde se localiza o viaduto, em sua fase de compactação e terraplenagem, junho/87 .....	119
Foto13 - Seqüência de Aterramento do corte da Estrada de Ferro em sua fase intermediária, mostrando ao fundo o viaduto, junho/88. ....	120
Foto 14 – Seqüência do aterramento do corte da estrada de ferro onde se localiza o viaduto, mostrando, aos fundos, o prédio da Estação Ferroviária de Goiás construída na década de 1940.....	121
Foto 15 – Corte do viaduto onde foi construído o novo viaduto que permite a saída de Goiandira para outros locais .....	122
Foto 16 – Inauguração do viaduto novo em Abril/85 .....	123
Foto 17 – Vista, por inteiro, do prédio da Prefeitura Municipal de Goiandira, nota-se no detalhe da madeira de lei das janelas e portas e sua arquitetura estilo fazenda do início do século (época dos coronéis) .....	124
Foto 18 - Vista lateral do prédio da Prefeitura construída em 1919, na época do asfaltamento de suas ruas laterais. Foto tirada em 01/02/1975.....	125
Foto 19 – Vista lateral do prédio da prefeitura às vésperas de sua demolição, janeiro de 1988 .....	126

Foto 20 - Prédio onde se localizava a Cadeia e Biblioteca Pública demoldia na década de 80 juntamente com a Prefeitura .....	127
Foto 21 - Início do destelhamento da Prefeitura Municipal de Goiandira em janeiro de 1988.....	128
Foto 22 - Seqüência de destelhamento da Prefeitura Municipal de Goiandira em 1988 .....	129
Foto 23 - Destruição da parede frontal da Prefeitura Municipal de Goiandira em 1988 .....	130
Foto 24 - Destruição frontal da Prefeitura Municipal de Goiandira em 1988 .....	131
Foto 25 – Destruição quase completa das paredes dos fundos da Prefeitura Municipal de Goiandira em 1988 .....	132
Foto 26 - Vista do prédio que outrora foi pensão (década de 30) posteriormente Caixa Econômica (década de 60), lanchonete (década de 80) e atualmente é casa de produtos agrícolas .....	133
Foto 27 - Rua onde havia várias pensões e hotéis no início do século, rua logo da primeira Estação Ferroviária de Goiandira .....	134
Foto 28 – Vista da praça do jardim com a torre (sem relógio), por ocasião do aniversário de Goiandira em 06/05/67, na qual as pessoas observavam a banda estudantil do colégio passar .....	135
Foto 29 – Vista da praça do jardim (com o relógio em seu topo) tendo aos fundos a fonte luminosa. Foto tirada por ocasião do aniversário de Goiandira em 06/05/87 .....	136
Foto 30 – Início da Construção da Vila Vitoriana, onde se mostram as placas de cimento que servirão de paredes para as mesmas, junho/84.....	137
Foto 31 - Construção da Vila Vitoriana em sua fase final - Agosto 1984 .....	138
Foto 32 – Construção da Vila Vitoriana onde já se nota as paredes de algumas casas quase concluída. Agosto/84 .....	139
Foto 33 – Inauguração da Vila Vitoriana (hoje Jardim Primavera) onde se podem observar as faixas políticas de representantes do poder na época que promoviam esse tipo de ação. Os famosos mutirões. Agosto/84.....	140

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Trens diários de passageiros que circulavam em Goiandira	67
QUADRO 2 – Bandeirante com destino a São Paulo / Brasília / Brasília / São Paulo .....	67
QUADRO 3 – Trens noturnos que circulavam por Goiandira .....	68

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização de Goiandira .....	27
FIGURA 2 – Caminhos de Tropeiros .....	29
FIGURA 3 – Sistema de transporte rodo-ferroviário (1920-1922) .....	46
FIGURA 4 – Rodovia Uberlândia – Brasília. ....	53

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A construção de uma pesquisa envolve uma série de escolhas. Dentre elas, que vão desde o objeto de análise até a forma de apresentação dos resultados, o pesquisador vai abrindo caminhos para a problematização de suas fontes. Diante disso, Goiandira, tomada como objeto de estudo, aparece, pois, como uma das escolhas a que me vi elaborando no processo de composição da presente pesquisa.

O desejo de ter Goiandira como objeto de pesquisa nasce não só por ser eu morador da cidade, mas também por outros motivos. Em primeiro lugar, o que impulsiona o estudo deste projeto é a busca por pensar em Goiandira a partir dos seus moradores, dos seus “nativos”.

Com esse intuito, o desejo não é contar sobre Goiandira através de idéias como fatos marcantes, mas sim compor Goiandira através da maneira com que seus moradores visualizam o lugar forjado, conforme o que vêem e o que sentem todos os dias, na verdade o que se espera é a compreensão do lugar a partir dos seus moradores.

Nesse sentido, a análise sobre Goiandira é uma análise relacionada ao seu cotidiano, cheia de pessoas, cheia de praças, viadutos e construções, já que são elementos que fazem parte do lugar que não foram ainda compostos como tais, em nenhuma pesquisa sobre essa cidade.

A perspectiva, pois, deste trabalho, pede a compreensão das experiências dos seus “nativos” recompostas pelos acontecimentos que movimentaram o lugar. Daí é possível perceber que a construção do lugar pelos moradores permite o alcance tanto das experiências desses moradores quanto do sentido que essas experiências dão ao lugar. Nesse processo as formas e funções adquirem importância fundamental para a compreensão do lugar. Entender, então, Goiandira dentro dessa perspectiva, é visualizá-la como processo dinâmico no qual envolve, na sua composição, todo o processo e movimento que fazem parte da vida dos seus moradores. Seja o presente, o passado, as experiências, os projetos para o futuro, a sua existência individual ou social, na sua interação e dinamismo.

Dessas considerações iniciais, fica explícito que a busca da pesquisa se dá no intuito de encontrar Goiandira a partir dos seus moradores, o que não envolve pensar só em fatos que aconteceram, mas também os vividos pelas pessoas.

A pesquisa aparece como busca pelo significado de Goiandira para as pessoas que nela vivem. Daí discutir o lugar permite visualizar o sentido que se tem dado a Goiandira alguns autores Goiandirenses, tais como: Adolfo Mariano, Esaú Marques Guimarães entre outros.

A discussão sobre Goiandira é forjada por seus sujeitos, explicitando os significados que são dados a mesma. É perceber esses significados recompostos por seus moradores e pelo olhar que se tem sobre ela.

É a partir desta visão que se processa, em seu movimento, a constituição de Goiandira como parte integrante do contexto sócio-espacial brasileiro, sendo um dos lugares novos nascidos com a chegada da Estrada de Ferro Goiás, na Fazenda de Campo Limpo, que teve extensão rápida e eficaz pois, pelo trem de ferro, foram trazidas pessoas de outros espaços que, pelo interesse, principalmente econômico, se fixaram no lugar. Junto com essas pessoas vieram também algumas indústrias e casas de comércio, tornando o lugar a principal porta de entrada das concepções e idéias de modernização.

É nesse sentido que Goiandira foi inserida à divisão espacial do trabalho, ou seja, com a chegada da linha férrea, que partiu de Araguari, no Estado de Minas Gerais e fez ponto final em Goiandira em 1911, (Mariano, 1978). Um ano mais tarde, em 1912, foi construído o prédio da Estação Ferroviária, junto ao qual, novas casas foram surgindo, e sob a invocação de São Sebastião, nesse mesmo ano, foi erguida a primeira capelinha. Goiandira "cresceu". Ora era uma pequena casa comercial, que se instalava, ora era um fazendeiro ou agricultor que adquiria novas terras. Desse modo o lugar tomou "corpo" em desenvolvimento e população e assim, em março de 1923, foi inaugurado o serviço de eletricidade e quase a esse tempo ergueu-se a atual matriz, que satisfaz os anseios espirituais dos habitantes da cidade.

A própria paisagem urbana de Goiandira teve seu início próximo a estrada de ferro, na faixa sul do lugar. Esta ocupação foi no sentido linear ao norte e oeste, devido ao sentido da estrada de ferro e as próprias condições topográficas encontradas.



Hoje, os equipamentos de lazer, cultura e comércio ocupam, predominantemente, o antigo traçado da via férrea, onde foi construído um aterro e que abriga a atual prefeitura e os bares. O antigo viaduto, onde por baixo passava os trilhos da estrada de ferro, atualmente serve para a produção de grandes festas, comícios políticos e local de descanso.

Portanto, a ferrovia foi um dos agentes na inserção de Goiandira à divisão sócio-espacial do trabalho, que assim veio possibilita uma maior inserção do subespaço goiano, nas relações capitalistas de produção. No entanto, Goiandira, que tinha tudo para se transformar num pólo de atração regional, vai se transformando em lugar que gradativamente perde essa condição de porta de entrada de modernização capitalista em sua expansão ao interior do subespaço goiano. Permanece, no, entanto, na visão de seus moradores, todo esse processo de construção que foi delineando Goiandira como lugar que perdeu a sua importância dentro desse contexto sócio-espacial, mas que, ao mesmo tempo, se transforma em um lugar bom de se morar, com suas características e peculiaridades, que mesmo sendo parte integrante do contexto sócio-espacial mais amplo, guarda as suas características próprias diante do movimento homogeneizante e esmagador da globalização.

Portanto, o objetivo principal consiste em apreender, em seu movimento, como se deu a construção do lugar: fazendo parte da totalidade, e, ao mesmo tempo, sem perder a sua especificidade, como identidade, entendendo-a também em sua relação de vizinhança, de estar junto e pertencer ao seu espaço, no seu dia-a-dia materializado, por relações sociais, que se realizam no plano do cotidiano. Tudo isso tecido segundo a visão dos seus moradores em sua dimensão espaço-temporal.

É o lugar, visto por seus habitantes, vivido e reconhecido em todos os cantos. Nesse sentido, é o percurso de uma prática vivida, cheia de lembranças materializada nas formas, nas paisagens, no caminhar dos seus habitantes, que se reconhece no seu lugar, (Carlos, 1996).

É através desse movimento que se deve analisar Goiandira, sempre na visão de seus moradores, pois são eles o sujeito que possui laços profundos entre habitante-lugar, assim como habitante-habitante, (Carlos, 1996).

Sendo assim, o primeiro capítulo, do presente trabalho, recompõe Goiandira nos seus primórdios, partindo sempre da visão dos seus “nativos”, como sujeito que constrói o seu espaço.

Esse primeiro capítulo está fundamentado principalmente na poesia de Mariano, que em seu texto reproduz fielmente o processo de construção de Goiandira, retratando com fidelidade os acontecimentos do lugar, pois, ao confrontarmos a poesia com outros documentos, observou-se que Mariano trabalha os acontecimentos que testemunhou, com uma aridez muito grande.

Mas, o motivo principal é que o poeta é um “nativo” do lugar e conhece cada detalhe de Goiandira e é nisso que a pesquisa busca a compreensão de Goiandira, segundo a visão dos moradores.

Além de Mariano, buscou-se também apoio em Andrade, Guimarães, Araújo, além de documentos relacionados à construção de Goiandira e vários outros depoimentos de pessoas que conheceram a construção do lugar, tudo isso passado por uma rigorosa análise crítica, sem, no entanto, anular a opinião dos protagonistas do processo de construção de Goiandira. Estes são, portanto, acontecimentos relacionados com o cotidiano dessas pessoas no seu dia-a-dia, mas que tem relacionamento com a totalidade sócio-espacial como o todo, visto pela ótica dos moradores do lugar.

No capítulo dois, trata-se do relato de um passeio com Sebastião Jardim, que nesse caminhar vai compondo Goiandira no seu cotidiano, na sua relação com as formas e funções da mesma, entrelaçado com outros depoimentos e poemas de Guimarães, que em suas observações fez crítica contundente à sociedade local, demonstrando, à sua maneira, as contradições entre capital e trabalho materializados no lugar.

Nesse sentido o que se procura analisar é partindo, da visão dos moradores, a produção da miséria e degradação humana do lugar como parte integrante da sociedade um como todo, manifestado, na paisagem e distribuição das casas e locais de Goiandira.

Já o terceiro capítulo culmina com várias entrevistas, onde os moradores manifestam a sua opinião e sua visão de Goiandira, relacionados a sua situação presente. No entanto, trata-se, de acordo com seus moradores, de entender

o porquê da cidade se transformar num lugar de aposentados, sem indústrias, sem o desenvolvimento de outrora.

Nesse ângulo, as opiniões e visões dos “nativos” recaem sobre as questões que, segundo eles, foram o grande entrave para o desenvolvimento de Goiandira, contribuindo para que o lugar chegasse ao estado atual.

O terceiro capítulo mostra, segundo a visão dos seus moradores, a transformação de Goiandira em um lugar sem o brilho de tempos idos, mas que possui a tranquilidade, a relação do conhecer uns aos outros, a vizinhança, o cotidiano que guarda a sua historicidade espaço-temporal. É um lugar aberto às transformações, mas que resiste ao processo massacrante da globalização.

Como toda pesquisa, não há uma conclusão definitiva, pronta e acabada sobre Goiandira, mas um processo em construção sempre aberto a novas visões e problematizações, que exige dos pesquisadores sempre a renovação de suas análises, de sua busca no entendimento do lugar, vez que nada é estático, tudo está em movimento, e, no que tange à sociedade e à construção do lugar, esse dinamismo é visível, e, mesmo a resistência do mesmo, significa uma transformação de base às imposições homogeneizantes da sociedade. Os questionamentos das ações, políticas da classe dominante local, já significam um posicionamento por parte dos moradores para a mudança.

No entanto, o lugar não pode ser visto nunca desarticulado do contexto. É isso que procuramos fazer o tempo todo, sempre destacando a visão dos moradores de Goiandira, pois é essa a problemática principal de nosso tema: é a voz do “nativo” como sujeito do seu lugar. Lugar este em constante construção.

Assim sendo, a pesquisa sempre teve como direção a percepção do “nativo” na construção do seu lugar, entendendo-o dentro do contexto sócio-espacial brasileiro, como parte integrante do mesmo, mas contendo as suas características e peculiaridades próprias. Foi isto que se procurou fazer e foi feito ao longo do texto através de depoimentos, livros e fotos, sempre entendendo que o lugar é um movimento em processo que não pára, mas se transforma em suas contradições. “Pois o lugar é o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”, (Santos, 1999 p. 258).

É isto que se procurou aprender em relação a Goiandira, trabalhando o lugar dentro de uma ótica diferenciada, não ortodoxa, fugindo, assim, ao tradicionalismo, colocando elementos novos na pesquisa do lugar. “Pois o novo não se inventa se descobre-se”, (Santos, 1996, p.22). Goiandira, como todo lugar, está sujeita à lei do movimento de transformação e renovação. E foi isto que se procurou entender sobre Goiandira, segundo a ótica dos seus moradores.

Em vez da anulação do lugar, o que se vê na análise é a sua reafirmação dentro do contexto atual da globalização, e isto torna essencial revisitar o lugar com novos enfoques, o que se procurou fazer em relação a Goiandira.

# CAPÍTULO I



Vista aérea de Goiandira na década de 1980. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)

# CAPÍTULO I

## A GÊNESE E A CONSTRUÇÃO DE GOIANDIRA

A redefinição do lugar tornou-se essencial diante do processo de globalização em marcha, de forma muito mais rápida do que qualquer outro período histórico, (Carlos 1996). Diante disso, o lugar ganha outra dimensão de análise e de explicação como porção do espaço apropriável para a vida, através do sentido do corpo, dos passos dos moradores, do reconhecimento destes em todos os sentidos, tendo a rua, o bairro, a praça, o reconhecimento do lugar pelo sujeito.

É o espaço do vivido, do apropriado pelo corpo, do lazer, da comunicação. É o espaço compreendido nas suas referências, que não é específico de formas e funções, mas produzida por uma gama de sentidos, marcados pelo uso, (Carlos 1996).

Neste movimento, a produção do espaço se configura no plano do cotidiano, pois o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer, mostrando, no cotidiano, os conflitos do mundo moderno, revelando as particularidades do lugar dentro do processo de homogeneização, (Santos 1996).

É o lugar visto por dentro, através de seus moradores em sua relação com o mundo. É a ótica dos seus habitantes na compreensão do seu espaço, não do “estrangeiro”<sup>1</sup>, refletindo sobre o lugar, dentro do contexto **mundo-lugar**.

Não é uma visão externalizada, mas vista do seu interior, através dos seus escritores, das pessoas que vivenciaram o processo de criação do lugar, e que através dos seus escritos, analisaram a sua construção no ato dessa transformação, em sua vivência do dia-dia. O olhar de um “nativo”<sup>2</sup> sobre o lugar, é um olhar de resgate da memória, do vivido. Ao contrário do olhar do “estrangeiro”, que onde chega quer descobrir as coisas, desvendar os segredos, desvendar o que se esconde. O nativo sabe onde as coisas estão, conhece os segredos, reconhece-se no que vê e no que toca. Dessa forma, a visão do “nativo” é marcada por algo, que a visão do estrangeiro não possui, a ligação afetiva com o espaço onde construiu sua história (Benjamim, 1987). Esse espaço, no qual o nativo vive, torna-se, assim substrato de sua memória, traduzido em seus escritos e depoimentos, pois cada pedaço desse espaço é um sinal evocador de lembranças que permite reconstituir o lugar (Benjamim, 1987).

O lugar é o teatro das paixões humanas, é o nosso imediato e se superpõe ao eixo dos tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando em definitivo as noções de realidade e tempo, (Santos, 1999). É isto que o “nativo” apreende de seu espaço. E o livro de um nativo, sobre seu lugar, será sempre relacionado ao seu vivido, à sua memória, já que o “escritor não passou sua infância lá em vão”, (Benjamim, 1987, p. 19).

Assim, quando trabalhamos com escritores “nativos” estamos analisando o lugar partindo de um processo interno de relação com o mundo. É a análise real concreta, teórico-prática, em seu movimento de apreensão dos acontecimentos, em sua ação. Mas esse lugar não é autonomizado, é parte integrante do movimento espaço-tempo, mais amplo, que é mediado pela técnica, ou construído e redefinido por ela.

---

<sup>1</sup> Estrangeiro – É o de fora que tudo quer conhecer e precisa procurar onde as coisas estão. (Benjamim 1987).

<sup>2</sup> Nativo – É o que conhece seu lugar sabe onde as coisas estão. (Benjamim, 1987)

Desse modo, a nossa análise de Goiandira, como lugar construído, foi fundamentada na visão dos seus “nativos”, as suas apreensões, esperanças, paixões, críticas, enfim, é a visão de dentro do lugar, que ao mesmo tempo tem a sua relação com o mundo e é redefinido por ele.

São pessoas que vivenciaram e revivenciaram o processo, e, de alguma forma, deixaram as suas opiniões, o seu testemunho, que foram mostrando, construindo, definindo o lugar. Escritores poetas, indivíduos, que estavam presentes no acontecer, expressaram aquilo que viveram, conforme seus pais, avós lhes passaram estas informações. É o cotidiano do vivido, sentido, em seu movimento espaço-tempo. Neste sentido não aplicou a categoria lugar, de fora vista do externo; ao contrário, partiu-se de dentro, construindo a categoria lugar, nos passos dos seus moradores.

A ferrovia não é o agente principal, ou poderíamos dizer, o ator principal, mas um dos elencos da peça que construiu o lugar, pois os agentes principais são as pessoas que escreveram sobre Goiandira. São eles, que por trás da trama, estiveram o tempo todo definindo, dando vida e movimento ao lugar em sua relação com o seu espaço. Espaço esse apreendido através do cheiro, do olhar, do som, enfim, por todos os sentidos. Neste contexto, si aqui acontecimentos que foram e são praxis do dia-a-dia, do momento, de sua ação, vividos pelo morador.

Além do mais, fundamenta-se o resgate de Goiandira na visão dos escritores regionais<sup>3</sup> de muitos entrevistados, assim como várias fotos da época, que foram o intuito de ir montando o lugar, construindo-o em seu movimento, em seu acontecer, em sua relação com o sujeito. Deste modo, procurou-se evitar, as ações estáticas, paradas no tempo e no espaço.

Sendo assim, as formas das casas, das ruas são vividas pelos seus moradores em sua função e relação com o mundo, pois a disposição das ruas, das casas, a própria paisagem, teve a sua construção definida pela ferrovia, e esta foi mediadora do lugar com outros espaços.

Dentro desse processo, Goiandira está contida e foi parte integrante da

---

<sup>3</sup> Mariano – Adolfo, 1978. Guimarães, Esaú Marques. 1978; ANDRADE, Ferreira de, 1950; Araújo, Visaldo S. de, 2000. O Poeta Nato 1978, Guimarães. Corografia de Goiandira 1950, Araújo – Histórias da Terra Branca e Outras Coisas Mais 2000.



divisão espacial do trabalho a partir de 1912. E, na atual conjuntura a partir da década de 70, adquiriu novas formas e conteúdos, em sua relação complexa, com o mundo. Mas esse lugar que se analisa aqui não é um fragmento das metrópoles, não é um bairro ou rua de São Paulo, ou qualquer outra grande cidade. É um lugar interiorano, onde resiste o sentimento de vizinhança, de solidariedade, de conhecer o outro, de saber onde as coisas estão. Nesse sentido, o “nativo” se torna peça fundamental, no entendimento do lugar.

Apesar de se fundamentar aqui teoricamente em Santos, Carlos, Benjamim e muitos outros, que trabalharam a categoria, lugar, o cotidiano e o vivido em sua relação com o todo, foi preciso partir de nossa própria premissa, na construção de Goiandira, visto que esses autores analisam e analisaram o lugar na ótica da metrópole. Isto se tornou insuficiente para o nosso estudo, obrigando-nos a trilhar outros caminhos para compreender Goiandira como lugar, procurando interpretar poemas, escritos de nativos, entrevistados, dar voz ao sujeito que constrói o seu espaço.

Por essa razão, todo o nosso trabalho está perpassado por poemas e depoimentos de pessoas do lugar, em sua relação com o mundo e, ao mesmo tempo, vivido o dia-a-dia, no cotidiano. É também o sujeito compreendendo a desigualdade sócio-econômica e espacial do seu lugar, como foi descrito por Esaú Marques em seu poema “O Capitalismo”; escrito em 1939 e publicado em 1978. Ou então o entendimento de Adolfo Mariano, no que se refere à ferrovia, como objeto técnico na construção de Goiandira e os moradores de Goiandira, que à sua maneira, entenderam o processo de construção do lugar e a sua redefinição na decadência, os mesmos compreenderam a resistência de Goiandira como lugar, diante do processo de homogeneização. E através de seus passos resgataram aquilo, que o lugar foi e o que se tornou atualmente.

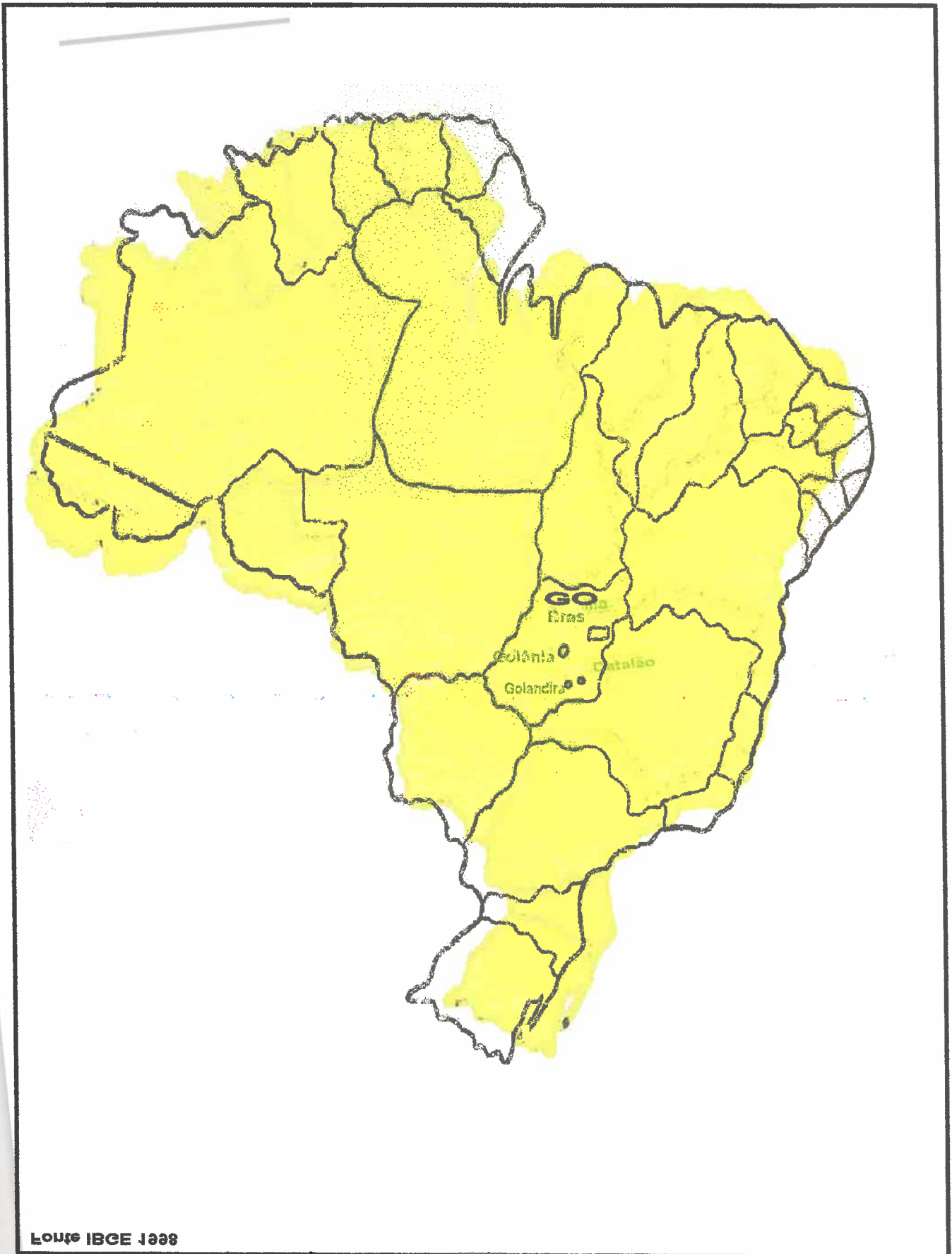
Neste sentido, foi uma tarefa instigante, e, ao mesmo tempo, árdua, que exigiu de nós muita sensibilidade para poder captar, nas entrelinhas, o sentido da construção do lugar, entender, no olhar do entrevistado, o que ele realmente quis dizer, porque um olhar muitas vezes diz muito mais que palavras.

Foi assim que o conhecimento sobre a gênese de Goiandira foi sendo construído.

Entender o lugar no atual contexto, significa muito mais do que falar sobre ele. Significa entendê-lo, em seu movimento, em sua concretude, através de seu acontecer imediato, mediatizado pela relação local-global. Senão causa em tautologia e palavras vazias, da qual não aprenderia a sua ação espaço-temporal; e isto é possível, através do seu interior, de uma visão vindo de dentro, e nisto precisaria-se de uma redefinição da categoria, lugar para colocá-la no movimento concreto real de quem os produziu, ou seja, o sujeito e o seu lugar. É dele (sujeito) que o lugar se torna verdadeiro, mediatizado pelo objeto técnico. Mas é o sujeito que o produziu em sua ação. Pois o objeto só se torna histórico, inserido na sociedade que os criou, ao mesmo tempo que adquire vida, diante do lugar, que transforma esse lugar. Isso é demonstrado pelas pessoas que escreveram ou falaram de Goiandira, conforme será analisado a seguir.

# LOCALIZAÇÃO DE GOIANDIRA

FIGURA 1



## 1 - A ORIGEM DE GOIANDIRA

Segundo consta, as terras onde estão situadas o município de Goiandira eram habitadas por tribos indígenas que acompanharam o Rio Paranaíba se fixando às margens dos córregos Fartura e Dourados e Água Fria. Pelos utensílios encontrados, supõe-se que estes indígenas eram Caiapós vindos da região de Araxá (Andrade, 1950).

Das primeiras pessoas que passaram por estas terras, não há registro. O que se sabe é que eram tropeiros e carreiros vindos de São Paulo e Minas Gerais e que por aqui passavam, por ser caminho mais perto e de melhor acesso para quem procurava chegar até Entre-Rios (hoje Ipameri), Santa Cruz, ou a antiga capital, (Figura 2).

Com o passar do tempo, após sucessivas viagens, a região tornou-se roteiro comum a todos aqueles que queriam atingir destinos compreendidos na rota acima citada.

Com isso, tornou-se local de pouso certo, onde os tropeiros e carreiros se refaziam do cansaço, de suas longas caminhadas.

De acordo com o poeta Adolfo Mariano, o ponto de pouso passou a ser designado de “Sesmaria de Campo Limpo”<sup>4</sup>. Ele diz:

(...)Neste Velho Campo Limpo  
Tinha só um habitante  
Com um pequeno batuo<sup>5</sup>  
Prá vender para os viajantes  
Biscoito e pé-de-moleque  
Sempre encontrava bastante

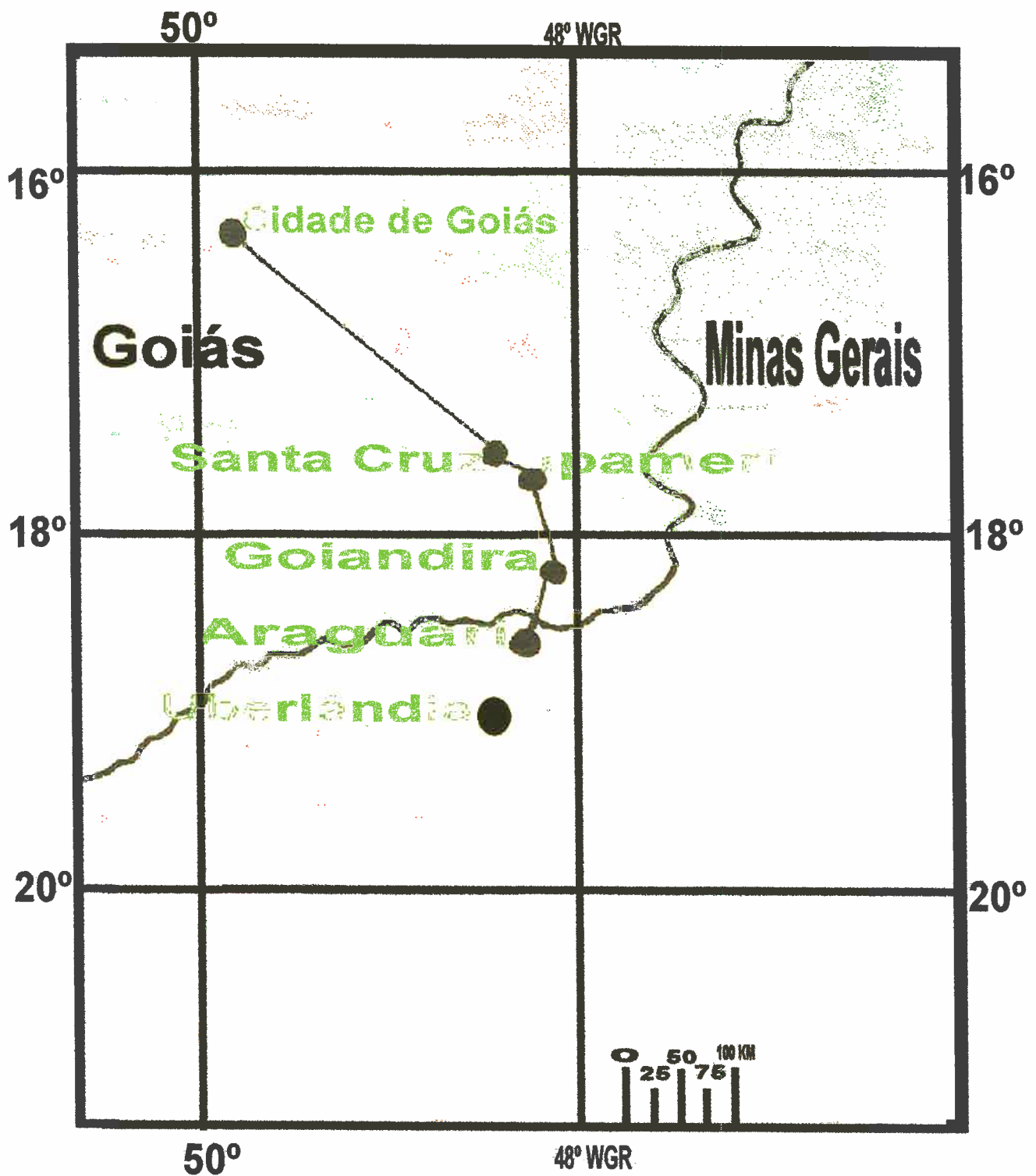
(Mariano, 1978, p. 150).

<sup>4</sup> A Sesmaria de Campo Limpo tem procedência remota como parte integrante da concessão feita a Bartolomeu Bueno da Silva (filho) e João Leite de Ortiz pelo chefe da capitania de São Paulo (Carta de 2 de julho de 1726) (Araújo, 2000 p. 16)

<sup>5</sup> Batuo – Pequeno estabelecimento, geralmente de duas portas para vender mercadorias (cachaça, fumo-de-rolô, etc...) (Andrade 1950, p. 18)

Figura 2

# CAMINHOS DE TROPEIROS



Como já foi dito, não se sabem os nomes dos primeiros tropeiros, que pela região passaram, nada construíram ou edificaram, nada ficou que resgatasse seus nomes, de onde vinham, para onde iam; nem mesmo a época ou ano de sua passagem sobrou, não houve a co-presença, a convivência, a contiguidade, a vizinhança, a interação, enfim, o estar juntos como “lugar do acontecer solidário” (Santos, 1999, p. 255).

Em função desse processo, o início de Goiandira é situado no ano de 1800, quando vindo de Minas Gerais, Tomás Garcia apoderou-se da Sesmaria de Campo Limpo<sup>6</sup>, nome dado devido à vegetação rústica e rasteira, característica da região (Andrade, 1950).

Tendo assim o início às primeiras residências em taipa<sup>7</sup>, que posteriormente viria a ser Goiandira.

Somente por volta de 1830, Jerônimo Teixeira levou sua posse ao registro paroquial de Santa Cruz, cuja Paróquia era jurisdicionada ao arraial de Catalão. Este veio a ser um dos primeiros proprietários de terras registrado na província de Goiás. Embora o registro paroquial nunca teve força para conferir o domínio de terras, porém foi um valioso dado estatístico para catalogar todas as posses existentes no subespaço goiano. (Araújo, 2000).

Portanto, deste modo, é atribuído a Tomás Garcia e Jerônimo Teixeira o título de pioneiros e “conquistadores” das terras de Goiandira, - antigo “Campo Limpo”. Isto se deu tanto em função do desconhecimento dos nomes dos primeiros tropeiros e carreiros que passaram pela região, como também pelo fato de que estes não tinham intenção de povoar aquelas terras, ou apossar-se delas. Tanto é que Campo Limpo passou a ser chamada de “Pousada do Campo Limpo”, pois continuou sendo ponto de parada de tropeiros e carreiros, (Andrade, 1950).

---

<sup>6</sup> Essa posse foi adquirida através de trapaça e uso da violência, por parte de Tomás Garcia, que depois de fazer o pagamento ao vendedor, mandou os capangas assassiná-lo, retirando-lhe todo o dinheiro, tornando possuidor de uma vasta extensão de terras, cuja área correspondia a 30.000 alqueires goianos, com o início no centro da atual Goiandira, foi em direção a Cumari, até as margens do Rio Paranaíba, Quatorze anos depois, após a morte de Tomás Garcia, Jerônimo Teixeira casou-se com a viúva do falecido, e passou a ser proprietário dos direitos totais da Sesmaria com os demais herdeiros (Araújo, 2000)

<sup>7</sup> Taipa – Residência feita de pau-a-pique com paredes revestidas de barro amarrado com embira (corda de bananeira) (Andrade, 1950 p. 17).

Por isso é que Mariano deixa bem claro, num verso de sua poesia, que Goiandira era apenas o local onde os viajantes passavam para dormir e descansar e depois seguir viagem para Araguari onde realizavam suas relações comerciais. Os versos dizem assim:

*Antes de ser Goiandira  
Campo Limpo é que chamava  
Era pouso de carreiro  
Quando por ali passava  
Com destino a Araguari  
A onde comerciava*

*(Mariano, 1978, p. 150).*

Ao contrário destes tropeiros e carreiros, era intenção de Tomás Garcia e Jerônimo Teixeira a conquista desta região. Tanto que saíram à procura de novas terras, sobretudo para a agricultura. Deste modo, alargaram a velha Sesmaria de Campo Limpo até os atuais sítios da Matinha e São Miguel.

Com estes pioneiros, uniram-se outras famílias alargando mais e mais a Sesmaria de Campo Limpo em busca de melhores terras, já que faltavam na região tanto o calcário como o fosfato, tornando-a quase imprópria para a agricultura ou mesmo a pecuária.

Com o desenvolvimento destas atividades primárias, a sociedade local se dinamiza a partir da zona rural onde a organização sócio-econômica e espacial deste era basicamente agrária.

É neste contexto que, com o passar dos anos, Goiandira recebeu os trilhos da estrada de ferro como objeto técnico que modifica e constrói o lugar, segundo a sua própria lógica. Lógica esta que é estranha ao próprio lugar, uma fonte de alienação espacial, que traz a idéia de progresso, de uma missão redentora, um nexo entre o arcaico (antes da ferrovia) e o moderno (com a ferrovia), que aos poucos vai construindo Goiandira, moldando o seu aspecto físico, constituindo paisagens e dando forma a seu conteúdo, criando sentimento e laços de identidades, assim descrito por Adolfo Mariano:

*Assim a Estrada de Ferro  
 Chegou naquele local  
 Foi tão grande a animação  
 Que abalou o pessoal  
 Antes da inauguração  
 Já tinha um grande arraial*

*(Mariano, 1978, p. 150).*

Ou ainda, como afirma Andrade (1950, p: 16) que Goiandira é considerada um dos lugares novos do subespaço goiano e teve um importante crescimento com a chegada da estrada de ferro que “partindo da cidade mineira de Araguari fez ponto final em nossa cidade no ano de 1911”.

No ano seguinte, ou seja, em 1912 era construído o prédio da Estação Ferroviária de Goiandira<sup>8</sup> que passou a nomear o lugar. (Foto 1 e 2)

A questão do nome de Goiandira e de seu significado se faz conhecido por meio de fontes orais, as quais divergem entre si na medida em que umas atestam que este nome foi dado à estação em homenagem a filha do Dr. Balduino que se chamava Goiandira. Retomando a poesia de Adolfo Mariano, em busca de esclarecimento, nela nada encontramos, pois este fato está assim registrado:

*“A turma da construção  
 Muita gente admira  
 Trabalhava sem cessão  
 Dia e Noite sem mentira  
 Ao terminar a estação  
 Deu o nome de Goiandira”*

*(Mariano, 1978, p. 150,)-*

---

<sup>8</sup> Termo indígena que significa “vale dos morcegos” (Andrade, 1950)



Borges faz alusão a este fato quando diz: "O trecho ferroviário entre Araguari e Roncador - inclui o ramal de Goiandira a Catalão, de 23 Km - correspondia a primeira etapa de implantação da Estrada de ferro em Goiás", (Borges, 1990 p. 68).

A estrada de ferro de Goiás foi a primeira via de transporte moderno que colocou o subespaço goiano em contato com os outros subespaços tais como: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, assim como despertou Goiás do seu isolamento, construída na primeira metade do Século XX, funcionou como instrumento para expansão capitalista e reorganização do espaço regional.

A medida que a estrada de ferro penetrava na região sudeste goiana, ia construindo novos lugares, e os já existentes se 'modernizavam', surgindo, daí, centros urbanos.

Este é um aspecto que Adolfo Mariano utiliza como marco divisor na construção de Goiandira. Isto é, ele percebe que ali era o antes e o depois. O antes para ele era uma época que nada de importante acontecera, e o depois seriam as transformações iniciadas com a estrada de ferro e que, inclusive, iria desencadear todo um processo de luta que dera condições para que ocorresse a própria emancipação de Goiandira.

Dessa forma entendemos o lugar enquanto processo em movimento que se interligam o antes e o depois, se assim não fosse, a ferrovia não passaria por Goiandira. Nesse sentido discordamos de Mariano ao fazer esse marco divisor do antes e o depois da ferrovia. Porém, o que se mostra aqui é a visão do nativo em relação ao seu lugar.

Segundo Mariano, a estrada de ferro era o elemento de integração do lugar com outros subespaço brasileiro.

"As técnicas são fenômenos históricos e por isso podemos identificar o momento da sua origem", (Santos, 1999, p. 47). Assim como a escala do lugar é possível a partir de um determinado objeto técnico entender a sua construção, isto é, a construção do lugar e a inserção deste dentro do contexto sócio-espacial dominante, neste sentido, a estrada de ferro foi responsável pela aceleração e desenvolvimento de Goiandira, com a construção de casas comerciais e residenciais, recebendo sempre alguns fazendeiros que compravam terras no município; ou com a vinda de alguns comerciantes que instalavam seu estabelecimento no lugar.

## 2 - GOIANDIRA NA DIVISÃO SÓCIO-ESPACIAL DO TRABALHO

Neste contexto, Goiandira crescia em população de maneira relativamente rápida, sobretudo em função do trem de ferro, que, sem dúvida, foi um importante elemento povoador, na medida em que trazia homens de diversos lugares e estímulo de modernidade e crescimento urbano.

Catalão no ano de 1890, contava com uma população de 11.243 habitantes. Em 1920 este número era de 38.574, neste número estava incluída a população de Goiandira, que contava com uma população total de 5.214 habitantes, (Andrade, 1950, p. 30).

Em função da integração de Goiandira com outros subespaços brasileiros, foram atraídos imigrantes<sup>9</sup> para o lugar, dos quais podemos citar os sírios libaneses, os portugueses, os espanhóis e italianos que instalaram estabelecimentos comerciais e algumas fábricas, das quais as primeiras foram de prego e macarrão.

Estes acontecimentos são narrados por Adolfo Mariano:

*Assim passou a Distrito  
Goiandira foi avante  
Diariamente no local  
Chegava um imigrante  
A procura de serviços  
Com os velhos habitantes  
(...) Eu li que a primeira indústria  
Que fundou neste torrão  
Foi uma fábrica de prego*

---

<sup>9</sup> Acreditamos que o município de Goiandira, em virtude da corrente migratória que se vem verificando ultimamente, e pela maior fixação do homem à terra, como se vem observando de um ano ou mais para cá apresentou um sensível aumento de população e maior densidade demográfica". (Andrade 1950, p.31)

*E uma de macarrão  
E uma fábrica de queijo  
Do afamado parmezão”*

*(Mariano, 1978, p. 151).*

Quanto às propriedades rurais do município, eram relativamente grandes e, apesar de não poderem ser chamadas de latifúndios, os fazendeiros subordinavam a maioria da população no cultivo da terra e criação de animais. A maioria da população trabalhava nas fazendas como agregado ou sesmeiro, ou seja, moravam nas fazendas onde trabalhavam.

Adolfo Mariano enaltece em sua poesia a figura do homem do campo, sem no entanto, mencionar as condições do empregado diante do fazendeiro e sua submissão às relações de trabalho desigual entre proprietários e trabalhadores. Vejamos:

*“A nossa zona rural  
Aumentou a produção  
O herói homem do campo  
Honrando sempre missão  
Abastecia o local  
Com milho, arroz e feijão”.*

*(Mariano, 1978, p. 151).*

Percebe-se na poesia o novo como negação do velho. Isto está evidente neste e no próximo trecho da poesia. Ao mesmo tempo que ele fala do heroísmo do homem do campo em estar conseguindo abastecer o lugar, e com isso, promover o progresso, esse progresso significa, na verdade, inserção de Goiandira nas relações capitalistas de produção. Ele fala de aspectos que fazem parte do velho, do “atrasado”, e isto se dá quando se refere ao comércio e à dificuldade nos transportes internos.

*Os armazéns da cidade*

*Todo ano abastecia*

*Buscava a carro de boi*

*Trafegando noite e dia*

*Pois até naquela data*

*Caminhão não existia*

*(Mariano, 1978, p. 151).*

Como centro produtor, Goiandira tinha na criação de gado sua principal riqueza, seguida pela produção de milho, arroz, feijão. Com o passar dos anos, melhoramentos técnicos das colheitas e com transporte moderno, como é o caso da estrada de ferro, Goiandira adquiriu condições de exportar seus produtos agrícolas e pecuários aumentando, assim, a renda do lugar (Andrade, 1950).

O principal produto exportado foi o arroz, que ia para as cidades de São Paulo, Ribeirão Preto, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

O gado vinha em segundo lugar e abastecia principalmente os municípios vizinhos e o subespaço mineiro, especialmente a cidade de Uberaba. O feijão vinha em terceiro lugar, também exportado para as cidades acima mencionadas, (Mariano, 1978).

O transporte destas mercadorias era feito por meio da estrada de ferro, colocando, assim, Goiandira dentro do contexto da divisão sócio-espacial do trabalho como produtor de bens primários para outros subespaços, assim como o subespaço goiano, que apesar disso só completara a sua inserção ao contexto capitalista como produtor de bens primários a outras regiões brasileiras, após a Revolução de Trinta” e com a “Marcha para o Oeste” e o início do processo de modernização da agricultura e da indústria que tirou o subespaço goiano do isolamento em que se encontrava desde a decadência da mineração.

*A vida de Goiandira*

*Eu quero fazer ciente*

*Vou pegar pelo começo*

*Até a hora presente*

*O seu passado eu conheço*

*Desde a primeira semente*

*(...)*

*“Neste velho Campo Limpo*

*Tinha só um habitante*

*Com um pequeno boteco*

*Pra vender para os viajantes*

*Biscoito e pé-de-moleque*

*Sempre encontrava bastante*

*(Mariano, 1978, p. 150).*

Nas entrelinhas da terceira estrofe, Adolfo Mariano deixa transparecer sua opinião sobre a insignificância do início da vida de Goiandira. O período é tão sem importância que ele chega ao exagero de dizer que lá “só tinha um habitante”. Deste relato ele deixa claro que é a partir da ferrovia que Goiandira passa a existir como lugar.

*Em novecentos e doze*

*Que começou Goiandira*

*Com cafuas de zinco*

*Todas amarradas na embira*

*Em quinze era Distrito*

*Com tendência para vila*

*(Mariano, 1978, p. 150).*

O lugar vai tomando forma e remodelando a paisagem das cafuas de zinco às casas de taipa, com as ruas e as pensões e as casas comerciais, assim como os laços de solidariedade das pessoas no seu viver, sentir, emocionar-se, enfim, no seu cotidiano e também na identidade habitante-lugar. Com isto, ele deixa bem claro a importância da ferrovia como agente transformador do lugar. Faz também comparação entre o antigo e o novo, quando fala das cafuas de zinco amarradas de “embira” e a possibilidade de Goiandira transformar-se em Distrito. Ou seja, o novo em negação do velho, cuja síntese, seria o lugar de “progresso” e prosperidade, que

na verdade seria a inserção de Goiandira na divisão sócio-espacial do trabalho e seu entrelaçamento com outros subespaços brasileiros. Essa idéia é passada quando ele diz que havia grande possibilidades de desenvolvimento pela estrada de ferro como elemento que faltava para que Goiandira fosse povoada e desenvolvida, tornando um lugar próspero e agradável para se viver. É idéia de ir além, de caminhar, de avançar. É o lugar em sua relação com o mundo. “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (Santos, 1999, p. 252), se manifestando, pulsando explícito nos seguintes fragmentos:

*Assim passou a Distrito  
Goiandira foi avante  
Diariamente no local  
Chaga um imigrante  
A procura de serviço  
Com os velhos habitantes*

*(Mariano, 1978, p. 151).*

A ferrovia, como objeto técnico, traz a idéia de progresso. Das possibilidades que dão força ao lugar na sua impulsão para projeção de Goiandira no contexto sócio-espacial de Goiás e do Brasil.

É, ao mesmo tempo, identidade e resistência do lugar. Identidade, quando se projeta Goiandira no contexto maior do espaço brasileiro, e resistência, é o sentimento de pertencer ao lugar, de não perder as suas características próprias de conhecer o seu vizinho, a sua história, as ruas de terra branca, do andar devagar, do sentar na praça, do namoro fugidio no banco dos jardins; enfim, é a relação do sujeito com o lugar no seu cotidiano, no cara a cara, é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”, (Carlos, 1996, p. 20). É a história que se processa na ação do cotidiano, que estabelece o vínculo entre o de fora e o de dentro em todas as suas dimensões, que se traduz em sua relação materializada pela forma das casas do conhecido, reconhecido nestas formas, como diz o poeta:

*Quem não vê lá na colina*

No meio de uma campeia  
A cidade pequenina  
De meu sonho e meus amores?!  
É tão bonita e que há-de  
Contestar esta verdade?  
Vive plena mocidade,  
Alcatifada de flores  
É /á que canta saudosa  
A juriti preguiçosa,  
Enquanto a tarde medrosa  
Sobre a terra se debruça  
É lá bem longe, lá em cima,  
Enquanto o sino soluça  
Quanta esperança lampeja,  
E quanta meiguice n'alma  
Ao povo que vai p'ra Igreja  
Foi nesta cidadezinha  
Que tive os melhores sonhos  
Naqueles dias risonhos  
De minha infância querida,  
Quando eu vivia cantando  
Bonitas quadras da vida  
Nas cordas da minha lira  
Em cima o céu tão azul,  
Donde o cruzeiro do sul,  
Contempla a terra tão clara,  
De uma beleza tão rara  
Parece uma oração  
Abençoar Goiandira

(Guimarães, 1978, p. 89).

Guimarães expressa de forma poética as características peculiares de Goiandira como a terra branca, os hábitos das pessoas irem à missa nos finais de semana e a esperança no desenvolvimento do lugar, revelando o vivido, o cotidiano do dia-a-dia dos seus habitantes.

Mas esse dia-a-dia está em interação com a ferrovia de acordo com o Sr. Sebastião Jardim<sup>10</sup>. O trem era foco de atração, talvez até de diversão para os curiosos que ficavam esperando o trem passar.

Uma curiosidade, que era fruto do desejo de conhecer outros lugares, outras pessoas, de saber que história das pessoas que passava por ali possuía.

Deste contexto, pode-se observar que o lugar se apresenta, ou se articula entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, com identidade própria.

Goiandira resultou em seu desenvolvimento de um processo mais amplo, pois a sua afirmação foi parte integrante das mudanças políticas, econômicas e espaciais engendradas pelo Sudeste em sua expansão ao interior, na apropriação de terras e produtos para o Rio de Janeiro e São Paulo, justificado pela divisão espacial do trabalho, que cria uma hierarquia que se manifestou na desigualdade e se configurou enquanto real em função das relações de interdependência com o todo. A estrada de ferro foi o objeto técnico mediador desta ação. A própria forma ou distribuição espacial das casas de comércio, os hotéis, as pensões e as casas de diversões de Goiandira, como o antigo cinema, foram dispostos ao redor da Estação Ferroviária. Hoje essa configuração espacial não é aquela do passado, mas essa paisagem está bem viva nas lembranças dos entrevistados. É como diz Benjamim: "habitar é deixar rastros", e nesses rastros permanecem no nativo, que sente e se apropria do lugar, mas não no sentido de posse, mas no sentido da participação, da interação entre sujeito e seu espaço.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida no dia 23 de janeiro de 2.000.



### 3 - O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE GOIANDIRA

Nesta interação sujeito-lugar, é que o sujeito percebe no seu dia-a-dia, no seu cotidiano, as diferenças entre o seu lugar e o outro. Neste sentido, as pessoas de Goiandira já sentiam a necessidade de sua emancipação, pois as riquezas produzidas pelos nativos beneficiavam Catalão e a população não via o dinheiro de seus impostos retornarem em forma de melhorias para o lugar. Este processo provocou uma insatisfação na população de Goiandira, a qual já não mantinha boas relações com os políticos oligárquicos da República Velha, e estes não faziam a menor questão da emancipação de Goiandira. Tanto é que segundo Sr. Sebastião Jardim<sup>11</sup> - Antônio Ramos Caiado, conhecido também como Totó Caiado, passou por Goiandira e os líderes políticos locais foram ao seu encontro na Estação Ferroviária e pediram a ele que emancipasse Goiandira de Catalão, pois esta era a vontade do povo e o lugar já tinha condição para a sua autonomia. Ironicamente, Totó Caiado disse: "Deixo de atender ao pedido de vocês porque Goiandira não tem homem". Isto foi dito diante de todas as pessoas que lá estavam, causando um distanciamento ainda maior entre os políticos do lugar em relação aos do subespaço goiano.

A emancipação de Goiandira se tornou praticamente impossível enquanto a família Caiado estivesse no poder em Goiás. Este difícil relacionamento se dava em virtude do mandonismo que os políticos de Catalão exercia, já que estes eram fortemente ligados à oligarquia do subespaço goiano da época, da República Velha; ou seja, os Caiados. O próprio discurso dos políticos da República velha deixa claro que não estavam interessados neste tipo de questão.

Na inauguração da Estação Ferroviária de Goiandira, fica claro a agressividade dos políticos Catalanos, na disputa pelo poder e hegemonia, agora ameaçados pelo objeto técnico que, sem dúvidas, trouxe a Goiandira o desenvolvimento e a necessidade de romper com Catalão o que ameaçou a truculência do poder político dos líderes catalanos, atrelados a uma visão de que a

<sup>11</sup> Entrevista concedida no dia 23 de março de 2000.

ferrovia era o agente de modernização que poria em risco o mandonismo local. Isto está expresso em vários jornais da época e que é retratado por Adolfo Mariano neste fragmento:

*"Na cidade de Catalão  
Não foram bem recebidos  
Ao tecer uma oração  
O orador foi rebatido  
Por um chefe valentão  
Izá da Cupha destemido"*

*(Mariano, 1978, p. 151).*

Esses acontecimentos demonstraram que o lugar é também locus da demonstração de força, da luta dos grupos políticos pela hegemonia. De um lado o medo dos líderes no poder de perderem o controle, transformado e redefinido pelo objeto técnico, onde a ferrovia traz novas idéias, novos conceitos. É a mudança vinda do externo, e a resistência do lugar, mesmo que essa resistência seja, no sentido de manter uma relação de mandonismo, baseada na violência, na coação e ignorância, como foi o caso de Catalão.

Já com relação a Goiandira, a ferrovia proporcionou uma relação de identidade com a idéia de crescimento e a sensação de estar no mundo, ao mesmo tempo mantendo suas características de lugar agradável de se viver. É como disse um dos nossos entrevistados; Lázaro Flávio: "Em Goiandira, o sujeito aqui leva uma vida de passarinho. Enjoa de cantar numa árvore aqui, vai cantar noutra ali. A vida aqui é folgada e pronto"<sup>12</sup>. Folgada, no sentido de tranquila, de estar com o seu vizinho, conversar, de conhecer o outro, de saber cada pedaço do lugar, de conhecer sua história, de sentar no jardim nos finais de tarde e "jogar conversa fora".

É a raiz de pertencer ao lugar, que não é qualquer lugar, mas o seu lugar, a sua identidade, onde o sujeito se reconhece no seu espaço.

É diante desse processo que as pessoas em Goiandira, no reconhecimento do lugar, exerceram pressão, para que esta fosse emancipada de

<sup>12</sup> Entrevista concedida no dia 25 de março de 2.000.

Catalão<sup>13</sup>. Mas isso se deveu também a uma nova conjuntura política por qual passou o espaço brasileiro, assim como o subespaço goiano. A Revolução de trinta e o discurso elaborado por Getúlio Vargas é colocado em prática no subespaço goiano, pelo então Interventor Federal Pedro Luduvico Teixeira.

*“Em novecentos e trinta  
Por meio de uma pressão  
Goiandira conseguiu  
Desmembrar de Catalão  
Devemos a Getúlio Vargas  
O chefe da Revolução”*

*(Mariano, 1978 p. 151).*

Esta pressão, a que se refere Mariano, foi todo o processo revolucionário que se formou em trinta<sup>14</sup>. Neste pequeno fragmento, o autor consegue abordar uma grande quantidade de acontecimentos que se formaram em volta do papel que a Revolução desempenhou no processo de emancipação política de Goiandira. Entendendo, neste contexto, que o lugar não é autonomizado, faz parte de todo um movimento mais amplo da totalidade espacial. Sendo assim, a emancipação de Goiandira esteve dentro do contexto do discurso de Getúlio Vargas, que tinha como meta a conquista de novos espaços para o capital que se daria com a marcha para o oeste. Tudo isso camuflado pelo discurso ideológico de conquista da brasilidade e elaboração de uma nação concisa e homogênea onde as contradições seriam supridas e as diferenças amenizadas.

---

<sup>13</sup> Ocorrido em seis de maio de mil novecentos e trinta e um pelo decreto 799. Enciclopédia dos Municípios Goianos Vol. 36.

<sup>14</sup> Com relação a revolução de 1930 há uma extensa bibliografia das quais podemos citar: Decca, Edgar 1930. O silêncio dos Vencidos, São Paulo Brasiliense 1972. Fernandes, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil Rio de Janeiro. Zahar, 1975. Forjaz, Maria Cecília Spina, Tenentismo e Aliança Liberal (1927 – 1930 ) São Paulo, Pólis. 1978 entre outros.

Discurso esse destinado a esconder a realidade da luta de classe<sup>15</sup>. Esse discurso foi também projetado e influenciado e teve sua ação direta em Goiandira como parte integrante de uma totalidade sócio-espacial. Ou seja, o lugar sofrendo influência direta das modificações que emergiam no âmbito nacional. O governo de Getúlio Vargas, apesar do seu autoritarismo, derrubou as antigas oligarquias do poder, inaugurando um novo estágio político, que permitiu a emancipação de Goiandira, gestada desde o advento da estrada de ferro em 1911, entravada pelos políticos conservadores de Catalão, na sua resistência e medo de perder o poder. Com a derrubada dessas oligarquias isso se tornou real; isto é, Goiandira se tornou independente politicamente em relação a Catalão.

Diante desse processo, Goiandira viveu um período de grande desenvolvimento, tanto em função de sua liberdade econômica e administrativa, como em função da própria política nacional, no qual a cidade está inserida.

O lugar torna-se o pólo de atração da região, tanto é que dias depois da instalação da nova unidade da-se a anexação de Nova Aurora e Anhanguera ao município de Goiandira, que passou a contar com uma população de 10.615 habitantes, esse município foi posteriormente desmembrados, (Andrade, 1950).

---

<sup>15</sup> O discurso ideológico se caracteriza, pelo ocultamento da divisão da diferença e da contradição. Portanto através da ideologia é montado todo um imaginário e toda uma lógica de identificação social com a função de escamotear o conflito, escamotear a dominação, escamotear a presença do ponto de vista particular, enquanto particular dando-lhe a aparência de se o ponto de vista universal". Chauí, Marilena. "Crítica e ideologia". In: Cadernos CEAF, Rio de Janeiro, 1 (1): 21-22 Agosto de 1978. É desse ponto de vista que entendemos o discurso ideológico de Getúlio Vargas.

#### 4- GOIANDIRA COMO PORTA DE ENTRADA DAS CONCEPÇÕES DE MODERNIDADE

Neste processo, Goiandira tornou-se a porta de entrada das novas concepções de modernidade, localizada no entroncamento das linhas de Araguari e Formiga (figura 3). Foi também o ponto de convergência das estradas de rodagem intermunicipais e vicinais para o escoamento de mercadorias e pessoas através da ferrovia, proporcionando ao lugar uma efervescência de passageiros e produtos.

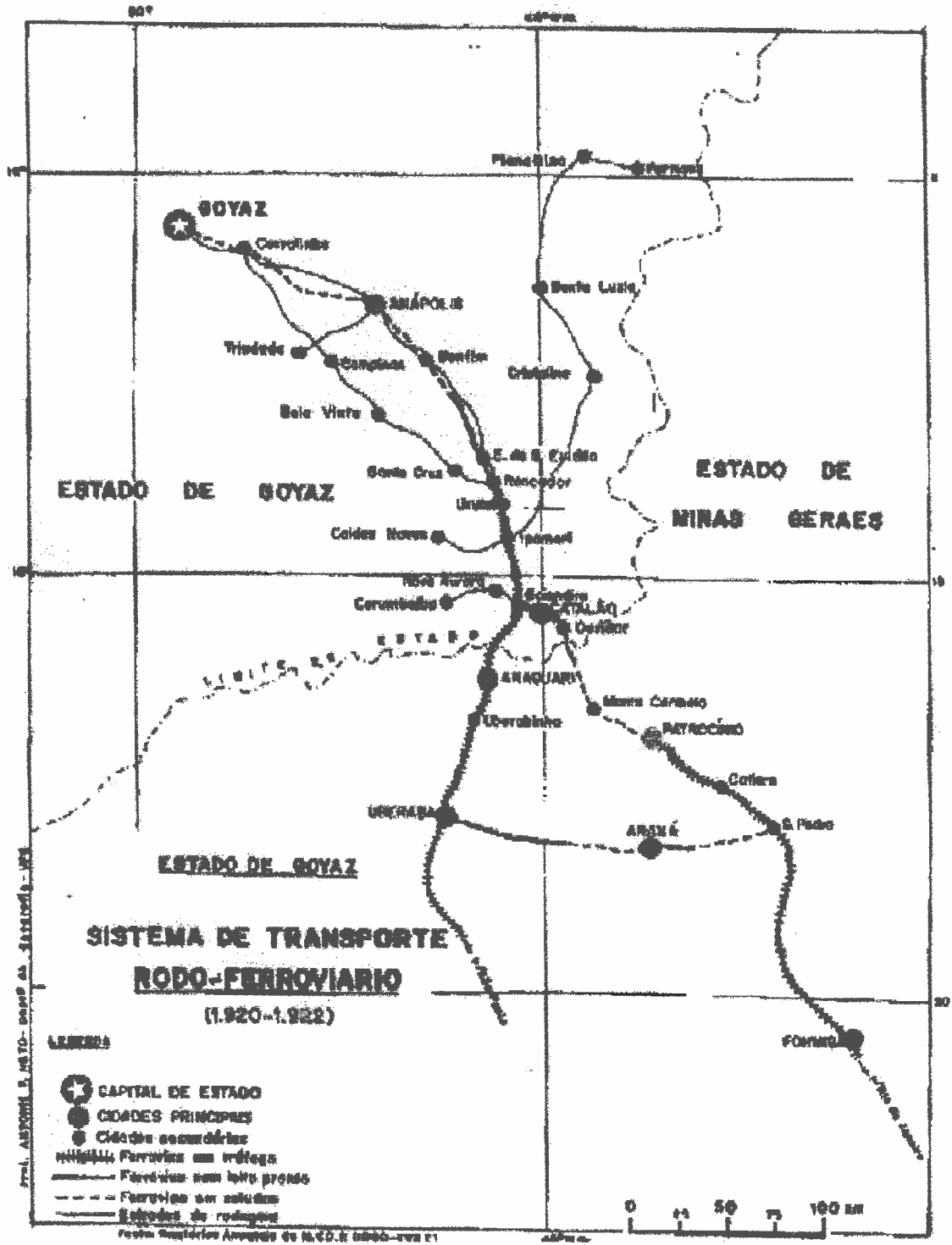
Torna-se, assim, o lugar parte integrante do movimento e expansão das relações capitalistas em sua penetração rumo ao interior, na apropriação e exploração de novos espaços em benefício do Sudeste como centro dinamizador do capitalismo.

Com relação às rodovias, cabe ressaltar que, tanto a construção, como a exploração destas ficaram a cargo de empresas particulares vinculadas a grupos econômicos e políticos interessados no processo de modernização do subespaço goiano, produzindo um grande movimento de capitais privados na produção desse espaço. Ao governo coube as concessões e subsídios para a construção destas estradas, que, em 1920, atingiam perto de 1200 Km, (Borges,1990). A essas companhias era dado o direito de explorar o transporte de mercadorias e passageiros, assim como a própria construção das mesmas. Isto é mais nítido ainda a partir de 1930.

A movimentação do trem de ferro em Goiandira, nessa época, motivou a construção de hotéis e pensões, que abrigavam passageiros em trânsito, pois nem sempre os horários dos trens possibilitaram imediata baldeação, ou seja, a passagem dos viajantes dos carros passageiros de uma (companhia/linha) de ferro para a de outra, na sequência da viagem que, às vezes, ficava interrompida, (Araújo, 2000).

O chegar e sair dos trens nas estações, durante o dia e a noite, era um divertimento e alegria para a população do lugar e também meio de vida para muitas pessoas, que vendiam frutas e outros alimentos aos viajantes, ou recebiam destes, em caso de desembarque, alguns trocados para transportar suas malas, (Araújo, 2000). Nos intervalos de chegada e partida de trens de carga e de passageiro, alguma composição vazia se deslocava de uma plataforma para outra, em operação

# FIGURA 3



de manobra. Era, então, a oportunidade de a garotada fazer um passeio de trem escondendo-se dentro dele<sup>16</sup>.

O lugar é o vivido, é o plano do imediato, é o que pode ser apreendido pelo corpo, (Carlos, 1996). É o reconhecimento do sujeito no seu espaço, na sua ação cotidiana, vivenciando o dia-a-dia, construindo o tempo histórico do lugar por dentro, na visão dos seus "nativos", (Araújo, 2000). É neste sentido que o processo histórico adquiriu seu movimento de construção do lugar.

É o lugar interligado, mediatizado pela ação globalizada através do objeto técnico da ferrovia. Goiandira foi ponto de embarque e desembarque de pessoas procedentes de vários lugares, principalmente do subespaço mineiro que migravam para Goiás. A antiga Estação Ferroviária passou a pertencer à Rede Mineira de Viação onde o outro terminal foi construído na década de 40, (foto 5).

Posteriormente, ambas as ferrovias se unificaram na Rede Ferroviária Federal, tornando-se, depois, a Viação Férrea Centro-Oeste. Os viajantes, em baldeação de uma estrada de ferro para outra, desciam à rua José Balduino para chegar ao outro terminal, (Araújo, 2000). Essa penosa caminhada de senhores, senhoras e crianças, rua acima e rua abaixo, bem poderia ser evitado pelo fato de que os terminais eram interligados por trilhos<sup>17</sup>. As composições poderiam deslocar de um ponto a outro, mas tal não acontecia por desentendimento entre os dirigentes das ferrovias. Mas as pessoas de alto poder aquisitivo, que transitavam pela via férrea, às vezes em composições de luxo ou carro especial, as automotrizes, estavam livres desses incômodos de baldeação.

Nas plataformas de embarque e desembarque das duas estações, o contraste entre a riqueza e a pobreza era ainda mais marcante. De um lado os fazendeiros, os grandes comerciantes locais, com seus ternos de casemira, geralmente branco, com as suas botas reluzentes, na cintura o símbolo da truculência, ou seja, o revólver de calibre trinta e oito, e a tiracolo, os capangas e

---

<sup>16</sup> Os vagões de carga eram manobrados por uma pequena locomotiva, a 11. Que atualmente se encontra com o falso número 1. Já bastante danificada, enfeitando a praça do trabalhador. Quase em frente a antiga estação ferroviária de Goiânia. Quando deveria estar em Goiandira, ao lado da repartição municipal, que outrora foi uma das mais movimentadas estações da extinta Estrada de Ferro Goiás.

<sup>17</sup> Certa vez, nesta penosa caminhada ladeira acima, na José Balduino, para embarcar na outra estação anoinha, uma mulher deu à luz a uma criança, bem no local onde hoje é o hospital de Goiandira. (Araújo, 2000)

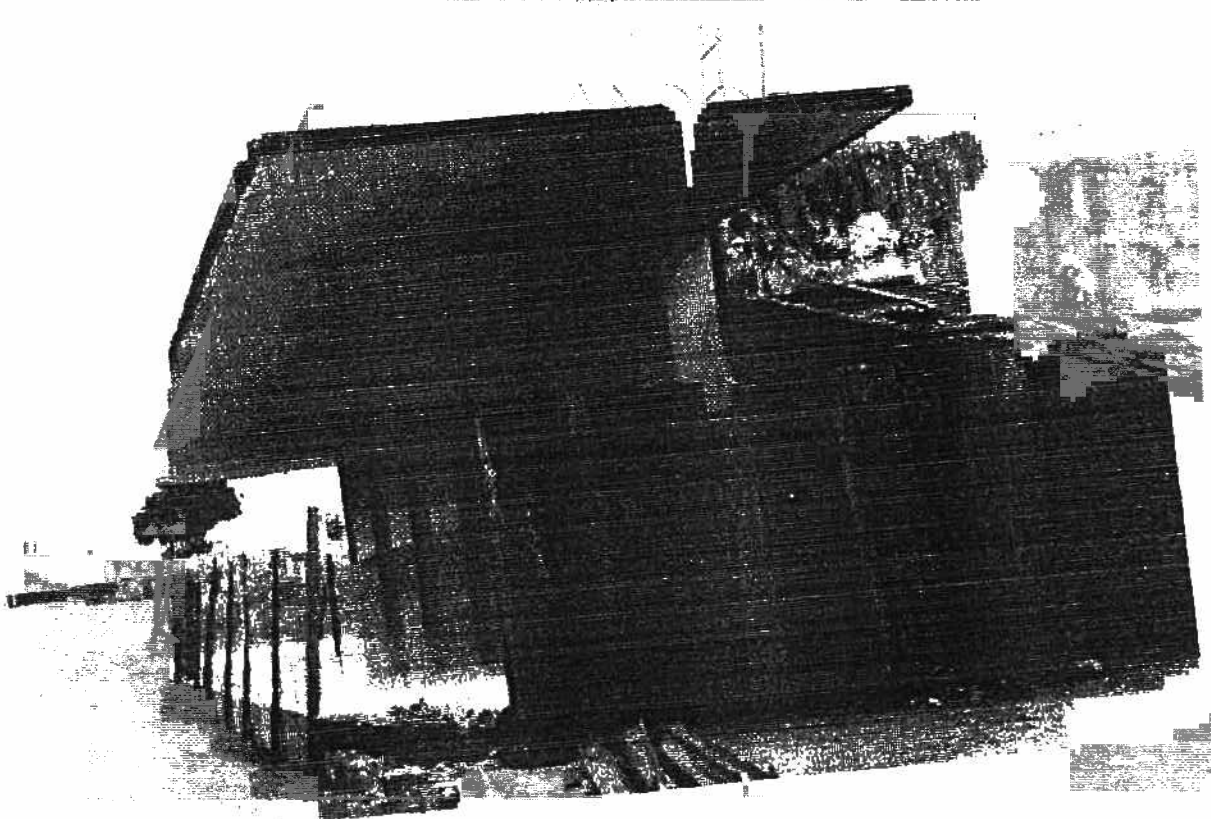


Foto 5: Estação Ferroviária de Goiandira construída na década de 40.

jagunços. Esses coronéis viajavam nos chamados carros de primeira classe, ou nos chamados carros poltrona leito, para as jornadas noturnas.

Em contraste a essa opulência, estava o trabalhador que tinha apenas a sua força de trabalho, com a sua roupa simples, botina rústica, que eram usados apenas em ocasiões especiais, com o seu cigarro de palha atrás da orelha. Viajavam, geralmente, em carros de Segunda ou Terceira Classe; com bancos de madeira, muito incômodos para as longas viagens.

Esses fatos do cotidiano demonstram a relação de classe que se materializam no lugar, produzindo a desigualdade social que se manifesta também nas formas de distribuição dos avanços tecnológicos e a disposição da sociedade. Pode ser citado como exemplo, o caso da energia elétrica instalada em 1923 e até a década de 40 que apenas algumas pessoas tinham acesso à mesma, sobretudo as mais abastadas economicamente e com uma posição social privilegiada. Enquanto nas casas das pessoas de menor poder aquisitivo, era utilizada à luz de “lâmparina”



A paisagem do lugar tinha suntuosas casas com fachadas (foto 3) elegantes, junto à rua calçada de paralelepípedos, enquanto que mais afastadas do centro, casas pequenas, geralmente sem reboco, (foto 4!) em ruas sem calçamento, (Araújo, 2000). O encanamento de água conseguido já na década de 50<sup>18</sup>, não foi distribuído igualitariamente entre os habitantes do lugar. Isso demonstra que na sociedade capitalista a produção do lugar e a apropriação dos benefícios são apenas de algumas pessoas em detrimento da maioria.

É como bem ressalta o poeta local Esaú Marques Guimarães, em seu poema escrito em 1939, intitulado "O capitalismo".

*(...)“A vida é isto. A covardia impressa.  
Cala-te o fraco, quando fala o forte.  
Teme o cordeiro perto de uma fera,  
Caminha o pobre ao vendaval da sorte  
Olha! Na rua um maltrapilho passa;  
Talvez mendigo-filho da desgraça,  
Com soldados à sua retaguarda.  
E vai cumprindo a sorte tão bastarda,  
E vai pisando amargurado trilho,  
Por ser da pobreza apenas filho,  
Um ladrão diz o povo ao velho preso.  
Um homem que talvez não sinta o peso  
Do remorso, ao lançar a mão do alheio  
Um ladrão! E no povo brada de cheio,  
O grito da revolta, injusto e falho,  
Contra o pobre - suposto vil bandalho.  
Mas é um mendigo que, sentindo fome,  
Na pequenez de seu mesquinho nome,  
Foi uma porta rica pedir pão  
E apenas recebeu a humilhação  
De sair de lá a ponta pés tocado.*

---

<sup>18</sup> Com maquinário cedido pela estrada de ferro.

*E porventura, o Deus! Existe crime  
Para um homem que o mundo todo oprime?  
Não é o mendigo um ser que o mundo enxota  
E que vive nas garras de derrota?  
O que na terra espera um miserável  
Cuja vida é uma luta formidável?  
Espera, ao fim de seu destino, em fúria,  
Morrer vencido ao mundo urrando injúria  
Não sei que enorme braço clandestino  
De tudo quanto existe no universo!  
Desde o germen rudimentar, imerso  
Nas podridões residuais da vida.  
A humana foram, mais desenvolvida,  
Há as classes superiores e inferiores.  
Porque? Não há no mundo as mesmas dores?  
A humanidade não nasceu do nada?  
Porque, meu Deus! Existe para cada  
Ser, um caminho diferente assim?  
Ah! Pudesse eu ainda ver o fim,  
O rompimento do capitalismo,  
A fim de ver erguidos de um abismo  
O pobre e o rico em doloridos ais  
Mas como irmãos, exatamente iguais.*

*(Guimarães, 1950, p 61).*

Neste poema, o poeta expressa que o lugar é também a relação desigual sócio-econômica entre as pessoas, e apesar do acontecer solidário, há as mazelas produzidas pela sociedade de classes. E isto é latente no "nativo", apesar de alguns não perceberem de forma clara, todo o processo de reprodução do capital a nível do lugar.

Como se vê o lugar é produto de relações sociais, que se materializam no plano do vivido, e são tecidos, pela história. E essa história é produto da relação de classe.

Mas o lugar é também o da vida, onde o sujeito pertence a ele, como este o pertence, e é nesta relação que o sujeito apreende o processo de movimento social, que de forma alguma é harmônica, e isto foi percebido, por Guimarães, no poema acima transcrito.

Entendendo que no lugar se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade a nível mundial, neste sentido, o lugar, enquanto construção social, abre a perspectiva de se pensar, o viver, o habitar, e, com isso, se realiza no plano do vivido na percepção do sujeito em relação ao seu espaço e os processos de apropriação desse espaço. Ou seja, o lugar se reproduz na relação contraditória entre o mundial e o local, e isto dá identidade ao lugar, que ao mesmo tempo reproduz as desigualdades, mesmo que de forma específica: o mundial se quer dizer, é que o lugar reproduz o mundial, mas essa produção se dá de forma específica de acordo com as características deste lugar. Diante disso, o processo de homogeneização do espaço não anula o lugar, pelo contrário, reafirma-o. Para entendermos essa complexidade, tornou-se necessário, revisitar o lugar com postura e enfoque, que parte da praxis do vivido, nas suas interações habitante-lugar, partindo do entendimento que o sujeito faz parte do seu espaço.

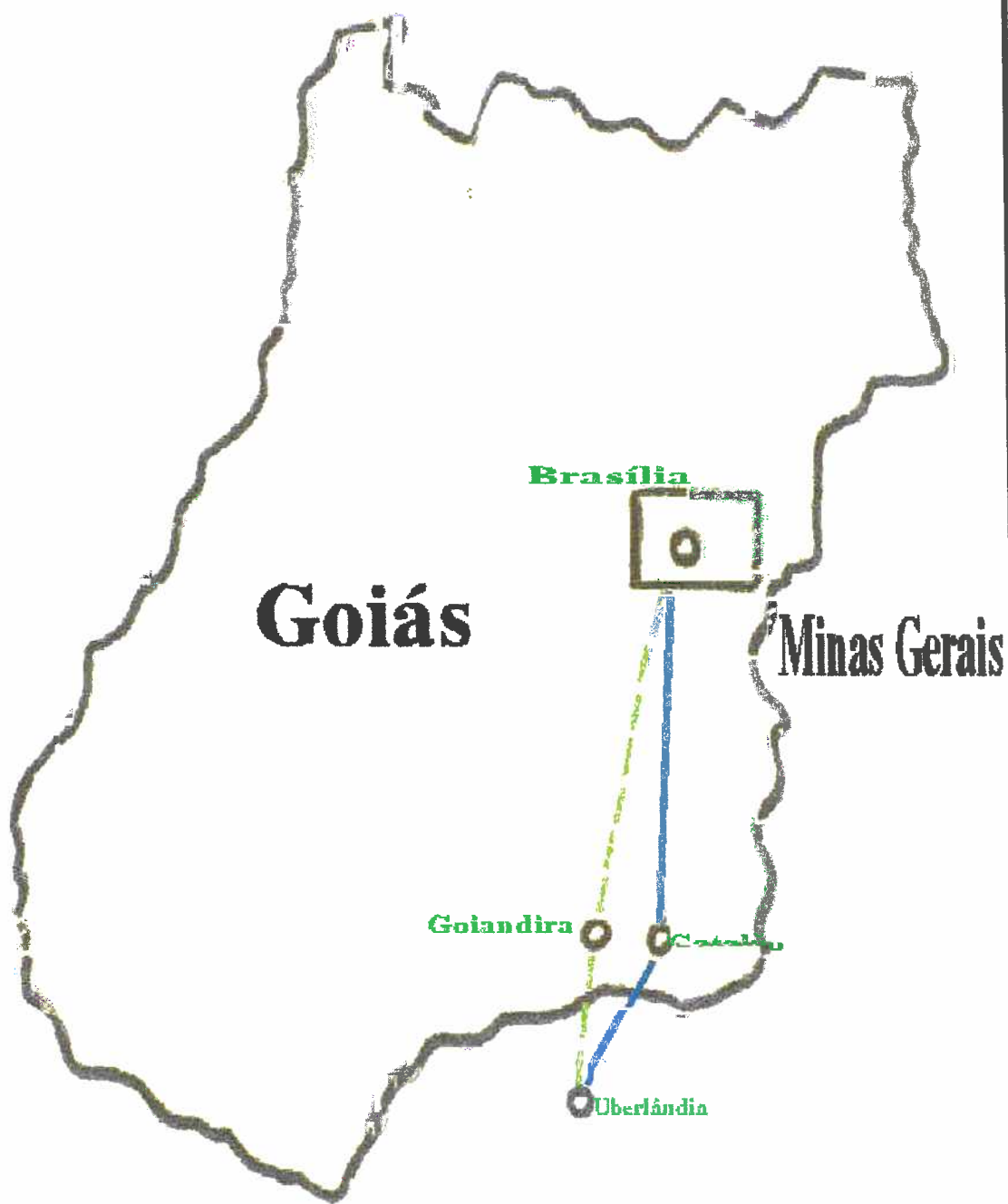
## 5- GOIANDIRA NA NOVA CONJUNTURA SÓCIO-ESPACIAL DA DÉCADA DE 60

É nesta perspectiva, que por volta de 1960, Goiandira, isto é, os seus habitantes acompanhavam os acontecimentos efervescentes da época, na esperança de aproveitar a sua posição estratégica para conquistar o desenvolvimento com o trajeto da rodovia ligando Uberlândia ao Distrito Federal, passando por Goiandira, como itinerário mais curto (Figura 4).

Mas, devido a interesses poderosos, corrupções administrativas, pesaram forte os interesses políticos de Catalão, e a rodovia foi desviada para este local que conseqüentemente, foi o propulsor do seu desenvolvimento atual, (Araújo, 2000). Catalão somente conseguiu essa vantagem falaciosa e ilícita, graças ao seu representante no Congresso Nacional, ex-deputado Wagner Estelita Campos, que na época fazia parte da comissão de orçamento da Câmara Federal, comissão esta manipulada para atender interesses pessoais e grupos, no favorecimento de um município, ou Estado, em detrimento de outro, segundo as suas conveniências políticas e clientelismo particular. Estelita, com a sua influência e sua posição, fez com que Catalão fosse beneficiado, independentemente, no jogo de hierarquização dos lugares. Isto foi devido à nova conjuntura sócio-econômico e espacial, cujo comando passou a girar em torno dos interesses das grandes montadoras de veículos automotores, do qual relegou a ferrovia a segundo plano, e neste contexto, Goiandira que outrora foi ponto de passagem obrigatória, onde embarcavam e desembarcavam passageiros de Catalão e de outros lugares, e que possuía vários hotéis e pensões, com o declínio da estrada de ferro veio à decadência, aliado também a postura política, como foi a de Wagner Estelita Campos, que usou o seu prestígio para beneficiar Catalão, indo contra a própria lógica estratégica, de que se a rodovia passasse em Goiandira, iria economizar muito a distância entre Uberlândia e Brasília.

Isto demonstra que na sociedade capitalista embricam interesses econômicos e políticos. E que o Estado é perpassado por jogos de interesses

# Rodovia Uberlândia-Brasília



- Percurso Atual Uberlândia-Brasília
- - - Trajeto Uberlândia-Brasília passando por Goiânia

Fonte Araújo 2000

divergentes, mas não contraditórios<sup>19</sup>, pendendo em certo momento para uma determinada fração da classe dominante, que consegue colocar em prática os seus interesses em detrimento dos outros, como bem analisou Poulantzas (1984). Neste contexto, de interesses divergentes, que ora pende de um lado, ora de outro, colocou Goiandira na condição de estagnação sócio-econômica e espacial. Portanto, o lugar é também fruto de jogos políticos, e seu desenvolvimento depende desses interesses políticos e não só puramente econômicos.

É a complexidade desses processos que dão forma e função a um determinado lugar, na sua relação com o mundo. A localidade é a resistência à globalidade, mas também se funde com ela. É esse movimento contínuo e descontínuo que permite ao lugar ter vida própria, (Santos, 1999). É assim que se formou Goiandira no espaço-tempo, compreendido e percebido pelo "nativo", em relação ao seu lugar.

A partir da década de setenta, Goiandira se viu ainda mais prejudicada diante de novas conjunturas políticas-econômicas e espaciais, engendradas pelo movimento de desvalorização do transporte ferroviário em favor do rodoviário, e atendeu a uma política das multinacionais automobilísticas, que transformou o espaço brasileiro em grandes parques rodoviários para circulação dos automóveis fabricados por estas montadoras alienígenas. Nesse contexto, priorizou o transporte individual, em detrimento do coletivo, (Araújo, 2000). Goiandira, que se formou devido ao entroncamento das ferrovias de Formiga e Araguari, viu-se no ostracismo, pois perdeu a sua condição de lugar receptor de passageiros e agente de integração do subespaço goiano. Já em 1978 foi construída a terceira Estação Ferroviária na periferia de Goiandira, porém sem o brilho e o movimento de outrora, onde havia grandes fluxos de passageiros e mercadorias, dando grande mobilidade ao lugar. Apesar de os trens de passageiros permanecerem até mais ou menos 1986, não se conseguiu trazer ao lugar os fluxos e movimentos de tempos idos.

---

<sup>19</sup> O Estado é perpassado por interesses de frações da classe dominante que são divergentes, mas não contraditórios, pois o projeto maior é a acumulação de capital. A contradição se dá entre os interesses da classe trabalhadora e da classe dominante, pois os projetos são antagônicos. (Poulantzas, 1984).

No início da implantação da ferrovia, e posteriormente, Goiandira chegou a contar com indústrias de macarrão e outras fábricas, tendo ainda, uma rádio experimental, a rádio educadora, que posteriormente foi fechada. Como se vê, o lugar foi sendo construído ao longo do tempo, envolvendo a paisagem, transformando o cotidiano das pessoas, através do objeto técnico, a ferrovia, que aos poucos transformou o espaço.

Esse espaço foi apreendido pelos moradores na sua própria constituição e se expressou nos escritos, nas suas falas, seus resgates temporais, que transformaram as paisagens, as formas, assumiram novos conteúdos, outras perderam o seu sentido, porém ainda têm força de presença. São rugosidades, testemunho de um tempo que projetou Goiandira ao contexto da divisão espacial do trabalho, como agente de captação e distribuição de mercadorias, pessoas e idéias de outros subespaços brasileiros, principalmente do Sudeste.

Pensar o lugar depende cada vez mais do que é construído no plano mundial, (Carlos, 1999). Nesse contexto, a história do lugar é compartilhada pelo que se produz além dos limites físicos da trama, ou seja, de sua situação específica. Sendo assim, a situação muda na trama relativa que se estabelece com outros lugares, e altera dentro do contexto sócio-espacial. É dentro desse movimento que Catalão surgiu como lugar de privilégio do capital, e canalizou para o local grandes indústrias.

Aliado a isso, foi o benefício usufruído de Catalão pelo desvio da rodovia Uberlândia-Brasília, que propiciou o escoamento de mercadoria para todos os outros lugares. A partir da década de setenta, com a interiorização da soja para as regiões do cerrado, Catalão foi um dos lugares onde esse produto foi plantado em alta escala, tornando local pólo de toda a região. Isso redefiniu Goiandira à condição periférica, no contexto da divisão sócio-espacial do trabalho em relação à economia.

Hoje percebe-se uma nova função de Goiandira, voltada para a produção de festas, que está atraindo pessoas de várias regiões do espaço brasileiro, mas é um processo ainda incipiente iniciado no final dos anos noventa. mas, que delinea um novo conteúdo ao lugar.

Mas o lugar contém uma gama de relações que corresponde a uso, e uma prática social vivida, (Carlos, 1999), produzida pela ação do cotidiano no

percurso realizado pelos seus “nativos”, no ato de caminhar, conhecer cada detalhe, de se identificar nele, na sua produção temporal.

É isto será feito no próximo capítulo, ou seja, é seguir os passos dos “nativos”, entender a transformação do lugar, as formas criadas, os conteúdos adquiridos, as paisagens produzidas, captadas no caminhar dos “nativos”. “É a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana”, (Carlos, 1999, p. 20). No percurso reconhecido numa prática vivida, que cria laços profundos de identidade entre o “nativo” e o lugar, reconhecido na paisagem, na relação das pessoas, da vizinhança, o encontro dos conhecidos, lugar que o sujeito habita de dentro, onde se locomove, trabalha, passeia ganha significado pelo uso. É o espaço do palpável, das formas produzidas do seu significado, pretérito e presente, é a realidade como produto da experiência, é espaço do imediato, visto do encontro, dos desejos, das paixões de sensação e também de ação. O lugar é palco de tudo isso que foi analisado, identificado, seguindo os passos dos moradores de Goiandira, na sua construção do lugar, numa visão do interior, e não exteriorizada. Neste sentido, o lugar, toma nova dimensão do apropriado e do vivido. É o que faremos no próximo capítulo.

Mas, lembrando que o lugar é parte integrante de uma totalidade e não pode ser desarticulado desta totalidade. Porém, possui as suas características, que o torna resistência frente ao processo de homogeneização, e é isto que dá identidade ao lugar. Se assim não fosse, não haveria sentido em estudar o lugar como categoria de análise, que hoje assume dimensão essencial frente ao processo massacrante da globalização. Pois é no lugar onde o sujeito se encontra, porque se reconhece nas fachadas, nos tijolos, e nas formas, assim como na própria paisagem; é onde as coisas tomam sentido.



# CAPÍTULO I



Vista do desfile das escolas de Goiandira na comemoração da Independência do Brasil, 7 de setembro de 1985.  
(Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)

## CAPÍTULO II

### NOS PASSOS DOS SEUS MORADORES A COMPOSIÇÃO DO LUGAR.

Seguindo os passos dos moradores, através deste caminhar, o lugar foi se compondo, se construindo e tomando forma. Esse ato de caminhar foi de extrema importância, pois demonstrou como a vida do “nativo” é petrificada de sensações muito imediata, (Carlos. 1996).

Foi nesse caminhar realizado com o “nativo”, que se pode entender o movimento espaço-temporal do lugar e ao mesmo tempo descortinar os espaços de lazer, encantos, comunicações, as mudanças de funções ocorridas ao mesmo tempo, ou seja, um mesmo espaço servindo a várias funções, como é o caso do viaduto. Nesse sentido esses espaços são espaços de vivência segundo as propriedades do tempo vivido desse habitante e o seu lugar, (Carlos. 1996).

Foi e são produtos de relações humanas que se realizam no plano do vivido com seus significados e sentidos próprios e com a sua realidade porque é o lugar da vida pulsando em seu movimento.

É onde a vida emerge em toda sua complexidade e contradições, e ao mesmo tempo, em sua unidade social. É o espaço real concreto onde o sujeito se

reconhece como fazendo parte desse lugar, identificando-se em cada detalhe desse lugar, em cada função das formas pretérita e atual.

Esse caminhar com o “nativo” nos mostra que o lugar é a base da reprodução da vida que se exprime diariamente, nos usos sentidos através do corpo, (Carlos, 1996).

É a conexão material do sujeito com seu espaço e com as outras pessoas que define tal lugar. (Marx, 1975). É a relação materializada no cotidiano compartilhada entre as diversas pessoas do lugar, (Santos, 1999), e permite a esse lugar ter sua história, o seu espaço-tempo, a sua diferença conhecida e reconhecida pelo “nativo” em seus detalhes, pois é parte de sua existência como sujeito do seu espaço em toda a sua plenitude.

Nesse andar do “nativo”, o lugar aos poucos vai-se compondo nas formas antigas e novas, vai se construindo, se definindo no seu dia-a-dia, no seu cotidiano, na sua banalidade, mas como parte integrante da divisão sócio-espacial do trabalho.

É isto que o “nativo” aprende em seu andar, nas suas poesias na sua maneira de ver o seu lugar. Lugar esse cheio de ações contraditórias, de riqueza, de pobreza, de miséria e ao mesmo tempo afetividade manifestada na solidariedade, (Santos, 1999), pois o lugar é um resultado da ação humana e que expressa a cada momento as relações sociais como um todo, (Moraes, 1996), assim o “nativo”, a sua maneira percebe o lugar.

Sendo assim, a primeira parte deste capítulo, iniciou-se com o caminhar do “nativo”, demonstrado, através das formas das casas, praças, jardins, os seus momentos de fervor, diversão e alegria. Ou seja, o sujeito construindo o seu lugar naquilo que fora manifestado através das construções que restaram. Nesse sentido, a despeito do primeiro capítulo, o sujeito constrói o lugar, mas agora de forma específica. Aquilo que foi o cotidiano das pessoas, suas emoções e diversões são os locais de maior identidade do lugar, onde as relações se materializam em sua concretude. “Onde rapazes e moças flertavam e até namoravam sob os olhos severo dos pais”<sup>20</sup>. É o cotidiano, o dia-a-dia das pessoas do lugar, nas suas emoções e sensações. Porém, entendê-lo também nas divisões e separações de classes, onde o

---

<sup>20</sup> No texto que se segue, colocamos na íntegra aquilo que foi dito pelos “nativos” do lugar. Assim sendo, a expressão “Moças e rapazes” que sempre está presente no texto é do Sr. Sebastião Jardim, por nós entrevistado durante o caminhar que fizemos com ele pelos locais de Goiandira.

espaço de lazer das pessoas de melhor poder aquisitivo não é o mesmo das pessoas pobres como foi a rua do vai-e-vem, o cinema, o clube da elite etc; entender espaços como símbolo do moderno e pólo de atração regional do lugar, como foi o hospital de Goiandira. E, ao mesmo tempo, é perceber a estrada de ferro como objeto técnico que inseriu Goiandira no contexto da divisão sócio-espacial do trabalho, em que se definiu a forma espacial da cidade.

Tudo isto é visto pelo “nativo” em seu caminhar, no desvendar das formas e funções do lugar.

Enfim, é o sentimento de pertencer ao lugar, (Carlos, 1996).

Na Segunda parte do capítulo, o “nativo”, percebe as novas funções que esses espaços foram adquirindo. Assim como novas formas que foram surgindo, demonstrando que o lugar não é estático, mas possui o seu movimento, a sua historicidade em espaço-temporal. É obra, é produto da espécie humana, (Carlos, 1996). É assim que o viaduto de Goiandira foi construído nos idos da década de 40, foi-se metamorfoseando em várias funções no decorrer do espaço-temporal. Mantendo, porém, como ponto de referência de Goiandira.

Lugar do despertar do poeta que, com sua caneta, retrata as condições das pessoas em sua vivência diária. É a praxis da vida comum, (Araújo, 1996).

É neste contexto que o lugar vai se produzindo e reproduzindo a si mesmo como parte integrante da sociedade. E materializam-se as contradições, as desigualdades sócio-espaciais do mundo.

Entendido, segundo a visão do sujeito que constrói o seu lugar e a semelhança do primeiro capítulo, o texto é perpassado por poemas do “nativo”, porém, com muitas entrevistas e depoimentos em relação ao seu espaço, construindo-o passo a passo em seu conteúdo e detalhe. Detalhe esse, manifestado na relação do conhecimento das formas, das casas, das ruas, das praças.

É nesse sentido que esse capítulo foi estruturado.

## 1. NO CAMINHAR, O DESVENDAR DAS FORMAS E FUNÇÕES

O Sr. Sebastião Jardim<sup>21</sup> morou a vida toda em Goiandira. É um “nativo” que conhece o lugar e seus moradores e todos os dias realizam os seus passeio de fim de tarde. E foi numa dessas caminhadas que o acompanhamos em suas observações das formas e funções que a cidade teve e tem agora.

Vale ressaltar que a casa do Sr. Sebastião Jardim situa-se próximo a mais antiga das Estações Ferroviárias de Goiandira. Estação esta que marca fundamentalmente o início da vida de Goiandira, conforme frisamos no capítulo anterior.

Situada bem abaixo do local, onde o centro de Goiandira de hoje se ergue, essa estação ferroviária conheceu os primeiros tempos de vida do lugar. Tempos estes, antes dos anos 20.

Sr. Sebastião Jardim vê todos os dias essa antiga estação ao sair de casa. Ali houve trânsito infundável de pessoas, mercadorias e notícias (hoje em completa ruína).

Por muito tempo, esta estação teve a função de, através do trem como objeto técnico, ligar Goiandira e o subespaço Goiano a outros subespaços como Minas Gerais (Araguari e Belo Horizonte) e São Paulo (Porto de Santos); dentro do contexto da divisão espacial do trabalho e sua expansão capitalista rumo ao interior do espaço brasileiro. O trem de ferro foi esse elemento dinamizador que despertou o subespaço goiano para a vida, (Borges 1990).

Nesse sentido, Sr. Sebastião Jardim acredita morar onde foi o início de Goiandira. Porém, o Sr. Sebastião Jardim não se detém por muito tempo contemplando a estação. Fecha o portão de sua casa e segue adiante subindo a rua

---

<sup>21</sup> O Sr. Sebastião Jardim é um homem de 89 anos alto, com uma estrutura corpórea fortes branco, usa óculos. Caminha por Goiandira envergando uma “calça social”, muito bem passada e com uma meticulosa, camisa, manga curtas. Penteando para traz todos os fios brancos que cobrem sua cabeça, o antigo juiz do juizado de menores de Goiandira ajeita o aro negro de seus óculos de lente branquíssima, confere se passou o perfume preferido; por último ajeita no bolso o relógio de ouro, medida de realce de sua elegância e se prepara para sair de casa. Nós fizemos a caminhada com o Sr. Sebastião Jardim no dia 25/05/2000 às 19h 30 min.

José Balduino<sup>22</sup> e se defronta com uma outra construção de grande importância, tanto pela sua função histórica, construída em 1931, assim como a semelhança da estrada de ferro, foi concebida como fator de modernização de Goiandira, (Andrade, 1950).

O hospital (Foto 6) foi o local onde os novos Goiandirenses nasciam, onde as pessoas se tratavam dos seus males sem ter que deixar o lugar, (Enciclopédia dos municípios, 1950). Esse hospital aparece no depoimento do Sr. Sebastião Jardim como marca de um tempo de “progresso” do lugar, entendido, aqui, como avanço técnico de modernização, (Araújo, 2000).

Segundo Sr. Sebastião Jardim, na época, ter um hospital era fator de importância em Goiandira, pois nem mesmo Catalão possuía hospital naquele tempo. “Com trinta e seis leitos disponíveis, a Associação de Proteção à infância e à Maternidade de Goiandira presta assistência geral aos necessitados compreendidos em suas finalidades” (Enciclopédia dos Municípios brasileiros vol. XXXV p. 175).

Esses acontecimentos narrados por Sr. Sebastião Jardim demonstram que o nativo se identifica com a história do seu lugar manifestada nas formas e funções que estas possuíam e só o “nativo” em sua inserção no espaço-tempo pode, no silêncio das paredes, prescrutar a sua historicidade, o seu movimento como rugosidades encravado no tempo (Santos, 1999).

Com relação ao hospital, tem a sua função de origem, porém sem ser o pólo de atração regional, que ficou a cargo de Catalão. No entanto, na década de 30, Goiandira foi considerada o lugar de “progresso”, de estar inserida no espaço brasileiro como porta de entrada de modernização do subespaço Goiano. É nesse processo que o hospital foi construído, dando ao lugar a feição de atração do novo, do moderno, de estar inserido ao mundo, e ao mesmo tempo, força e identidade do lugar. (Carlos, 1996).

Mas, o Sr. Sebastião Jardim não se detém por muito tempo diante do hospital e prossegue o seu passeio. O próximo local que lhe suscita lembranças é o que se encontra dobrando a esquina próxima ao hospital, é o mais antigo dos cinemas, o Marabá. A novidade cinematográfica, nos idos dos anos quarenta e cinquenta, causara expectativa entre as pessoas (Araújo, 2000). Ali, tornou-se o

---

<sup>22</sup> Homenagem feita por ser ele chefe da Estação Ferroviária de Goiandira e também um dos chefes políticos de Goiandira, (Andrade, 1950).

primeiro espaço de lazer (mais ou menos) institucionalizado de Goiandira. “As pessoas viam no cinema uma novidade moderna”<sup>23</sup>. Ir ao cinema significa estar em contato com o mundo, com outros espaços outras culturas, (Andrade, 1950).

A novidade do cinema atraía várias pessoas dos lugares circunvizinhos, inclusive de Catalão do qual afluíam para Goiandira para ver a novidade, (Araújo, 2000). Nesse sentido, Goiandira teve a função de irradiador das novidades de outros espaços. “O cinema criou uma alteração na rotina do lugar, pois tornou-se o espaço de diversão das pessoas”<sup>24</sup>.

Porém, nem todas as pessoas de Goiandira freqüentavam o cinema. Geralmente as pessoas pobres, sem condições financeiras e vestimentas adequadas estavam excluídas desse espaço de diversão, que era freqüentado em sua maioria por gente de maior poder aquisitivo e de posses.

Como toda tecnologia, inicialmente o cinema ficou reservado a uma pequena minoria da população de Goiandira, (Andrade, 1950). Geralmente, na periferia, o divertimento das pessoas eram os bailes realizados na casa destas, regados ao som das famosas “acordeons” (Mariano, 1978).

Regados também com as famosas “Pinga de engenho”<sup>25</sup> (água ardente) narrado pelo poeta em seus versos:

*“Mais a gente num pagode*

*Para ter certa graça*

*Se não tiver infância*

*Só entrando na cachaça.”*

*(Mariano, 1978 p.21).*

Com relação ao cinema, o Sr. Sebastião Jardim conta que os filmes preferidos dos freqüentadores do Cine Marabá eram as comédias. Iam “moças e rapazes”<sup>26</sup>, em grupo, que iam em grande “algazarra” de risos e olhares que buscavam a tudo e a todas. Às vezes, em vez de amigos, “moças e rapazes” tinham a companhia dos pais ou irmãos, e que implicava num comportamento mais rígido,

<sup>23</sup> Altamiro de Melo, 77 anos sapateiro, aposentado. em entrevista concedida em 26/05/2000.

<sup>24</sup> Altivo Marques, 81 anos. aposentado, ex-prefeito de Goiandira, em entrevista no dia 27/05/2000.

<sup>25</sup> José Teixeira Araújo, 71 anos, aposentado, em entrevista de 27/05/2000.

<sup>26</sup> Geralmente filha de fazendeiros, ou comerciante prospero do lugar, segundo Sr. Altivo Marques. Entrevista dia 27/05/2000.

dada a época onde a autoridade dos pais ainda se sustentava num princípio de autoridade e controle, (Araújo 2000). Mas, nem por isso era impossível lançar um olhar em direção à paquera que se dava no local.

Palco de muitas situações, tais como: namoros traições, brigas, esse antigo cinema foi um dos locais mais freqüentados daquele tempo, (Araújo 2000). Foi onde a elite e também a classe média se deixavam levar pela cultura massificada e dela retiravam o sentido racional de sua vida empobrecida, (Santos, 1999), visto que copiavam a moda trazida pela novidade do cinema tão bem retratado pelo poeta em sua poesia:

*“Falo dos cabelos aparados  
dos vestidos curtos decotados,  
e do cinema corruptor:  
onde a moça séria e bonita,  
por exemplo dados da fita,  
ali aprende o livre amor.”*

*(Mariano 1978 p.18)*

Apesar de um certo conservadorismo do poeta, o cinema realmente ditava a moda e o comportamento da época dos jovens mais abastados de Goiandira, (Araújo 2000). Com relação às pessoas que não dispunham de recursos para frequentar esses requintes, o divertimento ficava por conta dos bailes (pagode), em toldas construídas nos fundos do quintal, portanto isentas dessa absorção cultural, pois não tinham condições financeiras para usufruir de modelos irradiados pelo cinema; assim como o modo de vida transmitido por esse meio de comunicação que assegura essa cultura de massa, (Santos, 1999).

Mas o lugar em sua complexidade, abriga, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem, excluem-se, somam-se e se subtraem, num jogo de contradições sem fim, (Santos 1999). São esses processos que temos em Goiandira: o cinema como espaço de diversão de encontro social que reunia as pessoas abastadas de Goiandira numa atividade cultural, (Araújo 2000). Em contraste com isto, existiram os bailes de “pagode”, onde



havia uma atividade popular. “Nos bailes que aconteciam nas casas dos amigos, a gente conversava, ria, paquerava e podia contar com os amigos de “verdade”<sup>27</sup>

*“Se algum pagode eu frequento  
Em dança não faça empenho  
É devido conhecimento  
E a amizade que eu tenho.”*

*(Mariano, 1978 p. 78).*

O lugar é todo esse movimento que o identifica e lhe dá identidade própria, do cinema ao pagode. São frutos do mesmo contexto sócio-espacial. Faz e fez parte do sujeito como “nativo” do lugar que conhece cada detalhe espaço-temporal de sua localidade, manifestada nas formas e nas suas funções. É assim que o Sr. Sebastião Jardim vê o prédio onde outrora foi o cinema e, atualmente, é uma farmácia com nova função, mas que guarda nas paredes e nas lembranças dos seus moradores o que fora no passado.

Saindo ali da frente, do que fora o antigo cinema, o Sr. Sebastião Jardim, segue pela avenida Agostinho Martins,<sup>28</sup>. Ali foi, outrora, a rua do “Vai e Vem”.

O “Vai e Vem” era o movimento de rapazes e moças por uma avenida. O que tornou esse movimento interessante é que teve a função de permitir que rapazes e moças se vissem, travassem conhecimento, e, às vezes, até namorassem, (Araújo 2000).

No “Vai e Vem”, de um lado da avenida ficavam as moças; do outro, os rapazes caminhavam juntos, em grupo; enquanto as moças, geralmente, de braços dados, passavam com rodado vestidos, os rapazes, no seus melhores ternos, sem nunca se esquecerem da gravata, desciam/subiam pela avenida passando em grupo pelo outro. Ali os olhares, as piscadelas, ou mesmo cumprimentos acanhados ou cobiçados, faziam um encontro entre homens e mulheres, (Andrade, 1950).

“Teve uma época que um tal lêdo instalou um alto-falante animando na “Vai e Vem”, onde servia para mandar recados e músicas de rapazes para moças, e

<sup>27</sup> Maria Aparecida entrevista concedida no dia 29/05/2000.

<sup>28</sup> Homenagem feita por Absai Martins Teixeira, primeiro prefeito de Goiandira, nomeado por Getúlio Vargas no período de 1931 a 1940. Ao pai Agostinho Martins e também por ser um dos primeiros habitantes de Goiandira.

vice-versa. (Araújo, 2000). Esse alto-falante, que servia de rádio, causou, namoros, brigas, conflitos, até inimizades<sup>29</sup>. Esse espaço e acontecimentos, mostram o cotidiano do lugar, como se mostrou com o cinema e o furor que o mesmo causou nas pessoas, pois o lugar carecia de espaço de diversão; (Andrade, 1950).

Nesse sentido, criar um espaço de encontro entre as pessoas passou a ser uma necessidade. Diante disso, o “Vai e Vem” em Goiandira pode ser entendido a partir do próprio cotidiano das pessoas daquele espaço-tempo e que sentiam a necessidade de se encontrarem. O espaço é apropriado através do corpo nos encontros e relacionamento, (Carlos, 1996).

A via pública, portanto, tornou-se o espaço desses encontros. Demonstrou, com isto, que esse espaço se referiu de maneira ainda indissociável, inseparável do imediato, do vivido do estar junto, (Carlos, 1996). Foi construído em função de uma lógica, de um tempo, que impôs comportamento e modo de uso e o tempo de duração desse uso, (Carlos 1996). O cinema e o “Vai e Vem”, nos idos dos anos 50 e 60, foram em Goiandira espaços de lazer e sociabilidade. Mesmo sendo mais para as pessoas abastadas do que para a maioria da população, concorreu com o trem de ferro que, apesar de não ser mais a novidade, era atração do lugar, (Andrade. 1950). As pessoas geralmente corriam para ver o trem passar como objeto técnico que inseriu Goiandira à divisão social de trabalho. As crianças numa ingenuidade característica à própria idade, jogavam “pedras” nos vagões e colocavam “pedras” nos trilhos para ver se descarrilavam, (Araújo, 2000). Esses espaços compuseram o universo de lazer e diversão do lugar, juntamente com os bailes de pagode.

Segundo o Sr. Sebastião Jardim, ainda hoje, ao passar por esses locais, é possível ainda “ouvir” as risadas, os ti-ti-tis das moças, a postura impertigada dos rapazes tentando uma ou outra “donzela”, lembrar o olhar severo dos pais desaprovando os devaneios da juventude, ouvir as músicas colocadas no alto-falante do lêdo, precariamente propagadas; sentir o cheiro da pipoca que o pipoqueiro sempre vendia a todos, (Araújo, 2000).

São esses acontecimentos que, aos poucos, dão possibilidade de recompor Goiandira na visão dos seus “nativos”, que aprenderam no espaço-tempo as relações que se davam no lugar em seu cotidiano, (Santos, 1999). Lugar esse

---

<sup>29</sup> Isto nos foi dito por Sr. Sebastião Jardim e também pelo Sr. Altamiro de Melo e o Sr. Laerte entrevistas nos dias 30/06/2000 e 02 e 03/07/2000.

produzido ou inserido à divisão espacial do trabalho pelo objeto técnico, a ferrovia, apreendido pelo “nativo”, em seu ato de caminhar e ver nas formas as suas funções pretéritas. É nesse contexto que o Sr. Sebastião Jardim, senta no banco da praça do viaduto, outrora construído por causa da nova Estação Ferroviária, erguida nos anos 40, que cortou Goiandira ao meio por um corte em uma elevação, (Araújo, 2000). Durante muito tempo esse viaduto serviu de interligação da parte do lugar, (foto 7<sup>a</sup> a 10<sup>a</sup>). Onde as pessoas ficavam até altas horas da noite para ver os trens passageiros vindos de Minas e São Paulo passarem. Os chamados “noturnos” e também os de circulação durante o dia. Tínhamos até mais ou menos 1978, um grande número de trens-passageiros que contavam com um grande fluxo de passageiros e circulavam em média quatro vezes ao dia, e teve Goiandira como o lugar de baldeação dos passageiros da Estrada de Ferro Goiás e da Rede Mineira, (Andrade, 1950). Até a década de cinquenta tínhamos o chamado “Misto”, (mistura de vagão de carga e de passageiros). Que foram os seguintes:

**Quadro 1 – Trens diários de Passageiros que circulavam em Goiandira.**

Sigla	Nome	Dia	Horário	Destino
P1	Passageiro	Diário	9:00 h	Araguari/Goiânia
P2	Passageiro	Diário	18:00 h	Goiânia/Araguari
N1	Noturno	Diário	21:00 h	Araguari/Goiânia
N2	Noturno	Diário	05:00 h	Goiânia/Araguari

Os P1 e P2 contavam com carros de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> categoria. Os N1 e N2 contavam com carros de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> categoria, com poltronas e dormitórios, todos eles contavam com restaurante.

Na década de 70 surgiu o Bandeirante com destino São Paulo/Brasília.

**Quadro 2 – Bandeirante com destino a São Paulo / Brasília / Brasília / São Paulo que passavam por Goiandira**

Nome	Sigla	Horário	Destino	Dias
Bandeirante (Mineirão)	NR 1	01h 30 min.	São Paulo A Brasília	Terças-Feiras

Bandeirante (Mineirão)	NR 2	02h 30 min.	Brasília A São Paulo	Sextas-Feiras
---------------------------	------	-------------	----------------------------	---------------

Posteriormente em, 1975 foram criados o NB2 e NBH

### Quadro 3 – Trens noturnos que circulavam por Goiandira.

Sigla	Nome	Destino	Dias	Horário
NB2	Noturno	Belo Horizonte A Brasília	Segunda Quarta Sexta	01:00 h
NBH	Noturno	Brasília A Belo Horizonte	Terça Quinta Sábado	04:00 h

A circulação de vagão de carga era em média 300 a 350 vagões/dias, distribuídos para Goiânia, Belo Horizonte, Anápolis e, posteriormente, para Brasília<sup>30</sup>. Todos os trens de carga e passageiros tiveram como parada e baldeação, a cidade de Goiandira. E nessas paradas, muitas das vezes, os passageiros ficavam várias horas embaixo do viaduto nos carros de passageiros, a espera de algum trem em atraso, muito comum naquele tempo. Muitas vezes chegavam a atrasar até oito horas. Principalmente quando havia algum descarrilamento na linha ou tombamento de algum trem. Como o que aconteceu em Anhanguera em 1944, causado por forte chuva que arrombou um aterro antes da locomotiva passar à noite e outro vinte anos mais tarde, em abril de 1964, onde duas composições noturnas se chocaram na estação de Urutaí. Era local de cruzamento e o trem que chegou primeiro não entrou totalmente no desvio, sendo colhido pelo segundo, cujo maquinista estava dormindo ao chegar à estação, (Araújo, 2000), p. 39). Como Goiandira era local de

<sup>30</sup> Esses dados foram obtidos de ex-funcionários da rede ferroviária que estão aposentados e trabalhavam na rede em média de 30 a 35 anos os entrevistados foram: João Luiz de Freitas (33 anos de serviço), Laerte Pereira (35 anos de serviço) Geraldo Luiz de Freitas (35 anos de serviço). Valdomiro Araújo (40 anos de serviços), Valdomiro Vitorino (40 anos de serviço). Assim como em documentos da Rede Ferroviária Federal antiga R.F.F.S.A. (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima). As tabelas 1, 2 e 3 são de acordos com os entrevistados e documento da Rede Ferroviária.

entroncamento, os trens permaneciam ali à espera de liberação da linha, no desvio embaixo do viaduto.

Aproveitando disto, os vendedores, as quitadeiras aproveitavam para vender os seus produtos aos passageiros em trânsito<sup>31</sup>. Os jovens aproveitavam essas paradas para flertarem e namorarem as moças que viajavam nos “noturnos”. Neste contexto, podemos observar que o viaduto teve a função de interligação entre as duas partes de Goiandira (a alta e a baixa), assim como local de parada dos trens tanto passageiros como de carga. Também local do namoro e onde quitadeiras vendiam seus produtos. (Araújo, 2000).

O viaduto serviu também de expressão bairrista das duas partes do lugar, a tal ponto de promover grandes brigas se algum jovem das duas partes ousasse transgredir as normas impostas pelos moradores de qualquer uma dessas partes. “Bairrismo ridículo que provocou sonoras brigas e até o fechamento de bailes”, (Araújo, 2.000 p. 05).

Todo esses acontecimentos são expressões do cotidiano do dia-a-dia do lugar em seu movimento e que tecem a existência e a vida dos sujeitos em suas ações e relações entre si; é a partir desse movimento que o lugar se constitui, em seu espaço-tempo, (Carlos, 1996).

Pois é na forma singular das ações que o lugar toma vida, pois a história do lugar se forja na relação do sujeito e seu espaço e conhece e reconhece nas formas pretéritas e atuais, (Santos, 1999.).

É assim que o “nativo” percebe o movimento de mudanças e transformações das formas e funções dentro de um processo de renovação estrutural, que as novas condições do lugar exigem em seu contínuo-descontínuo refazer de acordo o movimento total sócio-espacial. É assim que o viaduto perdeu a sua função com a desativação das duas estações ferroviária em 1978, e a construção de uma terceira na periferia que atendeu o novo trajeto colocado em prática no governo militar de Ernesto Geisel. Ali passavam diariamente autoridades e trabalhadores. nos dias de comemorações cívicas era percurso obrigatório dos desfiles militares e escolares. (fotos 7, 8, 9 e 10).

---

<sup>31</sup> Entrevista cedida por João Luiz (Ex-fun da Estrada de ferro em Goiandira) dia 28/05/00.

## 2. AS NOVAS FORMAS E FUNÇÕES NA PAISAGEM DO COTIDIANO, DE GOIANDIRA.

Em 1983, o viaduto sobre a Estada de Ferro foi aterrado (fotos 11, 12, 13 e 14). Em seu lugar, na parte elevada foram construídos pontos como bares, restaurantes, pit-dogs, lojas, onde as pessoas se distraem nos finais de semana. Já no declive do viaduto, ao fundo, foi construído um “play-ground”, onde as crianças costumavam brincar. O play-ground foi palco de diversões de crianças da periferia, que tiveram oportunidade de entrar em contato com brinquedos diferentes, apesar das poucas variações, que significavam algo mais ao mundo dessas crianças. Próximo ao declive foi construído um ginásio de esporte com capacidade para oitocentas pessoas, que tem a função de promover jogos municipais e intermunicipais e até regionais.

O play-ground foi substituído por bancos e um espaço concretado onde são realizadas as festas de fim de ano e o carnaval.

Nesse contexto podemos notar que o carnaval e as festas de fim de ano saíram do espaço restrito do clube local, reservado a poucas pessoas, e ganharam espaço público. Porém, podemos notar que de certa forma há uma separação no concretado do declive do viaduto. Nas festas de fim de ano constroem-se de um lado uma grande barraca que é ocupada por pessoas mais abastadas, atendidas por um completo serviço de bar. Esta barraca é erguida estrategicamente ao lado do ginásio e por trás onde se situa o som, evitando, assim, o impacto deste nos ouvidos dos frequentadores, que são em sua maioria pessoas de melhor poder aquisitivo como dissemos antes.

No meio do concretado situa-se o local de dança, onde se misturam todas as pessoas, aí não se percebe nenhuma separação. Isso nos mostra as várias funções que o viaduto teve no passado e as que tem no presente. Nos dias “normais”, sem festas, é local de realização de negócios dos “catireiros”, compra e venda de gado e, além do mais, local dos aposentados em seu descanso e bate-papo em seus passeios diários.

Em época de eleições é onde os candidatos se situam para pedir voto, ou se colocar a vista dos transeuntes. É o local dos bares das lojas de roupas, ou seja, é o espaço da venda e consumo de mercadoria, que para os olhos dos comerciantes nada mais é do que o local de adquirirem e aumentarem os seus lucros, o espaço do seu desejo de enriquecimento. É o espaço de contravenção do jogo do bicho. É o local do namoro do fim de tarde e das madrugadas. Muitas vezes é também o local das drogas e prostituição, (Ribeiro, 1996).

Enfim, é o espaço de várias funções no passado como no presente embora com novas formas, continua sendo a referência de Goiandira. É nessa praça do viaduto que essas várias funções acontecem, onde o Sr. Sebastião Jardim se encontra e dali é possível ver o lugar em todas as suas direções e o que não está mais onde esteve<sup>32</sup>.

A Estação Ferroviária assumiu novas funções. Agora, ali funcionam vários órgãos municipais e estaduais. Dos tempos de movimento de trens e passageiros restou apenas a forma da estação e o nome de Goiandira no topo. No lugar dos trilhos hoje está uma pequena praça e uma rua asfaltada. Onde era a elevação do corte, está situado o prédio da prefeitura municipal, e outra estação foi construída perto do cemitério, e a saída para Nova Aurora e Cumari, (fotos 15 e 16).

A avenida do "Vai-e-Vem" já não funciona mais como espaço de encontro entre as pessoas, em seu lugar funciona agora um bar, com o nome de "20 V" (Vinte te vê), que atrai as pessoas como local de consumo de bebidas, longe daquela situação comportada do "Vai-e-Vem".

O antigo clube que realizava grandes bailes de gala, perdeu a sua função para o novo clube, que agora é o espaço de diversão mais sociável e menos restrito que o anterior.

O prédio do cinema mas antigo é apenas marca da lembrança. Outro foi construído na década de 50. Hoje desativado, agora é o local onde se faz o jogo do bicho, é locadora de fita, e na sala onde foi espaço dos frequentadores assistirem os filmes, teve funções tais como local: de danças (famosas discotecas), como local de realização de festivais de músicas, e posteriormente serviu como espaço para religião protestante, que depois passou a ser e, atualmente, é um loja de venda de

---

<sup>32</sup> O que se segue são narrativas do Sr. Sebastião Jardim sobre Goiandira, descrevendo os locais importantes comprovados por fatos e outros entrevistados, assim como fotos e poemas da época.

roupas. Tudo isso é percebido pelo “nativo”, no seu cotidiano, onde se vêem as várias funções que as formas adquirem ao longo do espaço-tempo em seu contínuo movimento, comprovando que as coisas estão em constantes mudanças.

A maioria das ruas perdeu os paralelepípedos e ganhou asfalto. As casas, algumas conservam a estrutura, os desenhos e as formas mais antigas, outras já sentem o peso da reforma e mesmo algumas-novas substituíram as demolidas. Isto foi o que aconteceu com a antiga Prefeitura, monumento histórico construído na década de vinte e testemunho de um tempo de coronelismo das famílias oligárquicas, da política do voto de cabresto, onde os problemas eram resolvidos pela violência através da jagunçagem ou dos “paus mandados”, ou seja, a polícia a serviço do chefe político local que prendia ou matava os seus desafetos sem o menor escrúpulo<sup>33</sup>.

Sem o menor respeito pelo espaço histórico do lugar, o prédio da prefeitura (foto 17, 20, 21, 22, 23, 24 e 25), foi demolido na década de 80, e em seu lugar foram construídas uma pequena praça e uma biblioteca municipal, símbolo do vazio, do amorfo, da não-fixação local onde as pessoas passam, mas não ficam, (Santos, 1996), e, ao mesmo tempo, é o marco de uma política de fim da ditadura, onde havia a necessidade de construir algo novo, a superação do velho, pelo menos ideologicamente. Na prática, o que houve, pelo menos em relação à Goiandira, foi uma política conservadora, calcada em perseguições a funcionários públicos, ameaças a partidos políticos de esquerda e uma grande falta de sensibilidade para com a história da construção do lugar.

Ou seja, tem-se uma nova conjuntura política com o fim da ditadura militar, porém no lugar permanece o arcaísmo, as práticas antigas, apenas da roupagem transvertida de abertura democrática.

A praça do relógio (fotos 28 e 29) que fica próximo ao Grupo Escolar Amélia de Castro Lima, antigo Pedro Ludovico, outrora, foi o local onde se realizavam grandes desfiles cívicos, com uma torre e relógio parecida com a de Londres e que só teve relógio a partir da década de 80 (fotos 28 e 29). Nesse mesmo período foi construída uma fonte luminosa, típica de lugar interiorano e que funcionava apenas aos domingos. As pessoas vinham da missa, paravam nesta praça para ouvir o som das músicas colocadas nas caixas de som junto à fonte luminosa com suas águas multicoloridas. Do lado do jardim se assentava os circos, com sua alegria e diversão,

---

<sup>33</sup>Entrevista a Tio Neciro no dia 30/05/2000.



como algo novo ao lugar. Tudo isso é vivido, sentido pelo “nativo” em suas paixões, em seu relacionamento, em seu estar e pertencer a um lugar, base concreta de sua vida e identidade, (Santos, 1999). Nesse sentido, o sujeito reconstrói o seu lugar dando vida as suas formas. É o processo e movimento de estar no mundo através e pelo lugar, (Ribeiro, 1996). É assim que o “nativo”, percebe o movimento de transformação do mundo e do seu lugar, base concreta de sua existência, (Santos, 1999).

Ao lado do jardim onde se assentavam os circos que vinham a Goiandira, hoje está coberto de casas residenciais. O jardim já não possui mais a fonte luminosa, não atrai mais pessoas, a não ser esporadicamente, quando o viaduto está ocupado por comícios políticos, e os outros candidatos resolvem fazer também o seu comício e ocupam esse espaço para tal fim.

Outra praça foi construída em frente a nova Prefeitura, e é um dos novos espaços de circulação das pessoas, sem tanto brilho como a anterior<sup>34</sup>.

Vários locais continuam os mesmos, mas com outras funções (fotos 26 e 27). Segundo Sr. Sebastião Jardim onde foi a alfaiataria do Gesito de Lima, hoje é casa residencial, (fotos 26 e 27). Onde era a loja de tecidos do João de Cecílio, restavam em pé apenas as portas e janelas, demolidas há pouco tempo.

A velha casa da Miraci Rosa, foi a escola do professor Mundico, onde mora João F. Teixeira, (o Cucão). Foi também o clube dos operários; onde os trabalhadores da ferrovia e de outras empresas de comércio, máquinas de beneficiar arroz, realizavam encontros, festas, bailes e confraternização.

Onde é a cooperativa agropecuária, foi a fábrica de móveis do Vicente Monteiro. Tudo isto ficava logo abaixo do viaduto que as pessoas costumam chamar de parte baixa de Goiandira, (Araújo 2000:)

Acima do viaduto, na parte “alta”, também houve modificações; a antiga casa do Idelfonso Teles, é hoje, no mesmo prédio, casa de materiais de construção (Constrói).

Onde foi o colégio particular Brasil Central, hoje é o Banco do Brasil, com uma nova forma e função, símbolo do capitalismo em Goiandira. Onde é o supermercado Peixotão II, nas décadas de 30 a 40 foi outro símbolo do capitalismo, o

<sup>34</sup> Isto nos foi dito por Lázaro em entrevista no dia 25/04/2000. E foi fruto de nossa observação por vários dias.

supermercado Peixotão II, nas décadas de 30 a 40 foi outro símbolo do capitalismo, o Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais. Na atual farmácia de Adalindo Jr. antigamente ficava o clube da “Elite”. Neste contexto, fica clara a reprodução das relações sócio-espaciais capitalistas, no lugar. De um lado, o clube dos “operários” na parte baixa do viaduto, do outro lado na parte alta do mesmo, o clube da “Elite”. É a luta de classe concretizada no lugar, percebida e sentida pelo “nativo” em seu cotidiano, (Moraes, 1996).

De acordo como Sr. Sebastião Jardim, onde é a loja de auto peças foi a farmácia do Gumercindo Natal. “Goiandira tinha lojistas, parteiras, farmacêuticos, donos de clube e dono de cinema, sapateiros, professores, alunos etc”<sup>35</sup>.

Essa é a leitura do lugar feita pelo “nativo”. É uma leitura baseada em fatos concretos das formas e funções dos objetos pelo espaço-tempo, é uma leitura do cotidiano simples das pessoas que ali moravam e moram, onde o sujeito fala de Goiandira partindo daquilo que está visto nas formas, nas casas, nas ruas, nos tijolos e forjado socialmente à medida que os espaços construídos são apreendido pelo coletivo. O “nativo” sente e vê o lugar a partir das pessoas que forjaram situações, acontecimentos daquele espaço-tempo reconstruído no andar do “nativo”, hoje.

---

<sup>35</sup> Altivo Marques entrevista dia 25/05/2000.

### 3. O LUGAR COMO PRODUÇÃO DA MISÉRIA

É a existência concreta das pessoas que viveram/vivem em Goiandira. Seus lugares, as ruas, as praças, jardins, casas. São lugares reais de formas concretas, que guardam suas histórias, contradições de riqueza, pobreza, miséria, alegria, decepções, e possuem algo em comum: o sentimento de seus “nativos”, de pertencer ao lugar, mesmo estando em outros espaços. Este se faz presente no sentimento, no desejo de voltar, de estar em seu lugar. E como disse o poeta:

*Goiandira – terra amada,  
De flores engrinaldadas;  
És orgulhos de Goiás;  
Berço de amor e paz;  
Nos teus filhos, sempre ufanos,  
Comteplamos o teu vulto,  
Lutar de nosso culto,  
És orgulho dos goianos (...)*

*(Guimarães, 1971 pág. 124)*

Goiandira é o espaço onde acontecimentos, fatos, sentimentos foram-se construindo em seu processo, apreendido pelo sujeito em sua percepção. Sujeito esse que observa e expressa em sua sensibilidade aquilo que vê sente e analisa.

Não só o luxo e a beleza do lugar estão presentes naquilo que o sujeito percebe, mas também a desigualdade sócio-econômica e espacial como parte integrante do lugar e da sociedade capitalista como um todo manifestado e escrito pelo poeta Esaú Marques Guimarães.

*Viver entre as paredes do infortúnio,  
Qual répobro entre as grades da prisão,  
Ser condenado como um vil ladrão,  
A suportar o mais cruel castigo,*

*Que a sorte com frieza lhe dispensa,  
 Errar a vida inteira por caminhos  
 Atapetados de cruéis espinhos  
 Eis o destino rude do mendigo.  
 Sais curvados pela estrada a fora,  
 Com o corpo entregue as garras da miséria,  
 Ouvir o grito enorme da matéria  
 Estrangulada pela fome bruta,  
 Ir tristonho bater a cada porta,  
 Em procura de mísero tostão.  
 Eis a miséria na situação  
 Da pobreza, que pela vida luta.  
 Estender o chapéu a cada instante  
 À luminosidade vil e corrompida,  
 Conduzir a amargura pela vida,  
 Estampada na face macilenta,  
 Eis o destino atroz que espera o pobre;  
 Mas um lampejo acende-lhe a memória ;  
 - Espera o gozo, a redenção e a glória  
 no descansar da carne famulenta”*

(Guimarães, 1978 p. 65)

Esta miséria das ruas está presente nas casas das pessoas pobres de Goiandira, que sobrevivem de cestas, de restos de comida dados pelas pessoas mais abastadas do lugar. São situações absurdas de degradação humana, as quais o poder público acha que se resolve dando pequenas casas para essas pessoas na periferia<sup>36</sup>, Fotos 30, 31, 32 e 33).

<sup>36</sup> Uma criança dos seus nove anos na Vila Vitoriana, filho da senhora Aparecida dos Santos, com um prato entre as pernas, lutava para comer uma comida repleto de espinhos de peixe impossível de ser digerido. Porém esta criança insistia em comer, pois a fome era maior do que a dificuldade em comer os espinhos. Isto foi por nós presenciado em entrevista a Senhora Aparecida dos Santos em 28/06/2000.

Nesse sentido, o cotidiano dessas pessoas é de sobressaltos, de incertezas a dia de amanhã. Mesmo com a doação da chamada cesta básica do governo do subespaço goiano, a situação dessas pessoas é extremamente difícil.

Embora a situação não seja como aquela dos trabalhadores em Manchester do século passado, porém, em degradação humana, é muito parecido, (Engels, 1989). São esses pobres que mais olham para o futuro, (Santos, 1999). Para eles a busca do futuro é essencial, uma necessidade pela carência de todos os tipos de consumo, material e imaterial. (Santos, 1999).

O que se percebe é a carência de consumo político, de participação e de cidadania, mas que encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar onde possui relações profundas num cotidiano vivido, (Santos 1999).

O lugar é esse movimento de contradição e complexidade esquadrihado e detalhado pelo sujeito que o conhece, nesse sentido, onde não só a situação de miséria e pobreza foi alvo de observação do “nativo”, mas a própria prostituição como produto das relações sociais, concreta do lugar, foi retratada por Guimarães no seu poema como sujeito que conhece o espaço onde vive/viveu e dele extraiu as situações vividas do dia-a-dia em seu acontecer imediato, transformado em poesia que reflete a realidade do espaço vivido.

*Ele diz: “Foi num domingo à noite meiga a lua.  
No céu brilhava, enchendo de clarão  
A terra, E imerso na recordação  
Eu passeava sozinho pela rua.  
Revia na memória os tempos idos,  
la feliz, seguido do anjo bom,  
Quando uma voz em dolorido tom.  
Distraiu-me ferindo-me os ouvidos.  
Estava em frente de um “Chalet” sombrio.  
Uma mulher nas garras do infortúnio,  
Falava contemplando o plene lúnio,  
Palavras vãs de um cérebro vazio.  
Era pequena corpo delgado.  
Era bonita e a cabeleira basta.*

*E no semblante que expressão tão casta  
 Lhe contrastava a vida de pecado!  
 Mas quando virgem, ainda conduzia  
 Na ponte linda pudica corva.  
 Até que o vento da desgraça um dia,  
 Num movimento brusco desfolhou-a  
 E hoje, coitada! Um sentimento crasso  
 Subjugava-a ao desejo da matéria.  
 E deitada no leito da miséria.  
 Recebe a beijos todo o ser devasso  
 Quando porém, cair nos desenganos,  
 Vendo fugir-lhe a terna mocidade  
 Há de chorar, quem sabe, a castidade  
 Que lhe roubaram no verdor dos anos.  
 Infeliz! Seu destino vil me aterra.  
 A desonra cruel corrói-lhe o nome,  
 Como ferrugem que o metal consome  
 Quando atirado à toa sobre a terra.  
 Somente a morte a tirará da luta,  
 Mas mesmo assim, hás de guardar, na cova,  
 Desta existência a mais horrenda prova:  
 - A eterna mancha de uma prostituta.*

(Guimarães, 1978, p. 41)

Isto demonstra que o lugar, em seu processo é reflexo de ações e negações, pois ao mesmo tempo temos de um lado o conforto de alguns, a miséria que campeia muitos. Isto é cristalizado no cotidiano, nas relações sociais que “naturaliza”, as condições sociais, banalizando-as. Onde são negadas às pessoa, o direito, as condições mínimas de existência.

Em Goiandira isso se concretiza, na maneira espacial de distribuição das casas, onde a maioria das pessoas muito pobres estão concentradas nas

chamadas “vilas” afastadas do centro, onde está o viaduto, o comércio e as casas das pessoas abastadas, (fotos 32 e 35).

Essas vilas construídas a partir de 1983<sup>37</sup>, demonstra o crescimento da pobreza em Goiandira, como parte integrante da sociedade como um todo.

A produção de bens e mercadorias não é acessível a todos e isso produz nas pessoas carentes a sensação de exclusão, de não pertencer à sociedade a esse universo de “fetiche” da mercadoria onde o dinheiro parece ter vida própria descolada da sociedade que a criou, (Marx, 1985). É como diz o poeta:

*Abro a porta da vida e vejo tudo  
 La fora a humanidade tumultua,  
 Desde o mendigo ao rico sisudo,  
 Como cães esfomeados, pela rua.  
 É o agitar do povo alucinado  
 Em torno dum ponto único – o dinheiro  
 O amigo perigoso, o companheiro  
 Certamente mais vil e cobiçado.  
 Um menino faminto e esfarrapado  
 Estende a mão mirrada a populaça  
 E, no meio da turba que o escurraça,  
 Escuta-se o implorar do desgraçado:  
 “Uma esmolinha pelo amor de Deus!”  
 E esconde a mão chorando, envergonhado,  
 Enquanto os olhos cobre para os céus.  
 Mas ninguém no momento tem trocado.  
 (...) Que o dinheiro é agente da maldade,  
 É ele – a morte, o roubo, e, num bosquejo,  
 A perdição de toda humanidade  
 É quem ao pobre dá mesquinho nome,  
 Obrigando-o a andar de porta em porta,  
 Pedindo o pão, numa existência morta,*

<sup>37</sup> De acordo com documentos da prefeitura municipal de Goiandira, a 1ª vila construída foi a Vitoriana, outras vieram posterior. A cada vila nova construída são sinal de crescimento das pessoas sem teto. Mas faz também parte de uma política de habitação e construção de pequenas casas em estilo de mutirão tão comum no subespaço goiano. assim como as cestas básicas de alimento.

*A fim de estrangular a sua fome.  
 Contudo a humanidade em massa olvida  
 Todos os defeitos que ele tem e diz:  
 - "Somente o rico pode ser feliz,  
 Porque o dinheiro representa a vida.*

*(Guimarães 1978, p. 37)*

O poema mostra as relações entre o sujeito, o lugar e o cotidiano segundo as diversas perspectivas de poder de seus atores, tendo o dinheiro como mediador desse poder e o valor que as coisas têm para elas. O poeta vê o dinheiro como agente subversivo das relações sócio-espaciais produzindo, no lugar, espaços diferenciador de apropriação.

De um lado as "vilas", a pobreza, "a falta de dinheiro"<sup>38</sup>, do outro, a riqueza, o conforto das casas, a condução individual.

"Hoje em dia, as pessoas valem pelo que têm, e não pelo que elas são"<sup>39</sup>. São essas observações que o "nativo" apreende do seu espaço de existência que se constrói nas relações das pessoas entre si e dessas com seu lugar. É o espaço vivido do sentido do imediato. Imediatizado pelas contradições que se reproduzem no lugar o mundo, (Santos, 1999).

O lugar é também um domínio marcado por encontros cara a cara, por um relacionamento direto entre as pessoas, (Araújo, 1996).

É desta maneira que o "nativo" entende e fala do lugar, que foi por nós aprendido nas entrevistas, nos poemas, no andar pelo lugar, juntamente com o sujeito que conhece o seu espaço.

Desta forma, perceber em seu movimento os processos de transformação das formas e funções em seu espaço.

Tempo que faz o lugar ter sua singularidade, o seu conteúdo, (Santos, 1999). No ato de caminhar com o Sr. Sebastião, utilizar Jardim, os entrevistados e os poemas, compõe-se Goiandira, no seu cotidiano. Porém, sem nunca esquecer que o lugar é parte integrante do mundo, mas que possui a sua autonomia. O lugar é

<sup>38</sup> Altivo Marques entrevista dia 21/06/2000.

<sup>39</sup> Lázaro David entrevista dia 25/06/2000.



também resistência, é transformação, é movimento, é contradição. Ao mesmo tempo, é também solidariedade e identidade, (Santos, 1996).

É assim que Goiandira foi se construindo como lugar. Lugar do espaço banal, criado da solidariedade e da interdependência obrigatória gerada pelas situações cara a cara, (Santos, 1996). e também do conflito e da luta de classes, em toda sua concretude, (Marx, 1975).

Lugar que contém e é parte integrante da ação global, pela divisão sócio-espacial do trabalho. É neste contexto que Goiandira deve ser entendido como parte do mundo, porém contendo a sua autonomia, no refazer do seu cotidiano. É assim que o lugar toma sentido e se realiza real e de fato. Base essencial de nossa análise e estudo.

# CAPÍTULO III



Foto dos trilhos da Estrada de ferro de Goiás em 1º de janeiro de 1967. (Arquivo pessoal de José Teixeira de Araújo ex-prefeito de Goiandira)

## CAPÍTULO III

### A Definição de Goiandira na visão de seus moradores

Conforme os relatos dos capítulos anteriores, Goiandira foi construída segundo a visão dos seus habitantes, seus “nativos” que deixaram as suas análises através de poemas e escritos da época.

Trata-se de captar o sentimento e sentido que o lugar teve dentro do movimento espaço-temporal para essas pessoas em sua vivência e testemunho.

Para tanto, foi feito um passeio pelas localidades da cidade juntamente com pessoas que tiveram e têm profundo relacionamento com o lugar e conhecem cada pedaço do mesmo, confrontando os seus depoimentos com documentos e fotografia da época e a unanimidade de opiniões no confronto de várias entrevistas.

A partir, desse foco, foi-se construindo a historicidade de Goiandira com sua identidade a sua forma, as suas funções, os seus traçados e a sua marca, vividos por pessoas reais, experimentando o seu espaço de existência, mas uma existência que não se autodetermina, mas que se constrói à medida que as pessoas vão, nesse espaço, construindo a sua história .

Nesse sentido, é um movimento de reconstrução do lugar de suas praças, jardins e antigas casas. É a localidade construída também no sentimento das pessoas, de estar no mundo através e pelo lugar.

É a redescoberta do lugar e da sua dimensão local, (Santos 1999). Isso significa encontrar os seus significados através do cotidiano e da existência do mundo vivido.

Cotidiano esse compartilhado entre as diversas pessoas do lugar em seu movimento e construção de cooperação e conflito, (Santos, 1999). O teatro das paixões e sentimentos humanos, que através da ação são responsáveis pelas diversas manifestações de espontaneidade e criatividade, “a localidade se opõe à globalidade, mas se confunde com ela” (Santos, 1999 p. 258).

Ou seja, o lugar é parte integrante da divisão sócio-espacial do trabalho, onde superpõe o tempo externos, das escalas superiores, (Santos, 1999). Mas é também o tempo interno da existência onde tudo se funde e é percebido pelo “nativo” em suas noções de realidade espaço-temporal, (Santos, 1999).

É dentro desta análise que os dois primeiros capítulos foram pautados, onde se percebe que o lugar se construiu na visão do “nativo”, tendo a ferrovia como objeto técnico de inserção de Goiandira ao contexto do espaço-mundo, visto e analisado através do seu cotidiano, no estar junto e pertencer a um lugar, isto é, Goiandira.

Mas Goiandira não é apenas o que existiu, mas também o que não teve e mais ainda, o que poderia ter tido, segundo os depoimentos das pessoas do lugar. Desta forma, o terceiro capítulo se pauta na percepção que o “nativo” tem de Goiandira nos dias atuais, o seu sentimento em relação ao lugar.

Diante disso, à medida que se discute o processo de formação de Goiandira, nos dias atuais, significa entender o lugar em sua complexibilidade e diversidade de opiniões e que dão à mesma as suas características próprias, pois são, na verdade, explicações do “nativo” a partir do seu cotidiano, do seu espaço de vivência, da sua relação mundo-lugar, (Carlos, 1996). Nessa visão, o “nativo” também percebe Goiandira como espaço de atuação política, que segundo ele, permite que o lugar cresça e se desenvolva. Portanto, ao lado do fator econômico, as pessoas percebem as questões políticas como entrave do desenvolvimento de Goiandira. Desenvolvimento esse, no sentido de modernização capitalista de industrialização,

geração de empregos e a inserção de Goiandira no pólo do capitalismo industrial, como é o caso da cidade de Catalão.

Portanto, para os “nativos”, as questões políticas têm um peso significativo no desenvolvimento de Goiandira.

Tanto é que os depoimentos e as entrevistas estão perpassadas de opiniões relacionadas à política, que poderia ter sido feita para que o lugar tivesse o seu desenvolvimento.

Há também, na visão do “nativo”, uma certa saudade dos tempos da ferrovia, onde Goiandira possuía grandes comércios, bancos, indústrias e havia uma efervescência de pessoas e notícias de outros espaços. Goiandira, nessa época, possuía várias pensões que viviam abarrotadas de gente.

Para o “nativo”, o grande entrave do desenvolvimento de Goiandira foi à falta de ação efetiva política que não soube lutar pelo lugar, para que as coisas viessem em benefício do mesmo, como foi o caso da rodovia que teve seu traçado desviado para Catalão, em benefício do mesmo e em detrimento de Goiandira.

Mas essa ação política está de acordo com a ação do capital que dinamiza um lugar e estagna o outro.

Nesse sentido, o “nativo” consegue perceber, à sua maneira, que o lugar é perpassado por ações que não são somente econômicas, mas também políticas, além de outros fatores complexos da sociedade como um todo mas que não anulam as características próprias do lugar,

Ao lado dessas questões, o “nativo” também julga que a proximidade de Goiandira em relação a Catalão constitui um dos fatores que contribuíram para o atraso do lugar.

A defesa do “nativo”, em relação ao seu lugar, é a explicação que o mesmo acha para a falta de crescimento, de “progresso” de Goiandira.

Nesse sentido, é a visão imediata do cotidiano, do sujeito em relação ao lugar, é o que ele percebe no seu dia-a-dia, nas suas conversas com os amigos, na sua vizinhança, em sua relação com o outro.

Outro fator, que segundo o “nativo” contribui para a estagnação de Goiandira, são as condições do relevo, muito “acidentado”, que dificulta o desenvolvimento de Goiandira. Nesse sentido, há um forte determinismo geográfico na visão desses entrevistados, em seus depoimentos.

Portanto, o lugar para o “nativo” é perpassado por toda essa gama de fatores complexos que não nos permite simplificá-lo, pois cairíamos no erro de não estar realmente entendendo, como o “nativo” entende seu lugar. Assim sendo, estaríamos, então, apenas tendo uma visão exteriorizada do lugar como o “estrangeiro” que emite as suas opiniões sem, no entanto, esquadrihar a realidade de quem nela vive. Pois é através dessa realidade que poderemos ir construindo o lugar e ao mesmo tempo entendê-lo em sua definição.

É essa voz do “nativo”, em sua realidade material, que nos permite compreender o lugar dentro do contexto da sociedade como um todo. Dar voz ao “nativo” é, portanto, inseri-lo como sujeito do seu lugar e entendê-lo como integrante desse lugar. É isso que podemos perceber nas entrevistas e depoimentos a seguir.

## 1 A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR

Uma das questões que está presente nos depoimentos das pessoas, quando se referem ao desenvolvimento de Goiandira, é um certo sentimento de nostalgia de espaço-tempo, no qual o lugar era visto como local de progresso à medida que o objeto técnico, a ferrovia, penetrava rumo ao interior do subespaço goiano trazendo a modernização para o mesmo, de acordo com o processo de interiorização da sociedade capitalista de exploração de espaços para a produção de bens, principalmente primários, para região de São Paulo e Rio de Janeiro. Dentro desse contexto, Goiandira funcionou como porta de entrada para essa interiorização (Araújo, 2.000). Isso trouxe para o “nativo” a sensação de que naquele tempo era o tempo de progresso, de fartura, conforme nos diz esse entrevistado. “Goiandira era muito boa e tinha fartura. Hoje num tem aquilo que tinha na época da ferrovia”.

Esse depoimento nos permite perceber o presente em contradição com o passado, que construiu um lugar de ontem melhor que o de hoje. Lugar esse do movimento, do burburinho, da efervescência das pessoas, perdido ao longo do tempo.

E isto é sentido pelas pessoas através do seu cotidiano, e que vêem nas questões políticas o grande responsável por esta situação, conforme nos diz esse entrevistado: *Goiandira hoje, num é um lugar desenvolvido, evoluído e perdeu o crescimento por falta de força política, do pessoal do “município”<sup>40</sup>.*

Ao falar de Goiandira, do presente, esse entrevistado elabora o lugar a partir da ausência de força política, ou seja, o lugar atual não é apenas desenvolvido e nem evoluído, porque a força que poderia promover isso não está mais presente. força política essa que, na verdade, não existiu durante a República Velha ou, se existiu, não foi capaz de promover a emancipação de Goiandira nesse período. Pelo contrário, conforme já foi dito no primeiro capítulo do presente trabalho, Totó Caiado chegou a dizer que não emancipava Goiandira porque aqui não “tinha homens”. (Araújo 2.000).

---

<sup>40</sup> Altivo Marques 81 anos, aposentado ex. prefeito de Goiandira em entrevista dia 25/06/2000.

Mostra também que havia em Goiandira uma certa oposição ao Caiadismo, e que esta oposição não tinha força diante da política coronelística do subespaço goiano, (Andrade, 1950).

Essa oposição só vai ter certa força a partir do momento que o caiadismo é derrubado por outras forças oligárquicas, após 1930, conforme nos diz esse entrevistado: “Goiandira só foi emancipada com o fim do Caiadismo. Depois da emancipação, Goiandira viveu um período de auge, o povo ficou satisfeito”<sup>41</sup>.

“O povo”, de que nos fala o entrevistado, é na verdade os coronéis que estavam alijados do poder durante a República Velha e que viram, no apoio de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico, a oportunidade de ascensão ao poder. Políticos esses ligados à família Sampaio de Catalão, cujo nome passou para a história como os mais violentos e reacionários da região, que ficaram conhecidos nacionalmente com o assassinato do farmacêutico Antero da Costa, de forma bárbara e cruel.

Quanto ao já cotidiano das pessoas mais simples, não houve muitas mudanças, pois as contradições entre riquezas e pobreza não foi amenizado e nem resolvido. Portanto, esse “povo”, se que nos fala o entrevistado, se refere a uma pequena fração da classe dominante local, (Araújo, 2.000).

O que se pode perceber nessas reconstruções feita a partir do “nativo”, é Goiandira como espaço de atuação política. Essa atuação, segundo os entrevistados, permite ao lugar crescer e se desenvolver. Outra característica importante é que as pessoas possuem um “desejo” de que o lugar se desenvolva. Desenvolvimento esse identificado com melhores condições de vida.

“Agora, eu não acho nada, porque aqui não tem nada, antigamente tinha serviço para trabalhar e hoje não tem”<sup>42</sup>.

Apesar do desemprego ser fruto das condições sócio-econômicas da sociedade como um todo e não apenas de um lugar, o entrevistado fala de um lugar desenvolvido na época da ferrovia, ao dizer que “antigamente tinha serviço”. O que o entrevistado tenta mostrar é que o lugar perdeu o desenvolvimento com o fim da ferrovia, que deixou de oferecer condições a seus habitantes para que estes nele possam ficar e de sua força de trabalho retirar o seu sustento, visto que Goiandira perdeu as sua indústrias e a maior parte de seu comércio. A identificação do

---

<sup>41</sup> Sebastião Jardim.

<sup>42</sup> Antônio Afonso 95 anos, entrevistado dia 25/04/2000.



desenvolvimento com a oferta de trabalho significa considerar Goiandira dentro das relações de capital e trabalho, pois senão não há indústria, não há trabalho.

Se o trabalhador não tem como vender a sua força de trabalho não há como sobreviver. Segundo a visão do “nativo”, “Goiandira era bão uai! Goiandira tinha muita indústria”<sup>43</sup>. Ou seja, ter muita indústria, significa que lugar no passado tinha oferta de emprego e as pessoas trabalhando permaneciam no lugar. Aqui não importam as condições subumanas do trabalhador da época, que chegava a trabalhar nas torrefações de café até 14 horas por dia em calor escaldante, (Andrade, 1950).

Nesse contexto, o que aparece como marcas de desenvolvimento do lugar é a indústria e as pessoas como força de trabalho da mão-de-obra. Nesse caso, a condição espaço-temporal é construída como um período melhor que hoje, pois dava emprego às pessoas e garantia da sua permanência no lugar. “A Goiandira de antigamente é, pois, um lugar de vida melhor, tinha fartura; Aí tudo foi mudano, o povo foi mudano, saindo tudo e acabano”<sup>44</sup>.

Nesta entrevista, percebe-se que o sentimento de perda fica evidente. O lugar já não propicia condições de emprego para as pessoas e o povo vai embora, porque suas vidas não estão mais garantidas; como fora no tempo da ferrovia, quando havia muitas indústrias, hotéis, pensões, casas de comércio, bancos e novidades vindas de São Paulo, Rio de Janeiro e até do exterior. Hoje o lugar já não oferece mais essas condições e isto provoca a saída das pessoas para outros lugares.

*... Se sabe que ninguém foi culpado por isso, porque onde não existe produção, num tem condição de ficar ninguém, cê sabe muito bem disso. Porque aonde tem emprego, segurava muita gente...*<sup>45</sup>

A marca dessa situação é identificada pelos entrevistados como falta de produção, falta de emprego, e com isso, as condições de permanência no lugar são mínimas. Devido às condições sócio-econômicas e espaciais, o “nativo” percebe que

---

<sup>43</sup> Maria Aparecida, 67 anos aposentada entrevista dia 22/05/2000.

<sup>44</sup> Altivo Marques 81 anos e entrevista dia 25/06/2000

<sup>45</sup> Altivo Marques 81 anos e entrevista dia 25/06/2000.

Goiandira perdeu a sua condição privilegiada de lugar e entroncamento ferroviário e sua importância na divisão sócio-espacial do trabalho e, com isso, as pessoas têm que ir para outros lugares.

As pessoas, tendo que trabalhar, vão embora e o lugar acaba por se tornar um lugar que perde, (Araújo, 2.000). "Então Goiandira se tornou um lugar de uma torneira, meia polegada e  $\frac{3}{4}$  tirava foi indo a até secar"<sup>46</sup>.

O que se vê é que todas essas entrevistas caminham para um ponto em comum: a situação atual. Ao contrário de outrora, nega o crescimento do lugar. E o desejo dessas pessoas é que o lugar cresça. Portanto, para esses "nativos", o passado fora melhor, porque conseguia manter as pessoas em Goiandira, dando-lhes fartura, emprego, escola, (Araújo, 2.000).

Mas, percebe-se nesses mesmos depoimentos que apesar dessa estagnação, o lugar hoje tem uma feição melhor. *Hoje Goiandira é bem melhor do que no meu tempo pelo seguinte, naquele tempo não tinha cultura em Goiandira*<sup>47</sup>

Outro entrevistado completa: "Hoje tem trator para arar a terra, naquele tempo não tinha"<sup>48</sup> Porém, esse "melhor" não diz respeito apenas ao lugar em si, mas alguns aspectos da sociedade como um todo.

O "trator" de hoje não é marca só de Goiandira, mas, sim de condições sócio-econômicas gerais vivenciadas por quase toda a sociedade, das quais Goiandira é parte integrante.

A cultura de que fala o entrevistado, trata sobretudo da escolarização. As escolas que hoje Goiandira possui, quase não existiam. Eram destinadas a uma pequena parcela da sociedade local, como foi o caso do "Colégio dos Padres" e alguns colégios particulares já extintos.

Hoje, as escolas públicas são pelo menos teoricamente para todas as crianças, é disso que o "nativo" fala na entrevista

Portanto, o que aparece nos depoimentos é um lugar real, no qual as pessoas vivenciaram e vivenciam o seu processo histórico, as funções e formas que o lugar adquiriu e adquire em seu movimento espaço-temporal. É a contradição entre o passado e o presente que se constrói dentro desse lugar vivido em seu dia-a-dia. O

---

<sup>46</sup> Altivo Marques, 81 anos e entrevista dia 26/06/2.000.

<sup>47</sup> Antônio Afonso, 95 anos e entrevista dia 25/04/2.000.

<sup>48</sup> José Teixeira, em entrevista dia 23/06/2000.

que foi o lugar, as experiências vivenciadas dão aos “nativos” o “chão” no qual se situam, ou seja, o espaço em seu lugar. É um contexto real que experimentaram e experimentam e que viram transformar Goiandira no que ela é hoje.

*“Então, Goiandira tá ficando um lugar só de aposentado, Às vezes, a pessoa muda depois de velha, que já não tá agüentando mais a correria do lugar grande, eles procuram voltar, mas são pessoas que não vão beneficiar o lugar, posição pessoas que já estão velhas, pessoas que não vão abrir uma indústria, pessoa que não vai abrir um comércio.”<sup>49</sup>*

A entrevistada diz que o lugar onde não se tem indústria e nem comércio nada se reproduz, a não ser apenas como um espaço onde se vive. Diante disso, a volta para Goiandira quando a pessoa já se aposentou, mostra que a mesma é um lugar para se viver. Pois outros lugares possuem “correria”, o que não existe em Goiandira. A cidade de que fala o “nativo” é um lugar bom para se viver, “pois as amizades construídas permanecem, as raízes formada ao longo do tempo permanecem”<sup>50</sup>

Nota-se, nesta fala, um certo preconceito em relação às pessoas velhas, pois, segundo a entrevistada, elas são pessoas que não “produz” e não movimentam economicamente o lugar. Nesse sentido, as pessoas são vistas como uma mercadoria com data de validade; vale apenas enquanto força de trabalho para o capital, ou enquanto agente de desenvolvimento e produção, capaz de trazer indústrias e comércio para o lugar.

A partir dessas entrevistas, podemos encontrar várias explicações sobre o lugar, várias leituras que o “nativo” vai construindo no seu cotidiano, no seu pertencer ao lugar.

---

<sup>49</sup> Darci Tristão Pacheco, 54 anos aposentada em entrevista dia 25/06/2.000.

<sup>50</sup> Lázaro David, em entrevista dia 20/05/2.000.

## 2. O LUGAR COMO NEGAÇÃO DO OUTRO

Outra questão posta pelo “nativo”, além dessas que foram mostradas, é a relação do lugar com o outro, o seu vizinho, na visão dessas pessoas.

*“É o seguinte, todo lugar pequeno perto de um grande, cresce o grande, absorve os benefícios, por isso Catalão cresceu muito nessa região. Todos esses lugares pequenos, ao redor, automaticamente foi abalado.*

*Cresce Catalão, os lugares pequeno mingua. Num é só Goiandira, é toda as cidades pequenas dessa região<sup>51</sup>”*

Para esse entrevistado, o que explica Goiandira e sua condição hoje, é a sua proximidade com Catalão, pois esta última, considerada “desenvolvida”, atrai para si tudo que poderia servir de “progresso” para Goiandira. Ou seja, Catalão é capaz de fornecer as condições necessárias para que as indústrias lá se instalem através de incentivos fiscais e construção de infra-estrutura, que possibilita a instalação de grandes indústrias, como é o caso da Mitsubishi. Nesse sentido, o Estado canaliza para Catalão grande parcela de recursos, que facilita ainda a mais a instalação dessas indústrias. Já com relação a Goiandira, esta perdeu esses benefícios na medida que Catalão canaliza todos esses recursos.

*“... Tudo de bom que tinha, o povo de Catalão carregava para eles. E quando ia saí, vai vim um progresso para Goiandira, os próprios deputados tirava daqui e fazia em Catalão. Naquela torre era pra vim pra cá, uma torre boa, eles catô a torre e levô pra Catalão. Agora temos um colégio, mais a Maria do Rosário Cassimiro. Ela deu a*

---

<sup>51</sup> José Teixeira de Araújo em entrevista dia 18/06/2.000.

*faculdade pra Goiandira, aí eles pegou também e levou pra Catalão.<sup>52</sup>*

Nessa entrevista, Catalão aparece como alvo das posturas políticas que conseguem levar “coisas” até o lugar, que influenciam no seu desenvolvimento. “Coisas” que, segundo a entrevistada, eram para ser de Goiandira, mas por causa da política, vão para Catalão. Mais uma vez o fator político tem peso relevante na visão do “nativo”, ou seja, a falta de força política dos representantes de Goiandira frente aos de Catalão.

*“Com o passar dos anos, os parlamentares de Catalão passaram a representar a Terra Branca (Goiandira), que se transformou em verdadeiro bairro de Catalão”, (Araújo, 2.000 p. 107).”*

“O nativo” explica as condições atuais de Goiandira pelos viés da política, que, segundo eles, com o passar do tempo, foi sendo engolida pelo poder dos Catalanos. Nesse sentido, o sujeito percebe as contradições e complexibilidade do lugar, no entanto não percebe, ou percebem parcialmente, que as questões políticas não funcionaram isoladamente das questões econômicas. O lugar não é puramente econômico e nem tão pouco puramente político, mas um embricamento de ambas.

*“Acontece que todo lugar que é vizinho de uma maior cidade de mais recurso, então aquele lugar pequena fica. Sempre sacrificado. Cê vê, Araguari é bem sacrificada por Uberlândia.*

*Uberlândia tem muito mais progresso do que Araguari, então é uma coisa normal (rindo), num é totalmente a força política, né?*

---

<sup>52</sup> Maria Aparecida, 67 anos. aposentada, em entrevista dia 23/05./2.000.

*Há uma base da força política, como também uma base natural, uma coisa natural, que os rios pequenos corre pelos grandes (rindo)<sup>53</sup>*

Para esse entrevistado, além do fator político, há o fator “natural” que o lugar pequeno fica à margem de outros lugares maiores. Há nesta fala “naturalização” das condições sócio-econômicas e espaciais que na verdade é o responsável pelas condições de estagnação.

*“... Porque até cê vê que Catalão se puder engolir Goiandira ele engole mesmo. Isso, é desde o começo. Cê tá entendendo? (...)*

*Goiandira ficou localizada num lugar muito ruim. Eu digo o local, Cê tá entendendo?*

*Porque eu falo que Goiandira eu vou falar é pequena e não tem onde crescer, pra onde crescer Goiandira?*

*Cê vai pra ali é uma burracada, é um corgo é ... cê vai, só se for pro lado de Catalão (...)*

*O sistema de Goiandira, eu falo sempre, é um sistema mesmo que ver um guarda-chuva.*

*Se quiser fazer uma lá em baixo, é uma dificuldade. Brejo... é difícil crescer, num tem de crescer não<sup>54</sup>.*

Para esse entrevistado, o lugar não cresce é devido ao relevo que não permite que Goiandira se desenvolva. Ou seja, os fatores naturais são determinantes do crescimento da cidade. Para esse “nativo”, as condições sócio-econômicas e mesmo a política não tem relevância, ou melhor, ele não percebe essas condições como sendo o que realmente transforma e cria lugares. Apesar de suas características próprias, ele faz parte do movimento e processo da sociedade que o engendrou.

<sup>53</sup> Altamiro de Melo 77 anos, sapateiro aposentado, em entrevista dia 26/05/2.000.

<sup>54</sup> Altivo Marques, 81 anos, em entrevista no dia 25/05/2.000.

Nota-se que em todas essas explicações dadas para a situação, atua em Goiandira, uma característica, onde sempre aponta para algo externo ao lugar, como causador de sua falta de desenvolvimento para o seu não crescimento. Ora é Catalão, ora os políticos, ora o fator natural.

Mas é possível notar que de todos esses fatores, o que mais aparece como “grande vilão”, que impede o crescimento de Goiandira, além da questão política, é Catalão.

Catalão funciona, na verdade, de acordo com seus “nativos” como um “sugador” de energias. E a pobre pequena Goiandira não dá conta de cumprir isso na sua fraqueza, na sua pequenez. A justificativa que esses “nativos” dão para o que aconteceu em Goiandira possui clara intenção de os “inocentar” de alguma culpa do que ocorreu na cidade, pois, Goiandira não “cresce, não “desenvolve” por causa do outro.

Ao mesmo tempo, é também o sentimento de defesa do lugar, é a vontade de entender o seu lugar, de dar explicações para a sua “terra”, (Araújo, 2.000).

Nesse sentido, é o lugar como teatro de suas paixões, (Santos, 1999). Paixão essa que não pode ser simplificada, mas entendida em toda sua complexidade.

Mas é também a raiz de estar em Goiandira, como lugar de sua infância, de suas lembranças, do seu passado, materializado nas formas das casas e ruas do lugar.

Aqui, o “nativo” novamente faz referência ao período da Estrada de Ferro ao falar dos imigrantes que se instalaram em Goiandira e que davam iniciativa de trabalho à mesma.

*“... Tudo dependia de passar em Goiandira. Então deu influência. Foi aonde esse pessoal, uns portugueses que veio e fez um trabalho aí no município de Goiandira, depois apareceu uns japoneses aí, na fazenda que,*

*produziam muito, mas, depois eles foi embora e a Goiandira foi perdendo.<sup>55</sup>*

Nesta entrevista, percebe-se como o lugar vai se construindo, criando-se sentimentos, afetos e perdas, quando Goiandira perde a sua importância na divisão sócio-espacial do trabalho, com o fim do entroncamento ferroviário e os imigrantes que vão embora. Pois Goiandira foi o lugar onde vários imigrantes fizeram morada, tais como: Sírios, Portugueses, Árabes, Japoneses etc, e que movimentaram o comércio local. Hoje ainda existe no lugar algumas famílias de imigrantes.

*“E depois vim para Goiandira porque eu vim de Portugal, e aqui plantei raízes e nunca mais saí. Criei os meus filhos, vi esse lugar crescer, ter indústrias, devido à estrada de ferro. Depois vi essas indústrias fecharem, as pessoas irem embora, e outras vieram, e isso que aconteceu<sup>56</sup>.”*

O lugar cria no imigrante que fica o sentimento de pertencer ao mesmo, é a paixão pelo lugar.

Todas essas entrevistas demonstram a força do lugar, a sua identidade, mas também nos mostra a ação do externo quando se fala do imigrante da ferrovia como objeto técnico, que modifica e transforma o lugar.

Essas explicações vão dando ao lugar as suas características, porém o deixa numa posição indefinida frente à realidade de hoje.

É como se hoje o fator “natural” e “político” já tivesse dado destino a Goiandira, num determinismo geográfico que deixa de lado o movimento, a contradição, o imprevisto que rege a sociedade como um todo, assim como o lugar.

É por isso que o lugar tem vários sentidos: o externo e interno se completam, se unem, se contradizem e se negam. Ou seja, a negação do crescimento de Goiandira é ascensão de Catalão como lugar preferido para o capital, em sua penetração para o interior do subespaço goiano.

<sup>55</sup> Altivo Marques 81 anos em entrevista dia 25/05/2.000.

<sup>56</sup> Antônio Afonso 95 anos. em entrevista dia 25/04/2.000.



Isto é percebido pelo sujeito em relação ao lugar, embora essa percepção não seja muito clara para o "nativo", pois é possível entender em seus depoimentos esse sentido, embora o sujeito desta ação, para o "nativo", é a questão política.

*"Então é o caso, é a luta pessoal de Catalão que farta aqui em Goiandira. No início foi aquela luta que o pessoal de Catalão fez, quando aquela estrada que vai para Brasília, ela passava logo aqui nesse posso do .... no aeroporto, aí. Foi uma luta dos políticos de Catalão que tirou a passagem daqui. O pessoal de Goiandira quieto e tal falta de espaço, se tem político duro e ativo como no início.<sup>57</sup>"*

Nesta entrevista, o "nativo" faz uma crítica aos políticos locais por terem permitido o desvio do trajeto da Rodovia Uberlândia-Brasília que passaria por Goiandira, (Araújo, 2.000). Ao mesmo tempo, faz referência aos políticos duros e ativos do passado contrapondo aos do presente. No entanto, essa ação do passado na verdade não se fez, tanto é que durante a chamada "República Velha", esses políticos não foram capazes de promover a emancipação de Goiandira, (Andrade 1950). Isso só acontece após 1930, com o fim do Caiadismo (Araújo, 2.000).

No depoimento a seguir, poderemos perceber novamente a questão política como o principal agente que travou o crescimento de Goiandira.

*"... Se fosse assim, os jovens que ficassem, e se tivessem industria começasse a trabalhar e ficassem aqui eu creio que Goiandira ia ser um lugar que ia crescer (...) ... As vezes, muita coisa que Goiandira poderia ter sido hoje, não é por causa dos políticos. Às vezes um político, o prefeito, no caso queira trazer alguma coisa boa para Goiandira, logo tinha um do partido contrário que tinha influencia no Estado, Eles iam*

<sup>57</sup> Altivo Marques 81 anos aposentado em entrevista dia 25/05/2.000.

*lá e impedia (...) Goiandira poderia ter crescido muito se os políticos tivessem sido mais unidos (...). Eu acho que eles tinha feito muito mais coisas por Goiandira<sup>58</sup>.”*

As questões políticas são a grande vilã da estagnação de Goiandira, assim como a falta de união dos mesmos, (Araújo 2.000).

Segundo as pessoas de Goiandira, é a falta de força e de luta que faz o lugar no que é hoje e para eles tudo poderia ser diferente se tivesse havido luta. É o que falta, hoje luta e dinamismo que poderiam fazer com que Goiandira adquirisse o crescimento “merecido”, pois o que falta é a ação das pessoas.

Nesse contexto, as pessoas não percebem que a ação política isolada do processo sócio-econômico, não é capaz de resolver os problemas do lugar, mesmo porque o que se tem em Goiandira, tem no poder, são políticos conservadores, oriundos da classe dominante local, mais interessados em soluções paliativas e que não afetem os seus próprios interesses particulares. Mas, ao cobrar a ação efetiva do poder, o “nativo” percebe no seu dia-a-dia, no seu cotidiano, toda a falta de interesse em resolver pequenos problemas do lugar, que o “nativo” acaba englobando em questões mais amplas. No entanto, apesar disso, as pessoas acreditam no seu lugar, na sua força e se identificam com essa mesma força, (Araújo, 2.000).

*“Vai, ele num piora, por exemplo não, Ele é um lugar que vai conservar como muito bom de se viver, morar, pois, água muito boa, tem todo recurso. Que tem um lugar grande, embora tenha minguado, mais recurso tem, então a tendência é melhorá<sup>59</sup>.”*

Neste depoimento, percebem-se as contradições em relação aquilo que o “nativo” observa em seu lugar. Ao mesmo tempo que o lugar não quer ir para frente,

<sup>58</sup> Darcy Pacheco Tristão, 54 anos, em entrevista dia 23/05/2.000.

<sup>59</sup> Maria Aparecida 67 anos, aposentada em entrevista dia 23/05/2.000.

ele possui tudo para melhorar, pois pode oferecer boas condições para seus habitantes, já que são “pessoas boas”. Nesse contexto, o futuro construído por estas pessoas, para Goiandira, é marcado pela “ação”. Ação de querer que o lugar cresça, de aproveitar os recursos que o lugar possui. É o futuro sedimentado na idéia de desenvolvimento e é definido a partir das condições reais que o lugar pode oferecer para quem nele vive. Como as festas religiosas, o carnaval é que atrai cada vez mais turistas, (Araújo, 2.000).

O que se nota é que a construção de Goiandira pelos depoimentos aparece como a construção pelo espaço-tempo vivido pelas pessoas. Reconstruir o espaço-tempo de Goiandira é, pois, achar o significado que esse lugar possui para quem nele vive.

É interessante, porque os depoimentos recolhidos, entre tantas pessoas diferenciadas, apresentam Goiandira como um lugar bom, mas que não consegue ser bom para as pessoas enquanto local de emprego. Mas enquanto espaço de vivência, Goiandira é querida pelas pessoas, e isso pode ser visto nos depoimentos dos “nativos”.

*“Então Goiandira tá ficando só de aposentados, às vezes a pessoa muda depois de velho que já que não tá aguentando mais a correria do lugar grande eles procuram voltar pra cá. (...) Porque Goiandira é um lugar querido. As pessoas mudam, mas não esquece de Goiandira sempre estão voltando, né<sup>60</sup>. “*

Nota-se que, para o “nativo”, Goiandira funcionaria como espaço de descanso. Um lugar onde se pode repousar os corpos cansados do trabalho e da luta em outros lugares cheios de correrias. Em Goiandira, estão as velhas coisas, velhos espaços, velhas formas que alimentam a historicidade do lugar em sua importância na divisão sócio-espacial do trabalho do início do século quando era local de entroncamento da Viação Férrea Centro-Oeste e da Rede Mineira, (Enciclopédia dos municípios vol. XXXVI, 1950).

---

<sup>60</sup> Darci Tristão Pacheco em entrevista dia 23/06/2.000.

O lugar está impregnado de formas que guardam em seu movimento histórico-espacial as suas antigas funções, que permitem a quem volta se identificar com as mesmas.

Voltar para o lugar significa “estar em casa”, onde é possível o descanso e tranqüilidade.

Esse lugar guarda uma realidade que é prática sensível, real e concreta que o “nativo” se identifica no seu cotidiano, (Carlos, 1996.)

Quem anda por Goiandira, anda por lugares que guardam uma certa melancolia. E essa melancolia é marca da situação presente, (Mariano 1978). Diante disso, as praças, os bancos, as ruas, ainda guardam resquícios de formas pretéritas.

À semelhança dos “nativos”, é que esses espaços são espaços de historicidade, porque foram construídos num tempo de dinamismo da estrada de ferro, que hoje perdeu o que outrora fora marcante na vida das pessoas. A efervescência e movimento de gente, novidades vindas dos subespaços de São Paulo, (Araújo, 2.000).

Mas Goiandira é um lugar que se constrói e se projeta para o futuro como lugar das congadas, das festas de Igreja, de fim de ano e do carnaval. Um lugar de encontro das pessoas que se divertem sem o perigo e violência dos grandes lugares, (Araújo 2.000).

O que se vê nestes depoimentos é que construir Goiandira significa construir o lugar enquanto “lugar belo”, com um passado dourado, onde se podia e se fazia tudo.

Essas funções do passado não se mostram no presente como antes. Mas para seus habitantes, Goiandira é um lugar bom de se viver de se morar.

*“Eu quero bem Goiandira, lugar que eu vi criar.  
Pode mudar, mas, quem quiser opinião, não vou dar.  
Aqui serei enterrado, quando Deus de mim lembrar.”*

*(Mariano, 1978, p. 155)*

### 3- GOIANDIRA NA VISÃO DOS PESQUISADORES LOCAIS.

Goiandira foi também objeto de análise de alguns pesquisadores locais que começam a descobrir o que este lugar significou para o subespaço goiano. No início do século, quando a Estrada de ferro chegou a este local, de certa maneira são pesquisas que demonstram já a preocupação de começar um trabalho mais sistematizado do lugar, apesar de alguns não conseguirem desvencilhar da história oficial, da descrição de relevo, hidrografia, vegetação, importante para a catalogação, mas que não desvenda o movimento espaço-temporal do lugar.

No entanto, são “nativos” expressando, de alguma maneira, a visão do lugar e o que pensam e vêem desse lugar.

A partir desses estudos é que o lugar foi construindo o seu espaço, a sua forma, a sua função dentro do contexto da divisão sócio-espacial do trabalho, ou seja, começou haver, de certa maneira, um estudo mais apurado dos acontecimentos à Goiandira.

O primeiro trabalho, desta maneira, foi de Maria Alves de Souza<sup>61</sup> “Goiandira Terra Branca”. Neste trabalho a autora apresenta Goiandira a partir dos seus aspectos políticos e culturais”. Na verdade, a preocupação de Souza é apresentar pesquisa para que seus alunos possa ter uma visão “geral” do lugar.

*Este trabalho não apresentará novidades para muitos nem pretende ser original. Foi escrito com a finalidade, de responder de maneira prática e objetiva, a algumas indagações comumente feita por nossos alunos.*

*(Souza, 1993, p. 04)*

Essa forma de construir o lugar, compartimentando-o em aspectos, mostra que a autora pretende fornecer um corpo de informações que vise a responder perguntas geralmente trabalhadas dentro de salas de aula. É uma tentativa de compor Goiandira marcada pelo que possui de interessante, em termos econômicos, geográficos, políticos, sociais, culturais, além do mais, busca perceber como

<sup>61</sup> Maria Alves de Souza, professora aposentada do Estado de Goiás, com licenciatura em geografia.

Goiandira se construiu no espaço-tempo. Demonstra também a preocupação da autora em compreender a origem do lugar através da passagem dos anos até os dias de hoje, com ênfase nos fatos “históricos marcantes e atividades datadas”.

Dentro de seus limites, a preocupação de Souza é, sobretudo como já foi dito, sistematizar as informações existentes sobre Goiandira. A importância desse trabalho reside justamente nessa preocupação, pois ele dá possibilidade a outros pesquisadores de uma certa leitura “geográfico e histórico oficial” de Goiandira.

Outra pesquisa sobre Goiandira é a de Tereza Cristina Pacheco<sup>62</sup>: no seu livro “Emancipação Política de Goiandira”. Nesta pesquisa aparece uma outra perspectiva de pensar o lugar em relação ao estudo anterior. A autora realiza sua pesquisa a partir do momento de sua emancipação política, ou seja, no momento em que o lugar se torna uma unidade do subespaço goiano, um município.

A problemática da autora consiste no entendimento de Goiandira a partir do contexto nacional, do momento da referida emancipação política.

Essa proposta da autora insere o lugar no contexto sócio-espacial nacional situando-o de forma mais ampla. A autora não foge à composição espaço-temporal sobre Goiandira, cuja função do texto é de “situar” o leitor na temática dando informações acerca da origem e estruturação do lugar. Essa forma de entender o lugar implica em estar colocando-o dentro de uma perspectiva evolutiva. Como se pode ver na seguinte proposição da autora. “Em função deste fator, o início de Goiandira é situado no ano de 1800”. (Pacheco, 1995 p. 11).

Neste trecho, fica implícita a intenção de mostrar o início de Goiandira e como esta evoluiu até os dias de hoje. A autora vai elaborando o lugar a partir de “fatos” acontecidos no cotidiano que vão redimensioná-lo. Mas não se pode dizer que a abordagem da autora visa a dar uma linha de interpretação espaço-temporal de Goiandira.

Pacheco, na verdade, cria Goiandira enquanto espaço de vivência, que não se isola, mas que se relaciona com outros subespaços brasileiros, cujas diretrizes recaem sobre o lugar e sua população.

Aparece na fala da autora um certo fatalismo de ver o lugar sendo emancipado apenas de acordo com a “vontade” de um projeto nacional maior. No

---

<sup>62</sup> Tereza Cristina Pacheco, professora graduada em História pela Universidade Federal de Goiás.

caso, esse projeto tem influência nem um pouco, de acordo com o pensamento da autora, pelas próprias demandas do lugar naquele momento.

Pacheco não permite perceber o lugar enquanto identidade e característica de resistência. À medida que o lugar não aparece atuando mais, ou mesmo sofrendo atuação de outros projetos. No caso o projeto de Getúlio Vargas que é de âmbito nacional. A autora tenta dar ao lugar um papel dentro do âmbito nacional à medida que aproxima o lugar ao contexto do espaço brasileiro, pois segundo a autora, um depende do outro para ser forjado. No entanto, a autora não consegue mais problematizar muitos fatos e acontecimentos limitando apenas a narrá-los.

Outro trabalho sobre Goiandira é o de Fátima Pacheco Santana<sup>63</sup> "Município de Goiandira, anos 30: a inserção das leis trabalhistas" (1995). Nesse estudo a autora preocupa-se em inserir Goiandira no contexto nacional marcado pela política de Getúlio Vargas. Partindo de um documento<sup>64</sup>, em especial, a autora constrói a sua problemática de que é nesse momento que as leis nacionais sobre o trabalho começam a ter incidência em Goiandira.

*"A discussão do tema proposto vai principalmente sobre as relações de trabalho estabelecidas no lugar, e as leis trabalhistas que v iam sendo aprovadas a nível nacional, bem como a sua repercussão entre os trabalhadores e patrões de Goiandira, (Santana 1995, p. 10)."*

Nesse estudo, a autora começa por analisar o espaço brasileiro. E nesse sentido, procura mostrar as transformações e mudança que interferem no contexto nacional como um todo.

É a perspectiva da autora compor um contexto nacional de forma a perceber como as mudança mais gerais estarão se evidenciando também num lugar pequeno, do interior do subespaço goiano que é Goiandira.

---

<sup>63</sup> Fátima Pacheco Santana graduada em Pedagogia e pós-graduada pela Universidade Federal de Goiás onde atua como professora e é também professora da rede estadual de ensino.

<sup>64</sup> Esse documento consta de um abaixo-assinado feito por trabalhadores de Goiandira reivindicando o cumprimento da lei de 8 horas de trabalho por Getúlio Vargas.

A partir desse contexto, a autora vai compondo Goiandira através de datas, fatos, relatos do cotidiano das pessoas, as fazendas, dando uma visão quase panorâmica do lugar.

Um fato relevante é a preocupação da autora em estar compondo o lugar, a partir dos trabalhadores e das relações de trabalho. Outra preocupação da autora é estar falando do lugar, do subespaço goiano e do espaço brasileiro. Visa com isso não perder a perspectiva de que Goiandira se encontra dentro de um contexto maior. É importante frisar que a preocupação da autora é afirmar os trabalhadores de Goiandira como sujeitos “históricos”, que estão elaborando lutas frente às suas realidades.

Todos esses estudos apontam para um significado específico do lugar enquanto espaço de vida desses autores enquanto “nativos” do lugar. Lugar esse que é objeto e estudo dos mesmos, Goiandira torna-se elemento significativo de suas vidas, que delimita o seu próprio trabalho. Nessas perspectivas são instruções das visões dos “nativos” de Goiandira em sua análise espaço-temporal do lugar e do qual procura encontrar a história. Nesse sentido, Goiandira, como objeto de estudo, oferece uma infinidade de abordagens problemáticas.

E à semelhança das entrevistas e dos poemas são visões, discussões, análises do lugar feitas por quem nele vive, habita, convive, se relaciona com a sua vizinhança, com os amigos, conhece o seu espaço, seu cotidiano, as funções de cada pedaço desse lugar, as suas casas, os bancos, as praças, os jardins, as transformações que o lugar sofreu ao longo do espaço-tempo.

Tudo isso transformado em objeto de estudo pelas pessoas do lugar, que o elegeram, não só como local de sua vivência, mas também fruto do seu estudo. É nesse sentido que Goiandira desde a sua origem, vai se tornando lugar, na visão dos “nativos” como sujeitos da construção desse lugar.

Lugar esse que teve a sua importância durante o período em que a Estrada de Ferro era um dos principais agente de modernização do subespaço goiano.

E à medida que a estrada de ferro vai perdendo a sua importância em detrimento da rodovia, Goiandira também perde a sua importância.



No entanto, Goiandira vai se transformando no lugar da tranqüilidade, com o cotidiano de relações mediatizadas, pela amizade de saber sobre o outro, de conhecer a vida de seus "nativos", do estar junto, (Santos, 1.999).

São características de lugar pequeno, que ainda não é marcado pelas relações impessoais, pela frieza, pela banalização da violência dos grandes centros urbanos. Nesse sentido, há um contraste muito grande entre Catalão e Goiandira.

Enquanto isso Catalão é cada vez mais marcado pela violência, por roubos, por acidentes de trânsito, fruto de um planejamento desordenado, incapaz de atender a demanda de crescimento que o lugar está a exigir. Onde se observa, nas portas de bancos a mendicância, a miséria das pessoas que não é fruto apenas de Catalão, mas da sociedade como um todo, que cultua a miséria, a fome da maioria das pessoas, para que uma minoria viva na abastança e abundância, onde o consumismo é mais importante do que as pessoas que valem pelo que possuem e não pelo que são. Onde milhões de pessoas vivem na rua sem teto e sem conforto, Catalão, como um lugar de rápida industrialização, já possui essa problemática dos grandes centros urbanos.

Goiandira ainda conserva aquele ar de lugar tranqüilo, onde se pode caminhar à noite sem medo, e as pessoas se preocupam umas com as outras e cada uma conhece o seu vizinho. É o lugar da conversa nas praças, nos jardins, de reunião nos finais de semana, nos bares, nos pit-dogs, tomar sorvete nos fins de tarde, na sorveteria etc.

Isto não quer dizer que Goiandira esteja isenta dos problemas sócio-econômicos do espaço-brasileiro, pelo contrário, Goiandira é parte integrante deste contexto sócio-econômico e espacial e, como todo lugar, também tem as suas mazelas própria da sociedade como um todo: a miséria, a fome, o antagonismo entre capital e trabalho, entre riqueza e pobreza, má distribuição de renda. A disparidade entre a riqueza e a pobreza.

No entanto, essas problemáticas são em menor escala, e o lugar ainda resiste à massificação, à impessoalidade, mantendo as suas características, onde se pode ainda dialogar com as pessoas e discutir os próprios problemas da comunidade e saber quais as necessidades da maioria das pessoas pelo fato de todos conhecerem uns aos outros, onde uma ação popular pode ser mais efetiva.

Nesse sentido, é um lugar aberto ao futuro, às transformações e às lutas, (Santos, 1992).

Apesar de entendermos que as transformações devem se dar na sociedade como um todo, é no lugar que o mundo da globalização perversa é contrariado, pois é nesse espaço que as diferenças se mantêm, que o real triunfa e o interno resiste às imposições econômicas desta globalização. Pois é no lugar, através do cotidiano, do vivido, que encontramos realmente as possibilidades de mudanças e transformações, (Santos, 1999).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto atual da sociedade brasileira apresenta a convivência associada de relações sociais de temporalidades diferenciadas, se vista dentro da perspectiva da história universal. O capital financeiro solidifica seu domínio com apoio político de oligarquias.

Nisso, a internacionalização da economia se realiza de acordo com reprodução de estruturas de poder local ou regional.

O passado vivificado sendo um veículo de uma atualidade, que reafirma numa circularidade cruel. O monopólio se realiza reproduzindo formas de sociabilidade arcaicas. A cibernética convive com formas semi-servis. Na construção sócio-espacial da Amazônia, o sistema de aviamento e o "regatão" que se articulam com a imagem moderna dos satélites, (Moraes, 1996). A indústria cultural assimila a linguagem do circo e do cordel. Jegues, carroças e jatos cruzam-se no espaço brasileiro, (Moraes, 1996). Efetivamente não se trata de uma realidade simples.

É a partir desta realidade complexa que o estudo do lugar torna-se essencial para compreendermos todo esse movimento sócio-espacial, que reproduz no lugar as suas condições de exploração.

É dentro desse processo que Goiandira foi criada como parte integrante desse contexto sócio-espacial, como uma realidade que não termina, mas se reconstrói no contexto do espaço-tempo.

Sendo assim, o entendimento de Goiandira como lugar em construção, não pára, mas se transforma continuamente, porque a sociedade é dinâmica. No entanto o lugar é também resistência frente à globalização, que homogeniza os lugares, dando a cada um as suas características peculiares. É dentro dessa complexidade que devemos entender Goiandira, tendo como ponto de partida os seus moradores e o seu entendimento que se manifestam cotidianamente.

É a partir dessa premissa que se realizou esse trabalho. Trabalho esse dentro da visão dos seus "nativos", como sujeito que constrói o seu espaço em sua relação de vizinhança, no seu dia-a-dia.

Assim sendo, é um estudo que não termina, mas se reconstrói continuamente, porque não é estático mas, em constante movimento, ou seja, a construção de Goiandira vem se realizando ao longo desse espaço-tempo. Nesse

sentido, não há uma conclusão definitiva e acabada, mas um movimento que se processa.

O "nativo" vai apreendendo essa construção no seu dia-a-dia, no seu cotidiano, nas formas e nas funções que os objetos tiveram e têm atualmente.

Isto que procuramos entender com esse estudo sobre Goiandira. Um lugar de destaque no início do século, que aos poucos vai se transformando em um lugar de aposentados, de descanso, além do mais, vai se tornando também local onde se produzem grandes festas de carnaval e fim de ano, com a tranqüilidade de um lugar que guarda uma certa segurança para os seus moradores.

Mas guarda também, nos seus moradores, a nostalgia de um tempo de efervescência da estrada de ferro, que fica explícito nos depoimentos desses moradores, que procuram entender Goiandira hoje e sua condição atual, pelas questões políticas.

Além das questões políticas, o "nativo" acha que Catalão, com sua força sufocou o desenvolvimento de Goiandira. É um meio que o "nativo" encontra para compreender o seu lugar, justificar a sua condição atual.

É o que o "nativo" percebe no seu cotidiano, de sensações imediatas, cuja compreensão está relacionada ao seu observar e ao seu relacionamento no dia-a-dia, com seu espaço de atuação e vivência; é isto que a pesquisa nos permitiu perceber nos escritos, nas entrevistas que foram construindo Goiandira, enquanto lugar dentro do contexto da divisão sócio-espacial do trabalho, pelo objeto técnico, a ferrovia, que aos poucos se metamorfoseia em um lugar de aposentados, onde as pessoas retornam para descansar dos lugares grandes, isto está presente em quase todas as entrevistas.

O trabalho também nos permitiu um resgate cultural do lugar ao enfocarmos aquilo que os escritores regionais falaram sobre Goiandira. Nesse sentido, não ficamos presos apenas em uma visão economicista do lugar, mas o captamos em vários ângulos, demonstrando que o lugar é o embricamento complexo de relações econômicas, políticas e culturais, que vão produzindo o espaço dos "nativos" e dando sentido ao seu lugar enquanto espaço de sua vivência e relacionamento dos sujeitos entre si. Sendo assim, são convivências complexas de associações entre o passado e o presente que se contradizem e superpõem, que se aceitam e se negam e justificam o contexto atual.

É isto que se percebeu nos depoimentos relacionado ao espaço-tempo de Goiandira, quando os “nativos” evocam um passado de efervescência em que o lugar era o espaço da modernização vinda com a estrada de ferro, contrapondo ao atual que perdeu essa função com as novas transformações ocorridas no contexto sócio-espacial brasileiro e do mundo, o qual relegou Goiandira à condição de estagnação, à medida que o automóvel se torna proprietário no espaço brasileiro em detrimento da ferrovia, de acordo com os interesses das grandes montadoras instaladas no Brasil.

Tudo foi percebido pelo “nativo”, que vê nas questões políticas um dos responsáveis por esta situação, assim como as próprias condições do relevo. As várias visões e opiniões que os moradores têm do seu lugar, mas que conservam em todos o sentimento de estar no mundo pelo e através do lugar foi manifestado e percebido por seus habitantes. Por isso é que a pesquisa esteve o tempo todo calcadas na visão do “nativo”, nas opiniões, esperanças e desejo de transformação do seu lugar, com o espaço do seu cotidiano, do estar junto na amizade e relacionamento de vizinhança, onde ainda se pode sentar nas praças, nos jardins e jogar “conversa fora”, no dizer dos entrevistados.

Mas o lugar é também a manifestação e ação da sociedade como um todo. Nesse sentido, o lugar reproduz a divisão de classe e a miséria social. Em Goiandira, com relação a eletricidade e o encanamento de água o que beneficiou alguns e deixou a maioria sem esses benefícios, assim como a construção das vilas na periferia afastadas do centro longe dos olhos da classe dominante local, tudo percebido pelo “nativo” como sujeito do seu lugar, traduzido nos poemas e na literatura dos escritores locais, assim como na observação do “nativo”, em seu relacionamento de pertencer a esse lugar complexo, que é fruto do contexto sócio-espacial como um todo.

É também perceber as formas e as funções que os locais tiveram e tem no lugar, como foi o viaduto de Goiandira, a rua do vaivém, o cinema, os jardins, as praças etc. É perceber também o que não está mais ali, como foi o caso do prédio da prefeitura que teve várias funções e se transformou em um marco importante do lugar, mas que foi demolido por uma política de “terra arrasada”, onde a intenção era apagar o antigo como negação da própria história de Goiandira e construir o novo, mas que, na verdade, a ação foi a ignorância de conhecimento do lugar e das formas

e funções que os locais tinham para a construção de Goiandira, que foi perdendo a sua historicidade no espaço-tempo. Sempre partindo da visão dos seus moradores é isto que se procurou fazer, entendendo que esse processo não termina, mas se reconstrói continuamente em seu movimento, pois o lugar é o locus da ação da transformação que acontece em seu cotidiano, porque é no cotidiano que os acontecimentos tomam vida e se transformam e, ao mesmo tempo, revestem as imposições homogeneizantes da globalização.

O lugar está aberto ao imprevisto, às mudanças que são feitas a partir dos sujeitos que constroem o seu espaço, que conhecem o lugar, sabem onde as coisas estão e podem nelas agir para mudar e, ao mesmo tempo, conservando as suas raízes perdidas ao longo do espaço-tempo.

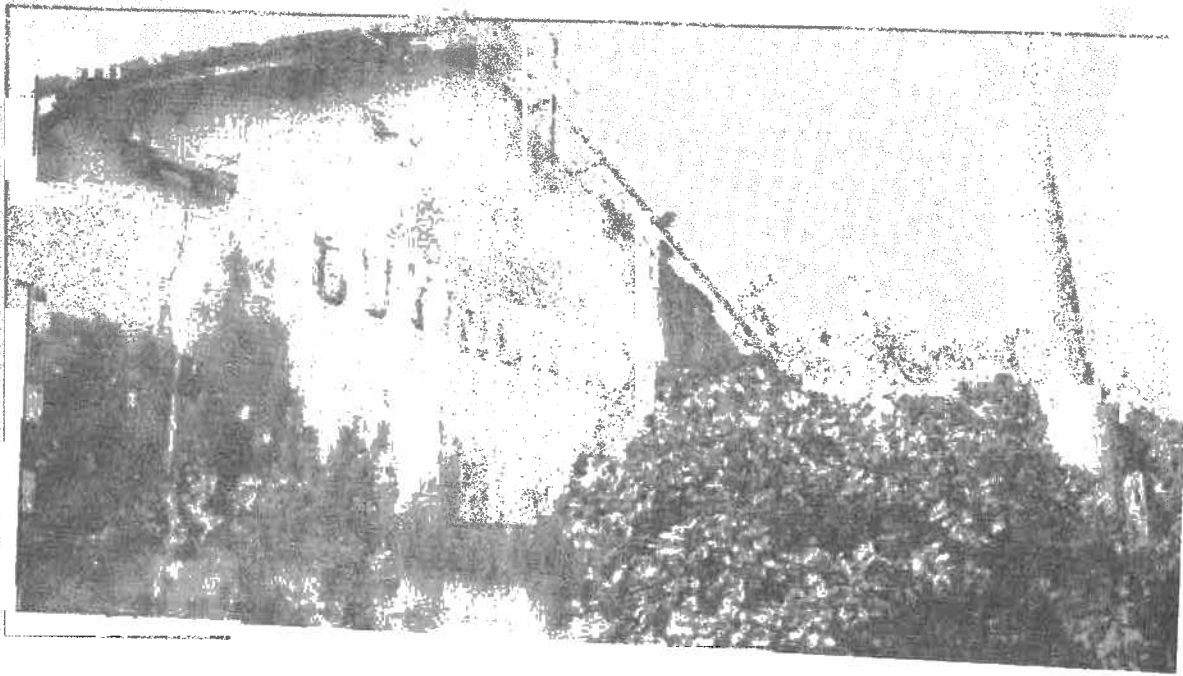


Foto 1: Parede com a Letra "Y", conservando a originalidade do tempo da construção 1912, (Araújo, 2000, p. 40)

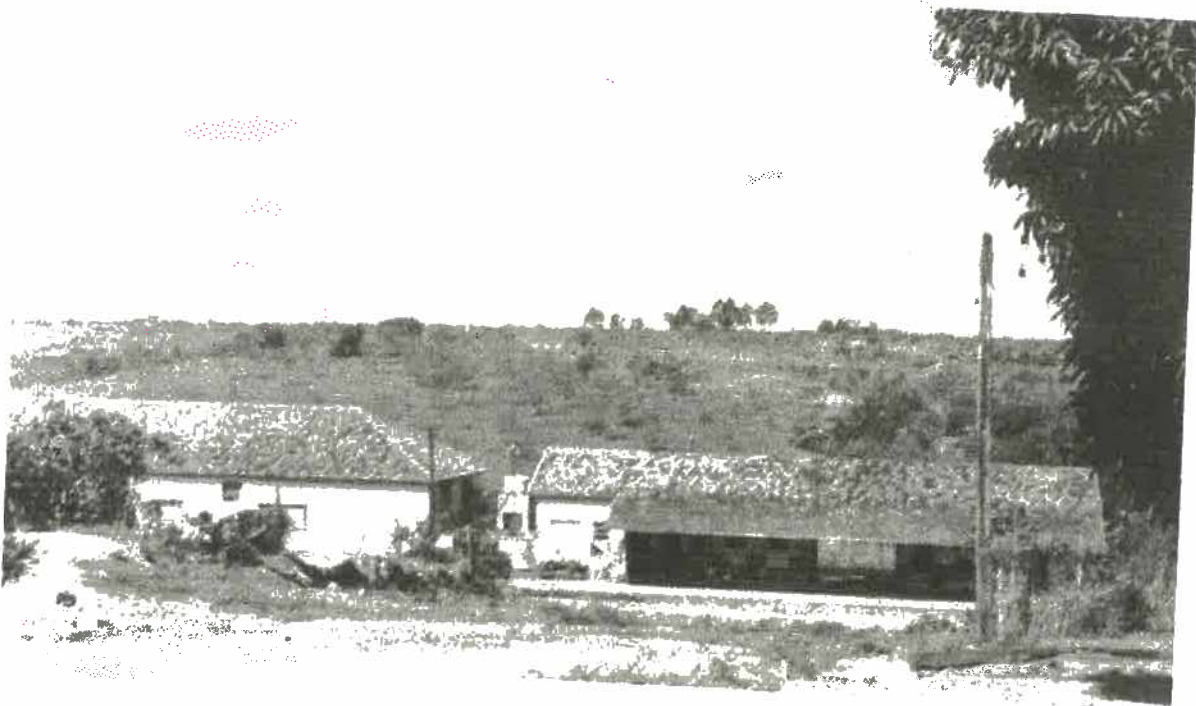


Foto 2: Vista lateral da mesma estação, (Arquivo pessoal de José Teixeira, ex-prefeito de Goiandira).



**Foto 3:** Suntuosa casa de fazendeiro de Goiandira construída em 1919 (arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira).



**Foto 4:** Casa de um trabalhador mostrando o constraste enre a riqueza e a pobreza do lugar. (arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira).



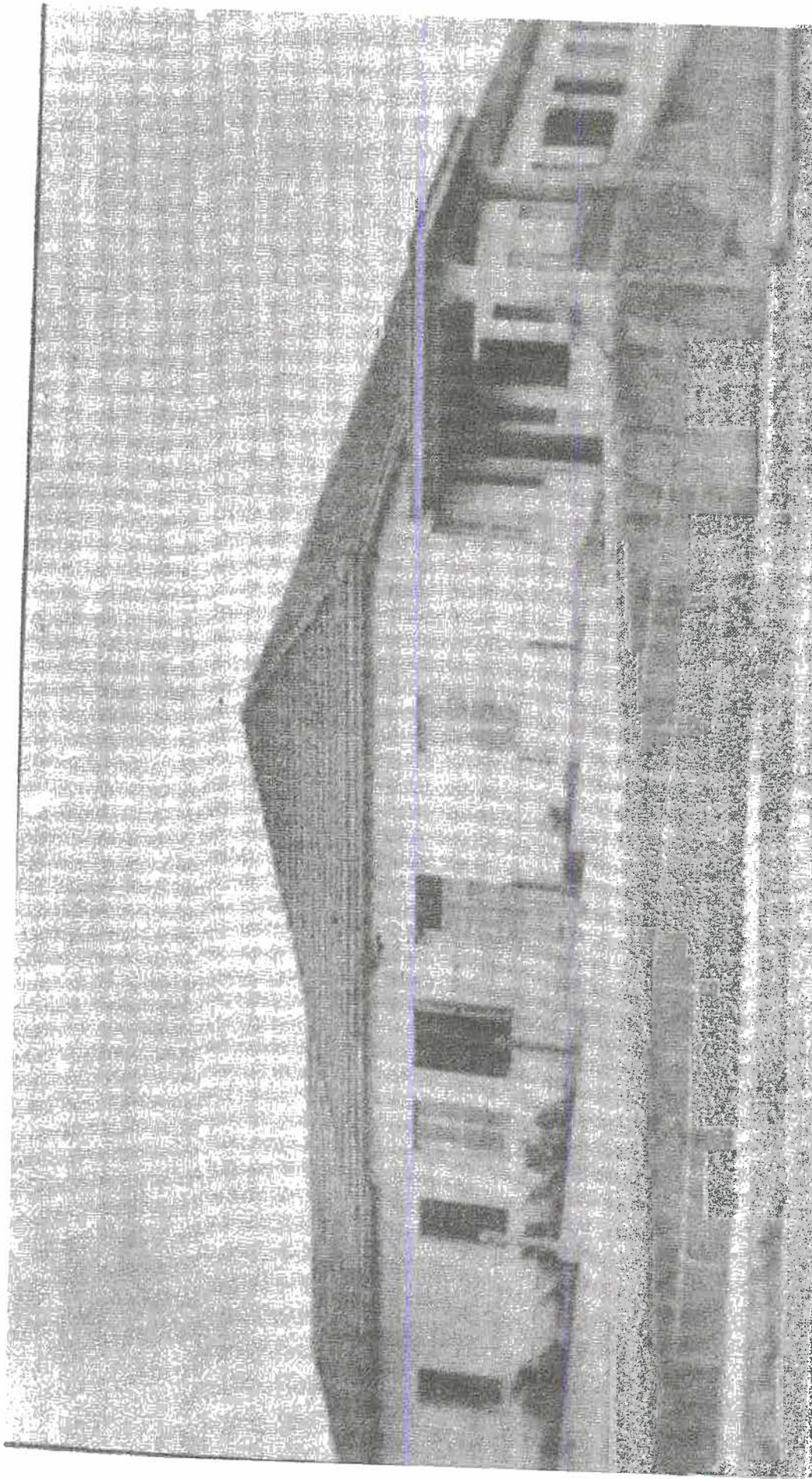


Foto 6. Fachada frontal da sede da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de Goiandira – o primeiro Hospital Maternidade do Estado de Goiás (Araújo 2000, p. 94)



Foto 7 Vista Frontal do Viaduto em 06/05/1966. (Arquivo Pessoal e José Teixeira ex-prefeito de Goiandira)



Foto 8: Vista Frontal do Viaduto em 1968. (Arquivo Pessoal e José Teixeira ex-prefeito de Goiandira)

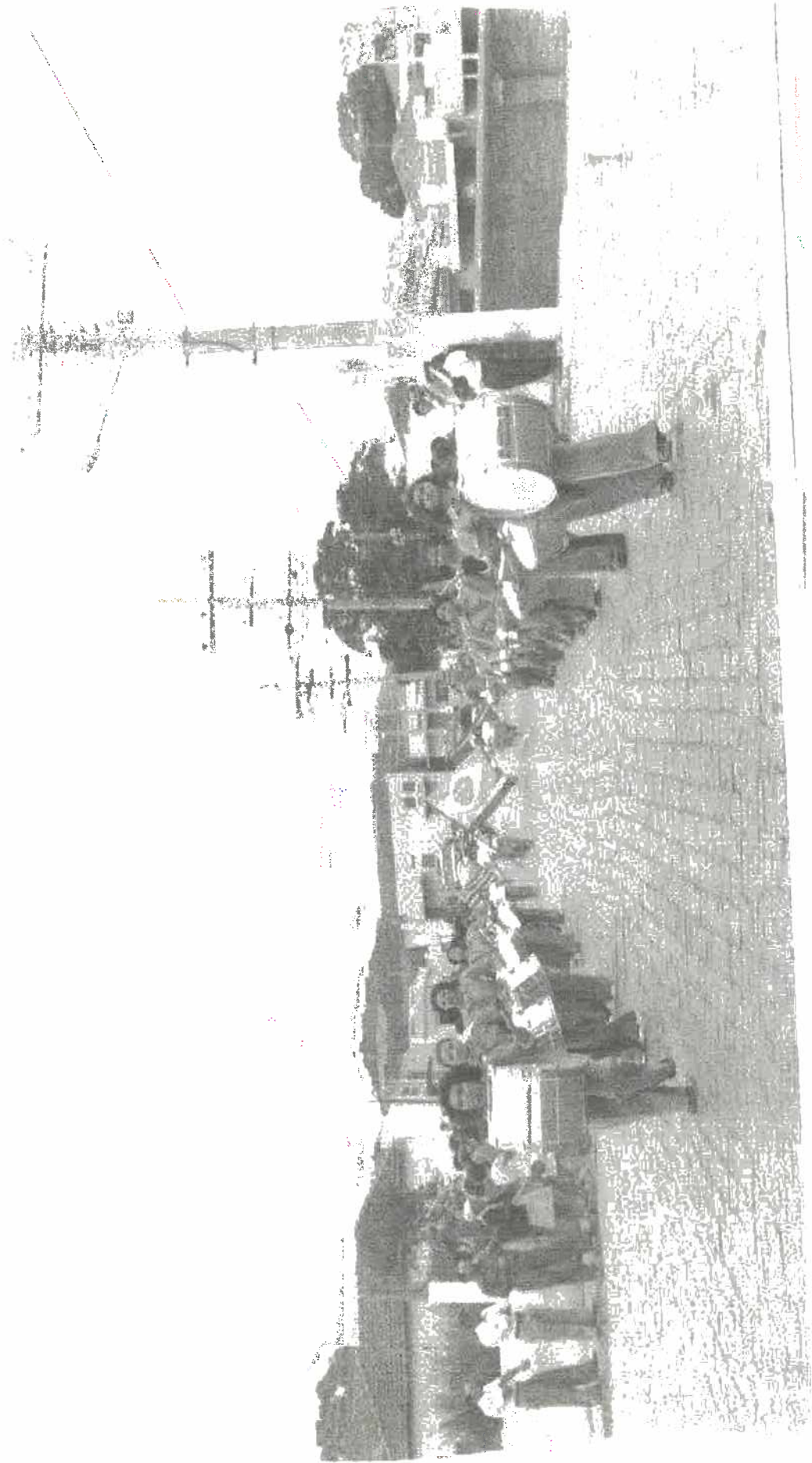


Foto 2: Vista Frontal do Viaduto em 06/05/1969. (Arquivo Pessoal e José Teixeira ex-prefeito de Goiandira)

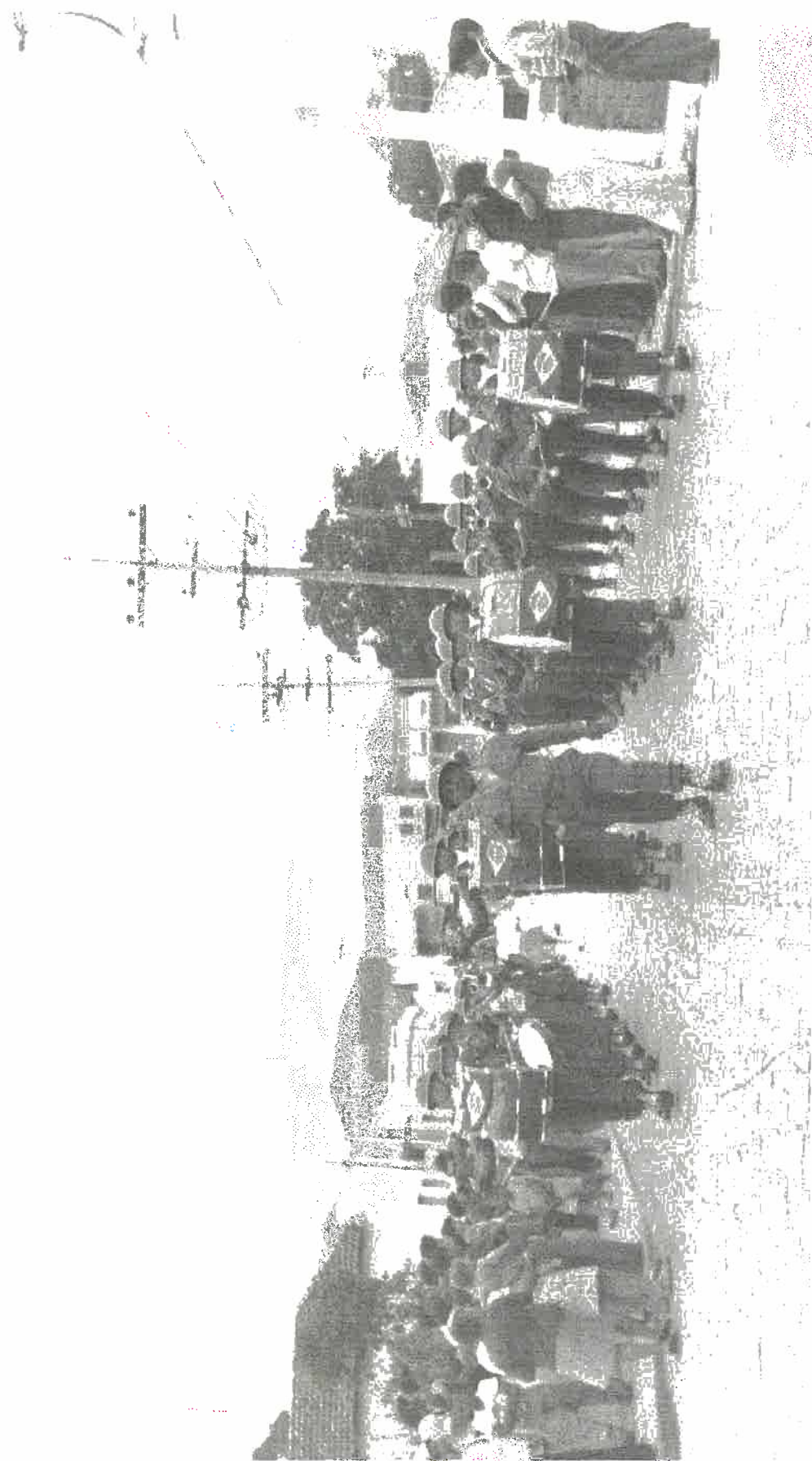


Foto 10. Vista Frontal do Viaduto em 06/05/1976. (Arquivo Pessoal e José Teixeira ex-prefeito de Goiandira)



Foto 11: Aterramento do corte da estrada de ferro onde esta localizado o viaduto, junho/87 (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 12: Sequência de aterramento do corte da Estrada de Ferro onde se localiza o viaduto, junho/87. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira).



Foto 13: Sequência de aterramento do corte da Estrada de Ferro em sua fase intermediária, mostrando ao fundo o vidauto, junho/88. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



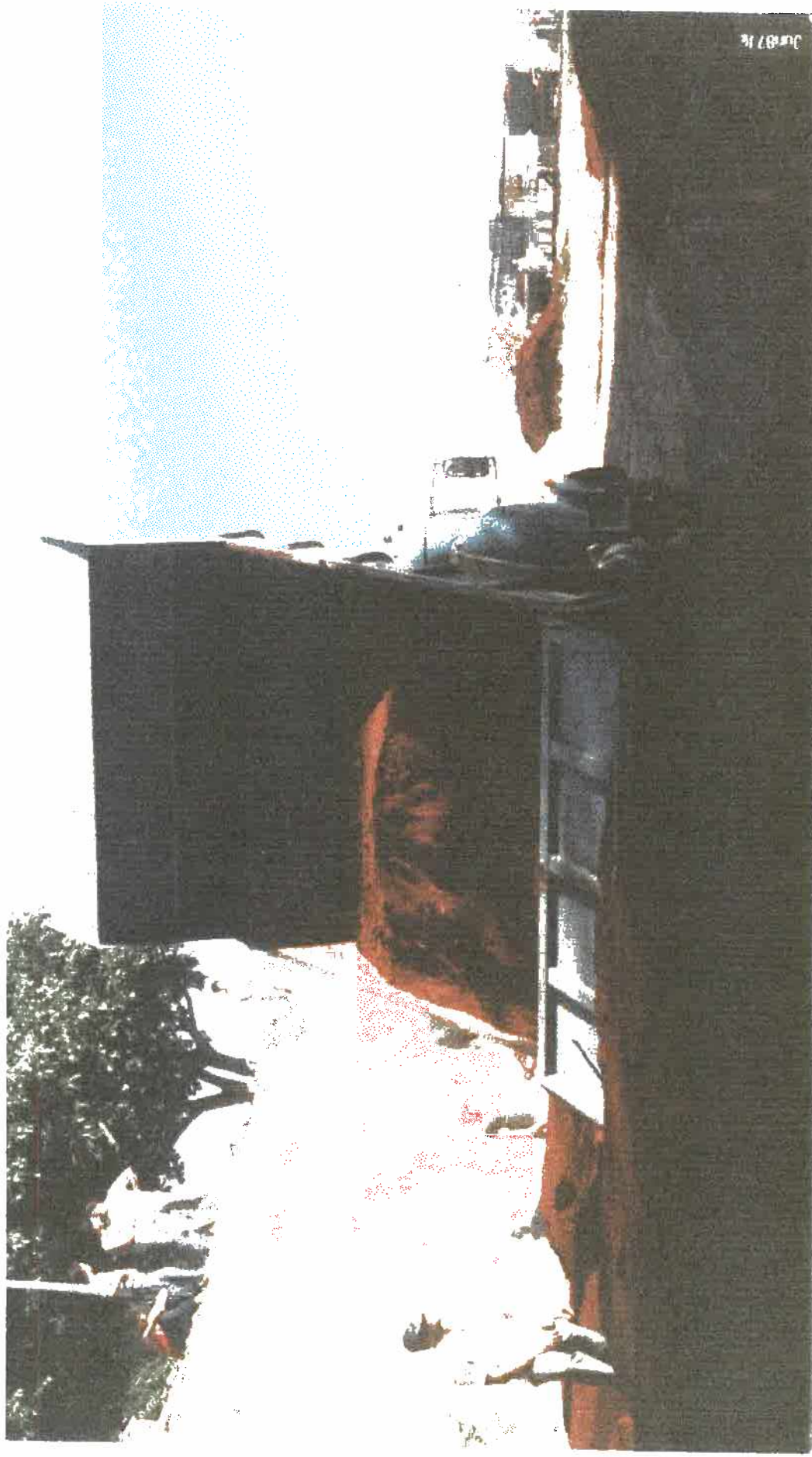


Foto 14: Sequência do aterramento corte da estrada de ferro onde se localiza o viaduto, junho/87 (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Golandira)



**Foto 15: Corte do viaduto onde foi construído o novo viaduto que permite a saída de Goiandira para outros locais (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)**

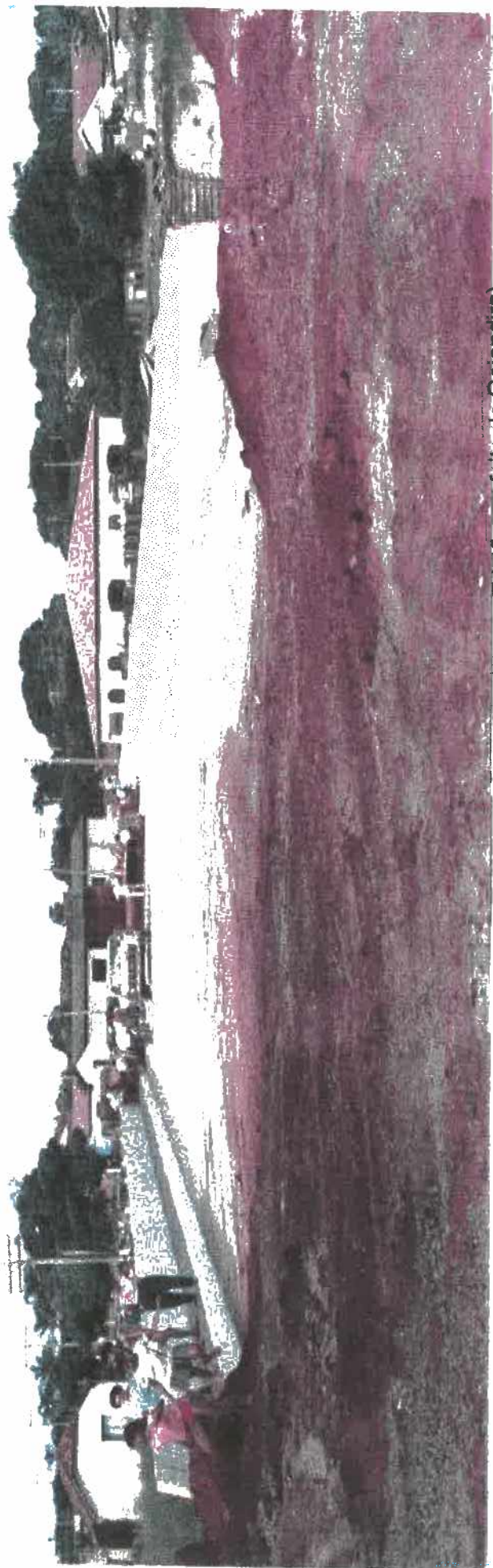


Foto 16: Inauguração do viaduto novo. Abril/1985 (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



**Foto 17: Vista por inteiro do prédio da Prefeitura Municipal de Goiandira, nota-se o detalhe da madeira da janela de lei da janelas e portas e sua arquitetura estilo fazenda do início do século (época dos coronéis). (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)**



Foto 16. Vista lateral do prédio a prefeitura construída em 1919 (Arquivo pessoal de José Teixeira de Araújo ex-prefeito de Golandira)



Foto: Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira

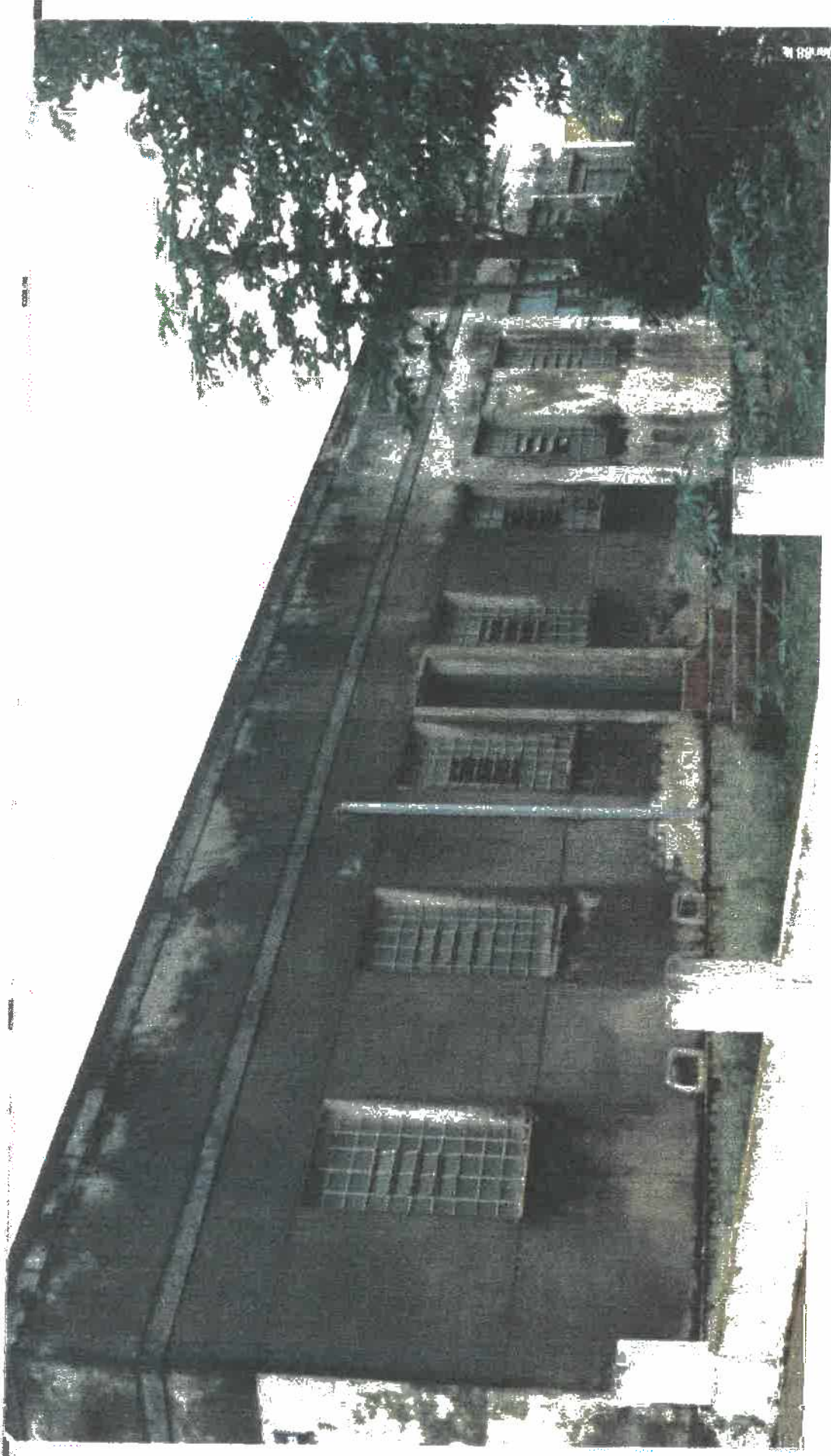


Foto 20: Prédio onde se localizava a cadeia e biblioteca pública demolido na década de 80 juntamente com a prefeitura (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)

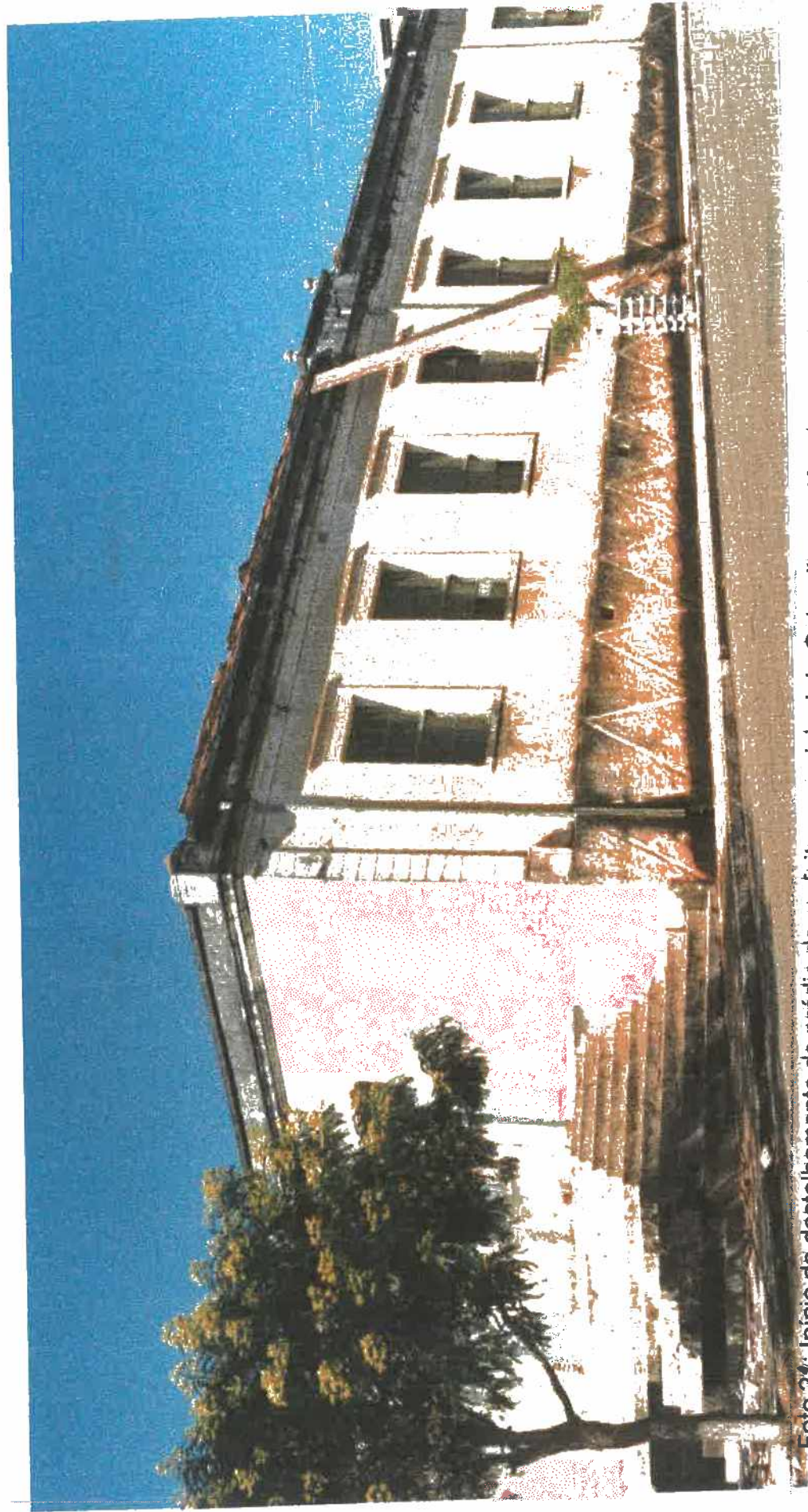


Foto 24: Início do destelhamento do prédio da prefeitura municipal de Goiandira na década de 1980. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



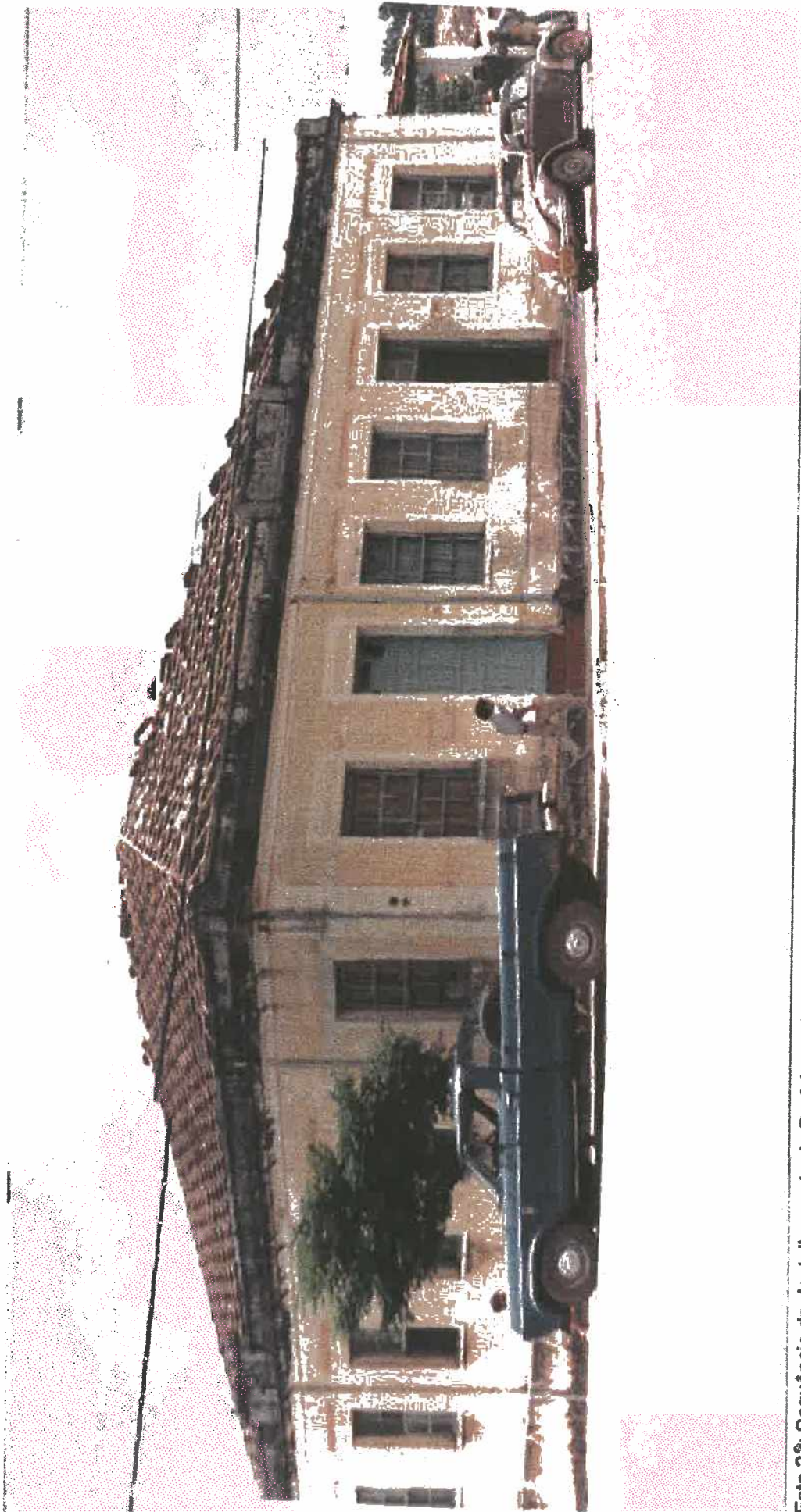


Foto 28. Sequência do destelhamento da Prefeitura Municipal de Goiandira na década de 80. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



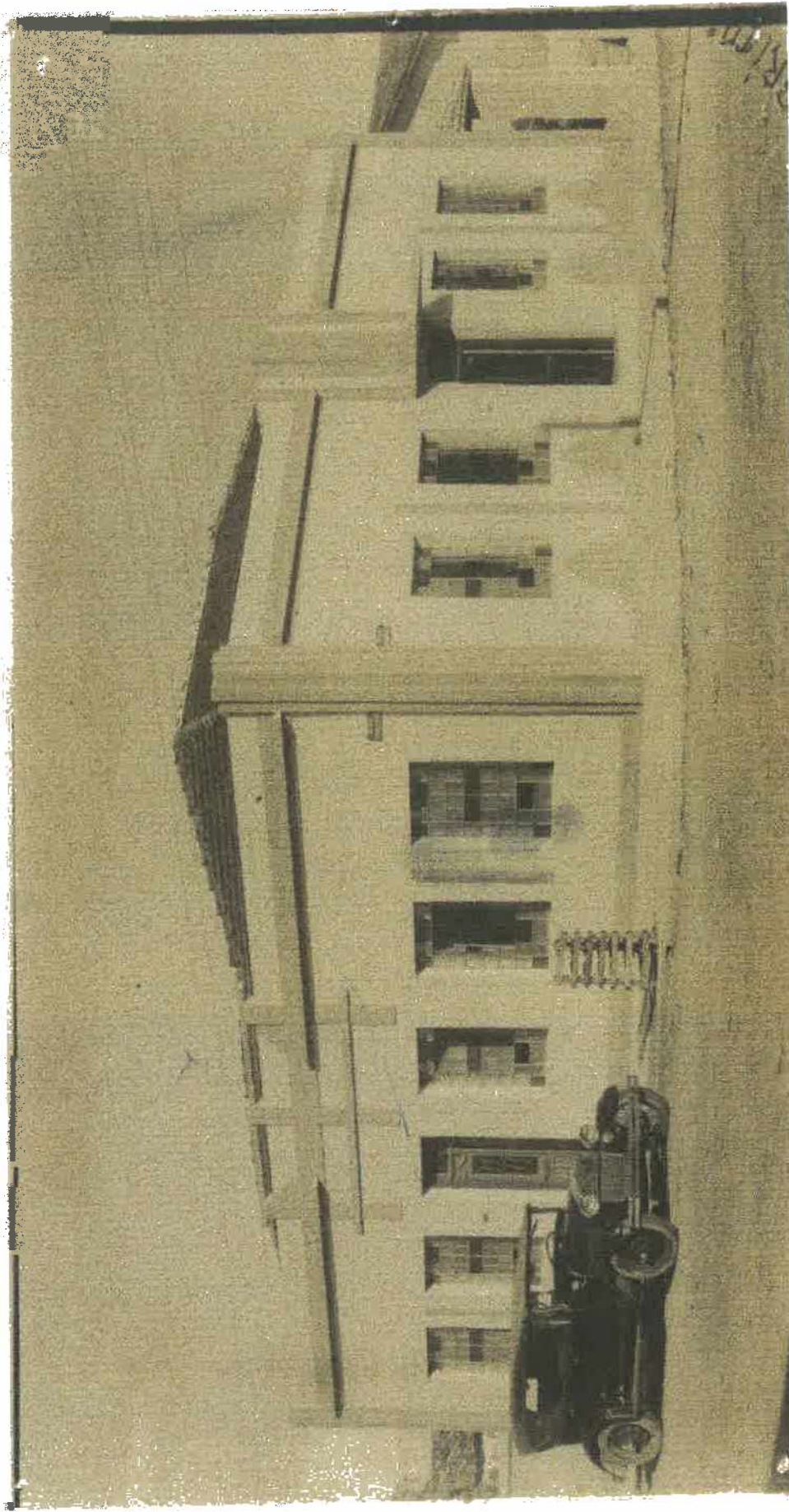
Foto 23: Destruição da parede frontal da prefeitura municipal de goiandira na década de 80. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 24: Destruição da parede lateral da prefeitura municipal de Goiandira na década de 80. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 25: Destruição completa do prédio da prefeitura municipal de Goiandira na década de 80. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



**Foto 26:** Vista do prédio que outrora foi pensão (década de 30) posteriormente Caixa Econômica (década de 60), lanchonete também na década de 80 e atualmente é casa de produtos agrícolas. (Arquivo pessoal de Rubens Abdala ex-prefeito de Goiandira)

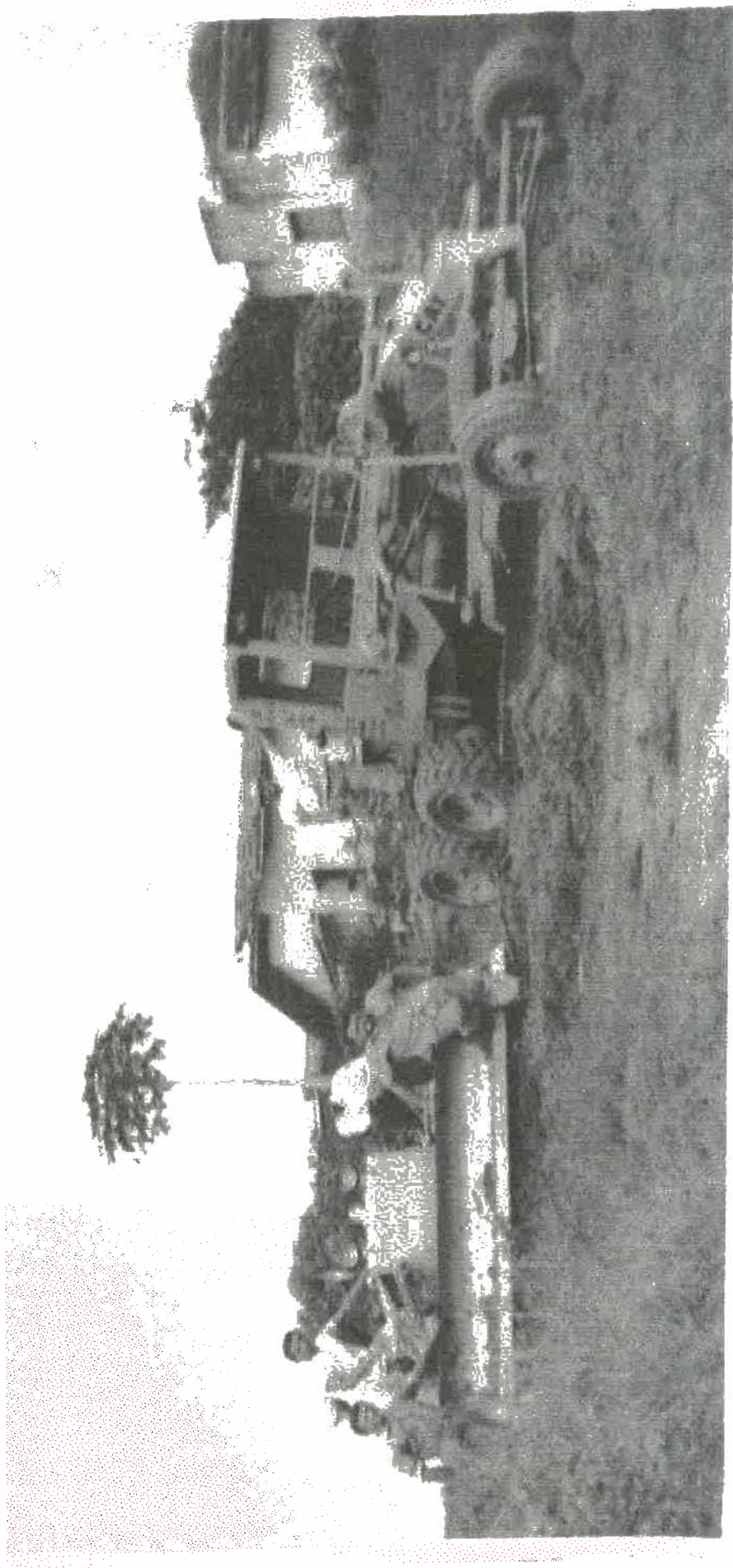


Foto 22. Rua onde havia várias pensões e hotéis no início do século rua logo acima da 1ª estação ferroviária de Goiandira. Foto tirada em 01/01/68

(Arquivo pessoal de José Teixeira de Araújo ex-prefeito de Goiandira)

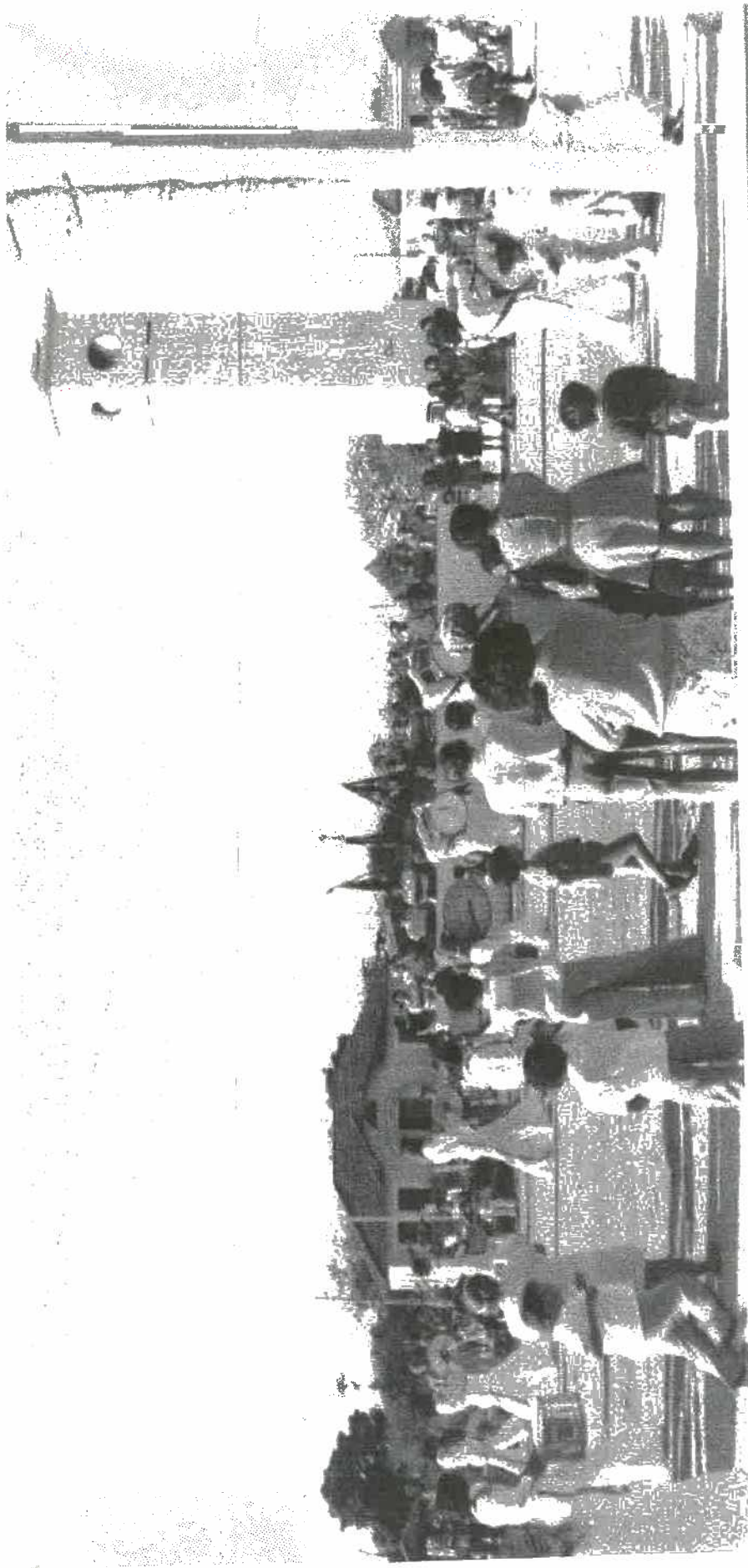


Foto 28: Vista da praça do Jardim com a torre (sem relógio) em 06/05/1967. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 29: Vista da praça do jardim (com o relógio em seu topo) e no fundo a fonte luminosa na década de 80. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



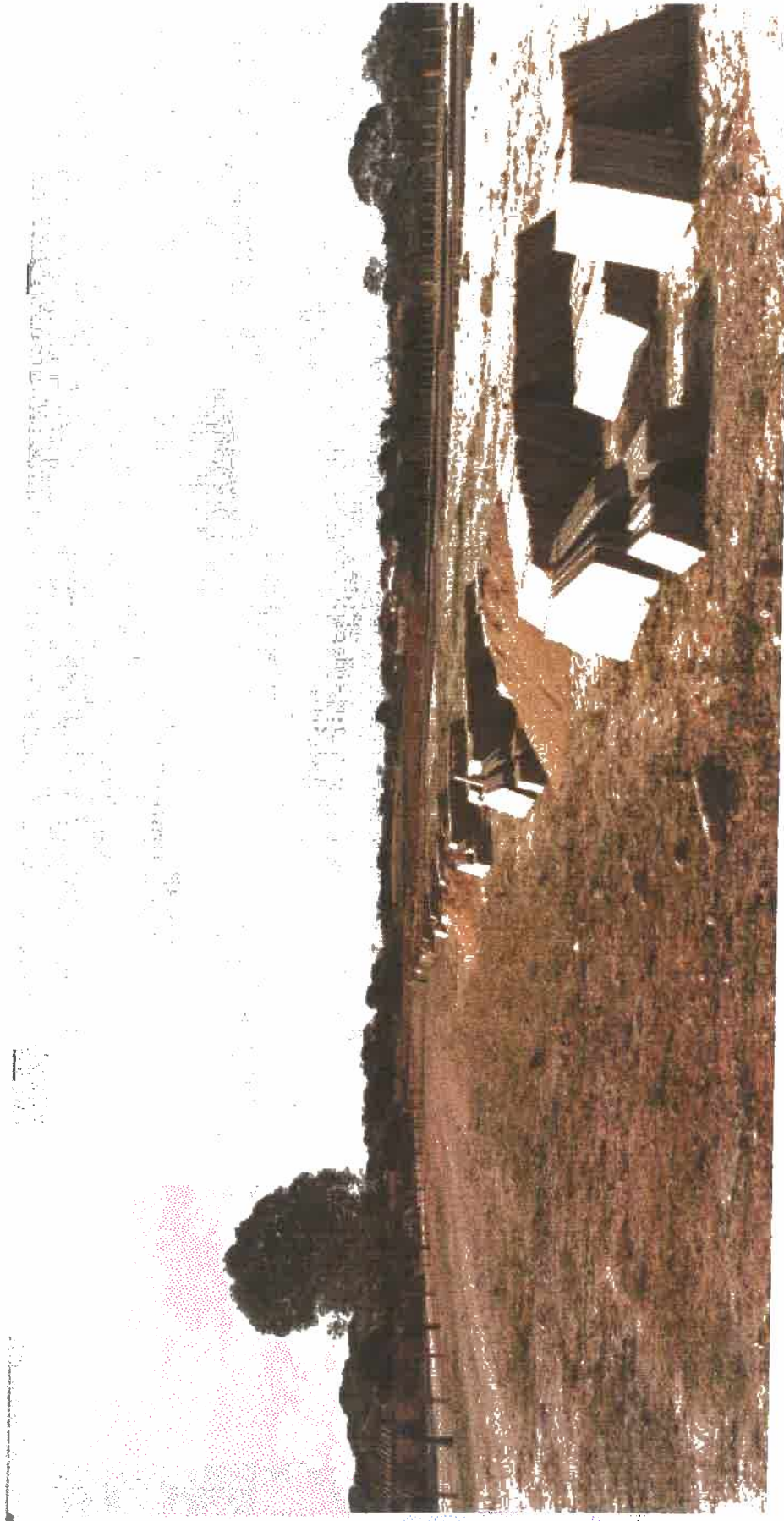


Foto 30: Início da construção da Vila Vitoriana. Junho/64 (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 30 : Construção da Vila Mutirão em sua fase final. Agosto/84. (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 32 : Construção da Vila Vitoriana em sua fase intermediária. Agosto/84 (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)



Foto 3.1 - Inauguração da Vila Vitoriana (hoje Jardim Primavera) Agosto de 84 (Arquivo pessoal de Joaquim Batista Tristão prefeito de Goiandira)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A INFORMACÃO GOYANA - Rio de Janeiro (1917-1 935).

ARAÚJO, Vivaldo J. de História da Terra Branca e Outras Coisas Mais, Goiânia, Kelps, 2000.

ANDRADE, F. Ferreira - Corografia do Município de Goiandira – 1950. e. Câmara Municipal de Goiandira. 1950.

BENJAMIM, Walter 1985. A Paris do Segundo Império em Baudelaire, In: Kathe, Flávio (org). Walter Benjamin. São Paulo, Ática, 1985.

\_\_\_\_\_O narrador In: Obras escolhidas Magia e Técnica - Arte e Política - 3º ed. São Paulo, Vol. 1-1987.

\_\_\_\_\_Técnica e Ciência enquanto ideologia, In: Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermans, Coleção "Os Pensadores", São Paulo, Abril, 1980.

\_\_\_\_\_Rua de Mão Única - Obras escolhidas II, São Paulo, Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo - Obras escolhidas III, São Paulo, Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_BENJAMIM E ADORNO: Confrontos, São Paulo, Ática, 1978.

BERMAN, Marshall. - Tudo que é Sólido Dêsmancha no Ar. A aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BERTRAN, Paulo. Formação Econômica de Goiás Goiânia: Oriente, 1978.

BORGES, Barsanufio Gomides. O despertar dos Dormentes, Goiânia: Cegraf, UFG. 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, O lugar no/do mundo. São Paulo, Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Ensaio de geografia contemporânea, Milton Santos, *Obra revisitada*, São Paulo, Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. O espaço e o tempo sociais no cotidiano. Anais do terceiro simpósio de geografia urbana, p.96.

\_\_\_\_\_. O lugar: modernização e fragmentação. In: Fim de século e globalização (Milton Santos org.) HUCITEC/ANPUR, 1993.

CAMPOS, Francisco Itami, Coronelismo em Goiás. Goiânia:CEGRAF: UFG 1987.

CARVALHO, I. B. - Fragmento da História de Ipameri - (edição do autor).

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e Organização Espacial. 4 ed. São Paulo, Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Espaço: um conceito chave em geografia. In: Castro, Iná E. Geografia. Conceitos e Temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia, 39ª ed. São Paulo, 1995, Coleção primeiros passos.

\_\_\_\_\_. "Crítica e Ideologia". In: Cadernos C.E.A.F., Rio de Janeiro, 1 (1): 21 -22 agosto de 1978.

DECCA, Edgar de; 1930 o Silêncio dos Vencidos, Memória e Historiografia, 3ª São Paulo, Brasiliense 1972.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS XXXVI - Volume Rio de Janeiro 1958, p: 174 a 176.

FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil, Rio de Janeiro, ZAHAR, 1975.

Forgaz, Maria Cecília Spina, Tenentismo e Aliança Liberal, (1927 – 1930), São Paulo, Polis, 1978.

Foulcault, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

FIBGE - Informações sobre os municípios goianos - Goiandira – 1985.

FRANCO, Maria de Souza. Povoamento do Sul de Goiás: 1872-1890: Estudo da dinâmica da ocupação espacial. Goiânia: UFG, 1975.

GOMES, Hoirestes. A Produção do Espaço Geográfico no Capitalismo – São Paulo Contexto, 1990 (Coleção Repensando a Geografia).

\_\_\_\_\_. Reflexões Sobre Teoria Crítica em Geografia – Goiânia, Cegraf, 1991

GOMES, Horieste & Teixeira Neto, Antônio - Geografia: Goiás, Tocantins – Goiânia, UFG, 1993

GUIMARÃES, Isaú Marques – Páginas. Goiânia: Cerne, Goiânia, 1978.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna, São Paulo, Loyola, 1992.

KOTHE, Flávio. "Poesia e Proletariado: Ruínas e Rumos da História", In: Walter Benjamin, Coleção "Grandes cientistas sociais" Nº 50. São Paulo, Ática. 1985.

LUKÁCS, George - História y Consciência de Classe, México: Gregalbo, , 1963.

- LUXEMBURG, Rosa. Acumulação do capital - Trad. Luiz Bezerra. Rio de Janeiro: Zahar.- 1970.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira - Pedro Ludovico: Um tempo. Um Carisma. Uma História. Goiânia - CEGRAF. 1990.
- MARIANO, Adolfo. O Poeta Nato - Goiânia: Oriente, 19..
- MARX, Karl. O método dialético, In: Marx & Engels, Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica alemã e outros textos filosóficos. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
- MARX, Karl. Construção á crítica da Economia Política. São Paulo, Martins Fontes, 1977
- MARX, Karl. El -Capital. Buenos Aires, Editorial Cartago, 1973. In: Rochabrum, Guillermo La metodologia en ei positivismo y en el marxismo a partir de la 1º seccion de El Capital Lima, Puc. 1974.
- MATOS, Odilon Nogueira de, O Desenvolvimento da Rede Ferroviária e a expansão da Cultura do Café em São Paulo - IN: Boletim Geográfico - Rio de Janeiro. 1956.
- \_\_\_ Vias de Comunicação IN: História Geral da Civilização Brasileira.
- MORAES, Antônio Carlos Roberto de.: Ideologias Geográficas – 3º Ed. São Paulo, Hucitec, 1996..
- MORENTE, Manuel Garcia, Fundamentos de filosofia I lições preliminares, São Paulo, Editora Mestre, 1976



QUAINI, Massimo, Marxismo e Geografia. Trad. Lílíana Laguná Fernandes, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

RIBEIRO, Wagner da Costa. Do lugar ao mundo ou mundo no lugar? In: Geografia Política e Cidadania Terra Livre, AGB, São Paulo, AGB 1996.

RAFFESTIN, Cláude. Pôr uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova - da crítica da geografia a uma geografia crítica, São Paulo, Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. Metamorfose do espaço habitado. 4º ed. São Paulo: Hucitec, 1996,

\_\_\_\_\_. O espaço do cidadão. 3º ed. São Paulo, Nobel, 1996.

\_\_\_\_\_. Por uma outra globalização - do Pensamento único à consciência universal, São Paulo. Recorda, Rio de Janeiro – 2000.

\_\_\_\_\_. Técnica espaço tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional São Paulo, Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço. Técnica e tempo razão e emoção. São Paulo Hucitec, 1996.

Silva, Armando Corrêa da. O espaço fora do lugar. São Paulo, Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. Geografia e lugar social. São Paulo, Contexto, 1991.

SILVEIRA, Paulo - Poulantzas – “Coleção Grandes cientistas sociais” Nº 47.  
Ed. Ática, 1984.

Sója, Edward. Geografias Pós-modernas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.